



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CULTURA
CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO

JESSÉ PINTO CAMPOS

A LEITURA POR VIR:

Melodias poéticas do aprender-ensinar nas travessias do texto-leitor

**Cametá-PA
2018**

JESSÉ PINTO CAMPOS

A LEITURA POR VIR:

Melodias poéticas do aprender-ensinar nas travessias do texto-leitor

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Tocantins/Cametá, Linha de Pesquisa Educação, Cultura e Linguagem, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação e Cultura.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Gilcilene Dias da Costa.

Cametá-PA
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- C198l Campos, Jessé Pinto
A Leitura Por Vir : Melodias poéticas do aprender-ensinar nas travessias do texto-leitor / Jessé Pinto Campos. — 2018
131 f.
- Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC), Campus Universitário de Cametá, Universidade Federal do Pará, Cametá, 2018.
Orientação: Profa. Dra. Gilcilene Dias da Costa
1. Leitura. Por vir. Devoração. Experiência literária. Aprender-ensinar. I. Costa, Gilcilene Dias da, *orient.* II. Título
-

CDD 370

A LEITURA POR VIR:

Melodias poéticas do aprender-ensinar nas travessias do texto-leitor

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Tocantins/Cametá, Linha de Pesquisa Educação, Cultura e Linguagem.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Gilcilene Dias da Costa
(Orientadora – PPGEDUC/UFPA)

Prof.^a Dr.^a Karyne Dias Coutinho
(Avaliadora Externa à Instituição – PPGED/UFPA)

Prof. Dr. Luís Heleno Montoril Del Castilo
(Avaliador Externo ao Programa – PPGL/UFPA)

Prof. Dr. José Valdinei Albuquerque Miranda
(Avaliador Interno – PPGEDUC/UFPA)

Prof. Dr. Cezar Luís Seibt
(Suplente Interno – PPGEDUC/UFPA)

Data da Defesa: 27 de março de 2018. Hora: 18:00. Local: Sala 1 do PPGEDUC

Cametá-PA

2018

*Dedico à leveza e ao amor dos meus pais e aos
tenros sorrisos dos meus amigos ao longo da
caminhada.*

Agradecimentos

A caminhada repousa no momento tênue, após o voo leve desta escrita. A escrita em seu papel de esculpir novas tábuas dança nas emoções do voo, onde não se voou solitário. A alegria da caminhada segue as melodias doces dos sorrisos, do virar da página, do cair das folhas, da leveza do tempo, das tempestades, do mar, dos rios, do amor e da emoção. Agradeço as coisas ínfimas da caminhada, o som dos pássaros, os dias de sol, os dias nublados, as pausas das viagens, as intensas travessias nos livros e lugares que revisei ao longo do tempo subjetivo desta pesquisa. A escrita foi se tecendo nos desvios da imaginação criadora, nas escutas dos mundos e dos outros ouvidos, por mais angústia ou dúvida que tivesse encontrei reconforto de outra alma a ouvir e me aconselhar, agradeço. Agradeço à CAPES pelo fomento da caminhada, com este fomento para a pesquisa pôde navegar nos livros, nas poesias do pôr do sol, nos cantos das sereias, nas melodias da felicidade clandestina, nas tormentas de Homero, nos encontros marítimos de Foucault e Blanchot, no fora da palavra literária e suas ausências, experiências e vazios, entre outras melodias vividas e propiciadas pelo apoio imprescindível da instituição e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura onde me experimento pesquisador.

As emoções continuam a voar e a força do voo é sustentada pelo carinho dos meus pais, pessoas essencialmente singulares que me proporcionaram céus e terras, tempo e liberdade. O dia inteiro passara a escrever mergulhado na leitura e escrita dos ensaios, sem hora, meus pais interrompiam o estudo para me lembrar como é viver no amor de uma família. À noite ficava acordado a estudar e podia sentir a torcida deles a me fortalecer. Agradeço imensamente o apoio nas horas difíceis e os sorrisos nos cafés da manhã, nos almoços, em todos os outros momentos em que estamos juntos. Na caminhada sempre de mão dadas estava com a força de vocês, com sua força poderia sair a voar pelo mundo e alcançar solos desconhecidos. Em seu ninho, sempre aprendi a liberdade do voo em seus riscos e perigos, os voos impulsionados por meus pais, e por mais difícil que a caminhada se fazia, lá estava a mão deles a me apoiar e me erguer para o voo.

O voo segue a me ensinar lições valiosas, pouso, e começa a andar. Na caminhada acadêmica avisto uma mulher, uma mulher com alma de menina, era

possível ver em seu sorriso uma inocência leve. A mulher se transfigurou em menina, sua leveza contagia todos que com ela caminham. A menina ensinou lições de inocência, leveza, amor, paciência, empatia. A menina sempre estava a sorrir para o mundo, sorria até mesmo na tempestade, quando a tempestade cai, dança na chuva sem medo, em seu estado de liberdade. A menina se transfigurou na mulher devoradora e a transfiguração pouco mudou sua alma, seu estado de infância sempre a acompanhara em suas transfigurações, a menina-mulher começou a me ensinar a leveza da pesquisa em educação, segui sua orientação, na busca de uma leitura por vir e suas melodias e travessias, lições valiosas. Os ensaios foram tecidos no rumor da profecia desta menina-mulher, desde longo tempo, desta forma, segui seus passos na busca de me perder no caminho. Suas pegadas ainda me ensinaram a dançar a leveza do mundo, melodias e seu por vir, algo que agradeço e sempre devorarei comigo em outras jornadas.

A menina-mulher trouxe em seus rastros outros andarilhos, com eles aprendi outras lições que gostaria de agradecer. Ao andarilho Valdinei, agradeço, suas contribuições formais e informais a esta pesquisa, e ainda, as aulas sempre valiosas, os comentários sempre provocantes nos eventos, a disponibilidade de uma conversa de corredor, em suma, agradeço sua amizade tecida ao longo desses bons anos. Ao andarilho Luís Heleno, agradeço os comentários tecidos no momento da qualificação, os quais me instigaram a equilibrar ordem e caos nos movimentos da escrita dos ensaios, na tentativa de experimentar o apolíneo e o dionisíaco. À Karyne Coutinho, participe errante que ora se encontra com os movimentos desta escrita, compondo outros olhares.

O sol nasceu mais um dia e a caminhada convida a desenhar uma possibilidade desconhecida de uma vontade de aventura. Foi na pulsão pelo desconhecido que os ensaios foram tecidos... A cada desvio um desafio mortal se desenhava, os desafios compartilhei com outros andarilhos, os meus amigos foram importantes para cada vitória. Nas horas em que estava perdido, perdia-me junto com eles, e logo mais a profundidade encontrava. Agradeço aos meus amigos o sorriso afável, as histórias engraçadas construídas juntas, a leveza da vida, o abraço acolhedor, a torcida, a luz, as memórias, tempos e devorações tecidas nos entremeios dessa caminhada. Agradeço!

A linguagem em que fala a origem é essencialmente profética. Isso não significa que ela dita os acontecimentos futuros; isso quer dizer que ela já não se apoia sobre o que quer que seja, nem sobre uma verdade em curso, nem sobre a única linguagem já dita ou verificada. Ela anuncia, por que começa. Indica o porvir...

(Maurice Blanchot, Uma voz vinda de outro lugar)

Resumo

A leitura e o *por vir* são as melodias de devoração tecidas no ensaio desta escrita. As melodias por vir, o canto das sereias, os ritos canibais, os abismos, as transfigurações, a experiência literária, a poesia... ressonam travessias do texto-leitor. Um sorriso afável. A potência da tempestade. A força e a leveza do vento. O mar e suas profundezas e marés. As melodias inauditas devoram o leitor e os sentidos da leitura, deixando em aberto a palavra literária nas melodias do aprender-ensinar. Um canto por vir e um abismo sedento por transfiguração e devoração. O ímpeto devorador é o motor da travessia. A leitura por vir navega na desterritorialização de sentidos usuais do texto-leitor, entoa um canto por uma leitura primitiva da entrega e da liberdade, uma navegação à deriva, sem rumo e no rumor da superfície da palavra literária e suas profundezas. A leitura por vir escorrega nos abismos, transfiguração e devoração do livro por movimentos de devires, incompletudes, vivências, afecções (des)encontros do texto-leitor. A leitura por vir experimenta a desterritorialização do espaço literário e dança na liberdade da palavra e do silêncio onde encontra a poesia, e na poesia abraça outro aprender-ensinar na criação. As leituras contidas nos ensaios que compõem a escrita-experimento se deslocam por platôs rizomáticos (Deleuze e Guattari, 1995) engendrados por caminhos singulares, ensaios livres, onde se enseja navegar na aventura de uma leitura por vir, como em Blanchot *A conversa infinita: a ausência do livro* (2010), *O Espaço Literário* (2011), *O livro por vir* (2013) e entre outras melodias, como em Nietzsche (2011, 2012), Foucault (2009), Proust (2011, 2012, 2013), Costa (2008, 2016), Skliar (2014). Na travessia, uma leitura por vir arrisca se delinear nesta escrita-experimento que se avizinha com a filosofia, a literatura e a educação, em vertigens de criação estética e deleite inquietante da palavra literária em mundos '(des)dobrados' em melodias poéticas do aprender-ensinar nas travessias do texto-leitor. O pouso da leitura por vir dança a melodia poética do texto-leitor em movimentos do devir, por cantos enigmáticos das sereias, da devoração e dos abismos da imaginação criadora, a poesia.

Palavras-chave: Leitura. *Por vir*. Devoração. Experiência literária. Aprender-ensinar.

Abstract

The reading to come is devouring melodies woven in this essay. Melodies to come: the song of the sirens, cannibal rites, abysses, transfigurations, literary experience, poetry resonate crossings the reader-text. A lovely smile! The storm power! The wind strength and lightness! The sea depths and tides! Unheard melodies devour reader and reading sense in an open literature space the reader dances in the learn-to-teach melodies. A song to come shows abyss for transfiguration and devouring. The devouring impetus is the motor of the crossings. The reading to come navigates in the deterritorialization of the usual meanings of the reader-text. It chants a primitive reading melody in freedom and arrival, an adrift navigation, without route and in the rumor of the surface of the literary word and its depths. The reading to come slips in the abysses, transfiguration, and devouring of the book in becomes movements, incompleteness, experiences, affections encounters or mismatch of the reader-text. The reading to come experiences deterritorialization of literary space and dances in the literacy word freedom and silence where the reader finds poetry when reader find poetry he embraces another learn-to-teach in an image of creation. The readings paths the essays are composed move from writing-experiment through rhizomatic plateaus (Deleuze and Guattari, 1995) engendered by singular ways, free essays, thus, we will aim to navigate in the adventure of a reading to come, as in Blanchot *The infinite conversation* (2010), *The Space Of Literature* (2011), *The book to come* and others melodies, as Nietzsche (2011, 2012), Foucault (2009), Proust (2011, 2012, 2013), Costa (2008, 2016) and Skliar (2014a, 2014b). In the crossing, a reading to come risks outlining in this writing-experiment that is approaching with philosophy, literature, and education, in the vertigo of aesthetic creation and disquieting delight of the literary word in worlds unfolded in poetic melodies of the learn-to-teach at the crossings of reader-text. The landing of the reading to come dances a poetic melody of the reader-text in movements of the becoming for enigmatic songs of the sirens, the devouring and the abysses of the creative imagination, the poetry.

Keywords: Reading. To come. Devouring. Literary experience. Learn-to-teach.

Sumário

Árias conceituais.....	12
O tempo (re)descoberto da leitura	21
Voo por vir.....	31
O canto por vir da sereia.....	49
A leitura por entre abismos e transfigurações	66
Festim antropofágico: arte de ler com devoração.....	84
Melodias poéticas do aprender-ensinar	104
Pausos por vir	124
Letras & Poesia.....	129

Árias conceituais

A melodia começa a tocar e o canto dos pássaros voa em meio às transfigurações da leitura. O canto à melodia por vir apresenta uma latência da profundidade do livro que pulsa nas veias do leitor. As batidas do coração selvagem do leitor contraem e explodem. O fluxo do sangue desperta nele uma transfiguração de si por melodias novas, aqui as melodias poéticas do texto-leitor fluem na potência das sereias, no sangue canibalesco da devoração, na poesia criadora, nas reminiscências de um tempo redescoberto, no caminhar entre voos e pousos. A leitura caminhará fora da realidade utilitarista, e assim, o leitor aventurar-se-á nas latências da leitura onde seu corpo reage à poesia do livro vir. O por vir é a dança errante que voa em direção à profundidade, é tempo de voar e pousar entre caminhos e recomeçar a andar. Quais caminhos me levaram a deleitar o por vir indeterminado?

A leitura, na contemporaneidade produz verdades totalizantes, o leitor ordinário e o leitor moderno leem o livro por uma razão utilitarista, valoram uma leitura enquanto decodificação e ensinam a leitura na experiência fria e funcional da reprodução demasiadamente rápida. Destarte, a competência da leitura é medida pela preparação silábica, e ser competente implica em compreender sentidos já instaurados em uma sociedade que insiste em repetir. Chega de reproduzir antigos manuais! Queremos uma leitura no limiar do por vir enquanto criação de sentidos deslocados, indeterminados. Uma leitura na profundidade dos rizomas que brotam por diferentes sensações e caminhos.

Nos caminhos da leitura seguiremos por voos e pousos por conceitos que guiaram os ensaios, neste ponto apresentaremos tais conceitos ressonados na melodia poética da escrita. Os conceitos dançam a partir de movimentos, a dança começa: O *abismo*, o abismo exige a coragem para sucumbir à eminência da morte no mergulho obscuro da profundidade das águas (leitura) onde a travessia faz brotar incertezas no leitor, que agora habita o abismo profundo desconhecido da leitura. O leitor caminha nos abismos que se abrem na leitura, nos abismos tenha coragem de caminhar pelas singularidades – que flutuam em meio às constelações das águas –. Destarte, cair no abismo implica em ser transfigurado pela profundidade da leitura, para assim, esquecer a unidade e abraçar o inexplorado da aventura. O abismo é a cavidade rizomática que

brota mortal dos desvios e incertezas. O abismo convida o leitor por vir a pertencer às profundezas do pensar inexplorado, um novo caminho, um desvio mortal dos sentidos, sensoriais e interpretativos, rizomas cartográficos que adentram cavidades desconhecidas em direção ao por vir do movimento desterritorializado do espaço sem tempo.

O ímpeto de *transfiguração* devora o leitor, a leitura e o por vir. A transfiguração é o efeito de transfigurar a duração do tempo e do espaço pertencido na leitura, onde as sensações mudam de feições, uma alteração das normas, das verdades, das mentiras, alteração de qualquer ideia totalizante... A transfiguração é a possibilidade sem tempo de mudança, tendo em vista que caminha pelo desejo sem guia ou rota estabelecida. A transfiguração é a irrupção do silêncio sobre os sentidos ou sobre o som, o silêncio não enquanto ausência nula e sim como fala múltipla. A transfiguração da leitura possibilita adentrar a linhas corporais que não são suas, a fim de conflitar com potência a razão invasora da alma do leitor e reverberar sentidos e outras sensações. Transfiguração criadora da devoração.

A *travessia* apresenta o caminhar, porém seu movimento “não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio” (GUIMARÃES ROSA, 1994, p. 85). Ao habitar a travessia o corpo reage às travessias das sensações do caminho e suas diferentes territorialidades. A travessia embriaga quem se propõe a atravessar, e o tom da transfiguração das melodias em travessias. O corpo então sente a eminência da transfiguração e se entrega à travessia. A travessia apresenta sentidos que só poderão ser devorados pela embriaguez e acolhidos pela ruminação. O caminho abre a possibilidade da aventura, há quem prefira desbravar os espaços e tempos do livro e da leitura em suas singularidades e multiplicidades de sentidos. Todos os caminhos! Mas não a toda dominação, não a toda rota, nem todo livro. A travessia é a entrega seletiva da devoração, portanto abandone livros que propõem inércia e se lance à aventura por vir da leitura se estiver disposto à travessia.

A *devoração antropofágica* (COSTA, 2008) como exercício radical do desejo. “Devoração como desejo, apetite, ímpeto, rebeldia” (COSTA, 2008, p. 20). O ímpeto de devorar ensaja o que não é nosso. *Lei do antropófago*. A devoração exige deglutição e ruminação. Os sentidos aqui precisam ser acolhidos pela lentidão, ruminação e desejo. Destarte, a devoração apresenta o novo por transfiguração. O livro então, o sujeito a ser devorado, transfigura-se em outro, leitor canibal. Esse que devora o livro em lentidão e ruminação, pois há quem prefira a rapidez da instrumentalização da leitura. O leitor

canibal-sertanejo apresenta um canibalismo por vir da leitura que se avizinha por territórios desconhecidos, rotas tortuosas impulsionadas pela rebeldia da aventura; caminhos que precisam ser acolhidos ou refutados pela devoração. A leitura por vir enquanto devoração lança o leitor à renovação sem dominação ou fácil fastio.

A devoração é o elo que liga o outro desconhecido à alma inocente. Devorar o outro para fortificar a alma e, afastar do seu interior discursos fixos totalizantes. A nutrição da devoração cria defesas, cria sentidos. A devoração ainda apresenta uma vertigem. A vertigem é a sensação devorada na lentidão dos sentidos do livro por vir, o movimento de transfiguração experimentada pela embriaguez e entregue ao livro por vir. A vertigem é o sentido ou sensação que habitou pela ruminação, e desse instinto a leitura por vir é a vertigem que toca a alma do leitor e transfigura as sensações da travessia do espaço, campo das desterritorializações, e o tempo, vertigem singular que brota do livro em rizomas, sentidos que irrompem as singularidades sem início ou fim, a travessia.

A busca pela leitura avizinha-se à figura do *andarilho* – acepção nietzschiana – caminha por entre cumes e abismos da profundidade. Caminha por uma infância nos porões das memórias, Zaratustra, o andarilho, relembra as caminhadas delineadas na infância, territórios desbravados solitariamente. No ímpeto da aventura se intitula o andarilho: “Eu sou um andarilho e um escalador de montanhas” (NIETZSCHE, 2011, p. 145). O andarilho aventura-se entre os limites e enfrenta os riscos e desvios das escaladas, pois enseja aventura do cume e a profundidade do abismo e “disse para seu coração, eu não gosto de planícies e, ao que parece, não posso ficar muito tempo parado” (NIETZSCHE, 2011, p. 145). O espírito do andarilho enceta o movimento no fluxo do sangue que corre em suas veias, não consegue ficar parado por muito tempo, uma vez que impulsionado é pela descoberta, o sangue ferve e seu desejo é desbravar. A inércia das planícies descortina um universo frígido, previsível, sem aventura e desvios.

O andarilho enseja a devoração. O espaço e tempo em vastidão das singularidades. A singularidade é a sensação dos sentidos, entretanto, longe as linhas retas ou planícies. O universo longe do plano linear no espaço e tempo líquido da descoberta das sensações. O andarilho voa na liquidez do descolamento em plena expansão dos buracos que perfuram a razão linear. A devoração lança o andarilho ao universo desconhecido, pois o cume está sempre na expansão da descoberta, desta forma o andarilho ao criar rizomas e teias, devora os sentidos no intuito de (re) criá-los. No movimento, na criação dos “conceitos se alocam, se deslocam, mudam de ordem e

de relações, se renovam e não param de criar-se” (DELEUZE, 270). Este é o andarilho por vir, fruto da territorialidade e da criação. O criador do deslocamento que experimenta diferentes melodias, transfigurações e travessias. O inventor do leitor e da leitura.

O *navegador*, homem forte e do movimento ousado (BLANCHOT, 2011), de coração selvagem. O coração selvagem é o tom da profundidade que guia o leitor pelas singularidades e multiplicidades. O navegador do coração selvagem devora a rota e ousa novos sentidos ao navegar. O navegador jovem devora os sentidos, sensações, culturas, dominação, razões totalizantes... E coloca no mar outros sentidos. A jovialidade é a pulsão do coração do navegador que não mede o ritmo e o risco da leitura por vir. O navegador propulsor da viagem enseja os caminhos singulares e possíveis. Destarte, o navegador veleja pelas águas desconhecidas sem pretensão de porto para ancorar, sem prejudicar rota, seu coração selvagem intui a aventura livre das âncoras das razões.

O navegador veleja por rotas desconhecidas e seu movimento de descoberta é errância. A errância é a duração da viagem que perdura o curso da vida, mas não parte de nenhum ponto ou caminha para algum começo ou fim. Antes mesmo do início, recomeça. Antes de ter experimentado, repete, em busca da vertigem transfiguradora da errância da alma, sem ponto de partida ou começo, sem ponto de chegada ou saída. A errância se transfigura no finito que o navegador suspeita, porém acolhe com certo desassossego. No íntimo o navegador perverte o finito no espelhamento real e irreal do livro, pois acredita que o mundo reflete o livro. Ao refletir o mundo, o leitor por vir abraça a errância no movimento “esférico, finito e sem limites” (BLANCHOT, 2013, p. 139). Os conceitos continuarão a brotar do texto, vocês serão embriagados pelos rizomas mutáveis e singulares do caminhar.

Caro amigo, sinto a necessidade de lhe apresentar os caminhos trilhados até aqui. O fio do labirinto que se apresenta tentarei ser, entretanto, aviso que não há linha reta, nem caminhos fáceis, nem atalhos ou brevidades, tampouco rota de fuga. Confrades! Peço que não escolham um lado, não sejam dogmáticos, não pensem a verdade como imutável! Não tenham o limite como última barreira a ser transposta e acima de tudo, desconfiem de tudo, desconstruam conceitos, moral, arrogância, vaidade e dispam-se de todo o “sabido” para adentrar nas águas escuras e frias do desconhecido da leitura. Destarte, tais ensaios nascem com o intuito de reconciliar o espírito com o desassossego, e nos lembrar das angústias, do caos (este que cria e não nos limita), da

cólera, da dor... tendo em vista a renovação da leitura por uma vertigem original que nos reconcilia com a criação.

A leitura dança na melodia do por vir, e vice e versa, imbricado em melodias, transfigurações e travessias. Sentidos que me fizeram questionar a leitura na contemporaneidade, colocando a leitura em questão: Quais melodias *por vir* a leitura entoia nos contornos da relação texto-leitor? Quais travessias a leitura exige ao desconhecido leitor? Quais transfigurações o contato com a leitura provoca? Quais abismos a leitura apresenta? Quais melodias, transfigurações e travessias se constroem no encontro com a leitura? Qual liberdade habita em nossa inocência? Quais caminhos e deslocamentos Blanchot, Proust e Nietzsche nos proporcionam para perspectivar uma leitura *por vir*? Como cultivar a leitura enquanto poética da educação?

Os caminhos que trilhei neste itinerário de uma *leitura por vir* me levaram a habitar diferentes territorialidades, ao caminhar desterritorializei os horizontes desconhecidos, céu e terras, mar e fogo, sensações que começam a ser devoradas em lentidão, assim, peço que não escolham um lado ou até mesmo pensem que serei eu quem anunciará ao mundo “o leitor futuro”. O ensejo desta leitura desbravara horizontes, perpassando por três iniciais movimentos: 1) Pensar a leitura enquanto *por vir* e suas ressonâncias blanchotianas, com intuito de mergulhar nas profundezas da imaginação criadora, em suas melodias e abismos. 2) Adentrar aos abismos e transfigurações da leitura *por vir* como devoração, a fim de perspectivar outros gestos de leitura entre sensações e desejos. 3) Interligar as melodias, transfigurações e travessias da palavra literária aos aspectos do aprender-ensinar da formação do leitor, vislumbrando uma leitura enquanto poética *por vir* da educação.

A rota de navegação da pesquisa se desenvolveu por ensaios (naus) livres e independentes, todavia, ensaios com conexões rizomáticas, em que “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo” (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 10), e pelos rizomas da leitura habitaremos melodias, travessias e transfigurações do texto-leitor. O rizoma modela-se na ramificação do estético onde segue a espalhar, esconder, perfurar, abreviar e perdurar no caminho, ou melhor, sem o caminho. Nesse movimento o rizoma escapa às razões totalizantes por linhas de fugas, escapa aos pontos fixos das raízes, e por suas superfícies libera rizomas. Os ensejos rizomáticos desbravaram marés de águas profundas e superfícies de leituras, onde as correntes teóricas impulsionaram a invenção de rotas, em meio aos rizomas das nossas experimentações inscritas nos ensaios de escrita a seguir.

Tal tentativa de itinerário também adentrou no movimento livre da leitura, que, apesar de livre se estabelece em “linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação” (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 10). E assim mergulhei em águas turvas, águas das memórias, que se construíram por melodias ao lado de Blanchot: *O livro por vir* (2013), *O espaço literário* (2011), entre outros tons, Foucault: *Estética: literatura e pintura, música e cinema* (2009); Nietzsche: *A Gaia Ciência* (2012), *Assim Falou Zaratustra* (2011); Costa: *Trilogia antropofágica: a educação como devoração* (2008), *No quarto com Proust; Nietzsche, Deleuze: notas sobre o desaparecimento do leitor na literatura* (2016); Skliar: *Desobedecer à linguagem: educar* (2014a), *O ensinar enquanto travessia: linguagens, leituras, escritas e alteridades para uma poética da educação* (2014b), entre outras melodias. Melodias que abraçam a travessia e a transfiguração da leitura alçam voos leves entre vários territórios e desterritorialidades, com propósito de perspectivar uma leitura por vir entre desejo e criação.

Na foz das águas destes escritos, há uma melodia rizomática a ressonar suas vibrações, desaguando em um plano de composição e de atravessamento entre filosofia-literatura-educação que levará à experimentação da leitura por diferentes sensações, singularidades, memórias, cânticos enigmáticos de um *por vir*, com devoração e poesia. Aos navegantes, um aviso é importante: não há aqui a intenção de instaurar um valor para a leitura, nem dizer que tal caminho experimentado será o ‘fio condutor’ dos profetas (como bem adverte Blanchot na epígrafe deste trabalho), pois aqui partilhamos a dispersão de sentidos pela liberdade imaginativa de uma *leitura por vir* lançada no limiar de voos e pousos provisórios.

São seis os movimentos rizomáticos, não hierarquizados, ensejados para a composição de uma escrita ensaística de uma *leitura por vir*:

O Tempo (Re)descoberto da Leitura apresenta a leitura na travessia íntima deste que escreve... As águas gélidas dos abismos descortinam a reminiscência de uma infância delineada nas experiências da leitura. É meia noite, e as sensações flutuam no imaginário inocente de minha infância que aspira às vivências singulares do livro, e a cada página sente os movimentos das histórias que se transfiguram no contato da alma do leitor, em devires da imaginação criadora... O memorial de uma vivência onírica apresenta um cotidiano amazônico por uma vertigem literária sem medo de estagnar, reconhecer, habitar e apresentam outras ressonâncias. O itinerário é tecido pelo desejo

de ler em plena devoração dos livros, mas sem intuito de ser um leitor por vir. O ensaio faz uma leitura dos sentidos e sensações das profundezas que me habitaram na leitura por o amor à leitura (sem possessão) e embriaguez.

O **Voo por vir** e seu conceito. Voe leitor na liberdade da leitura para além da experiência fria e funcional das nossas instituições. No sobrevoo caminhe por novos caminhos ainda desconhecidos de uma leitura livre do ímpeto da razão. Ó leitor, dança no vento e veja um por vir enquanto possibilidade do novo, a cada voo e pouso. A leitura por vir voa no conceito da liberdade, tendo em vista que o por vir não é um futuro distante de infinito alcance, quando muito, é um “ainda não” em vias de fazer-se, uma indeterminação. O por vir caminha na possibilidade de inocência com *Ernesto*, o menino que lê um livro queimado em seu vazio plural de sentidos, e no vazio inventa a criação de outros mundos ou sentidos pelo imaginário fora da realidade. O leitor segue o mundo do livro, nos simulacros habita. Assim, o leitor ouve melodias de renovação e inocência.

O **canto por vir das Sereias**. A melodia começa a embriagar o leitor no tom gélido do vento, começa a transparecer, e o assvio das correntes marítimas prediz aventura por vir da melodia do desejo das sereias. Ao deleitar o poente do sol as sereias aguardam homens fortes e do coração selvagem, homens dispostos a sucumbir pelo enigmático canto sedutor das sereias. O convite que emana do canto arrebatava os navegadores e os arremessa às profundezas. O belo enigma das incertezas o desconhecido apresenta, ao olhar o desconhecido a escuridão flutua no abismo das profundezas onde o canto das sereias devora os navegadores, e ao devorar desapropria das territorialidades e coloca na possibilidade eminente da morte, a travessia. O navegador se lança à realidade e busca a travessia. E ao longe vislumbra a melodia *por vir*... O navegador ao ouvir tal melodia larga o timão e sua rota segue o desvio do canto. No desvio o navegador (leitor) se entrega à transfiguração na travessia do canto das Sereias. E ao adentrar na profundidade da melodia a leitura aspira a um leitor valente, capaz de atravessar a morte e alcançar o interior do canto. Mas como sairá? Conseguirá?

A **Leitura entre abismos e transfigurações** segue o movimento da água e sua força arrebatava o coração mais frio e funcional, ao ser arrebatado pela força das águas, tome fôlego e viva novamente, porém, viver novamente com almas afetadas pela transfiguração. É hora de viver a leitura entre abismos e transfigurações, no intuito de caminhar na leveza e nos rizomas por um *por vir* indeterminado. Assim, o ensaio caminha por uma leitura na potência do vento e do mar, a fim de trazer da profundidade

sentidos novos... O vento e o mar estão dispostos a destruir qualquer movimento edificado por críticos ou eruditos no labor de sua produção. A leitura coloca no mundo possibilidades libertadoras, um mundo desconhecido onde o leitor vibra uma descoberta clandestina de um livro sem rosto que o leitor anseia conhecê-lo, como uma ‘felicidade clandestina’ em Clarice Lispector. Um livro desconhecido a cada novo olhar singular, ao sentir as singularidades o corpo reage ao prazer clandestino que emana do livro. O livro e leitor caminham na criação das sensações e assim seremos convidados a experimentar a leitura por outro viés, uma leitura que se delineia na criação de novas leituras.

O **Festim Antropofágico: Arte de ler com Devoração** revigora um desejo de *devoração antropofágica* (COSTA, 2008) da leitura, a leitura em movimento, no ritmo do desejo e acolhimento. Anda, andarilho, na fome, porém sem fácil fastio, pois a *devoração* como arte da leitura anseia a renovação dos sentidos da leitura. *Andarilho-Fabiano* desconhece a melodia de produção e apenas caminha errante nos desvios mortais da caminhada. Melodias canibalescas arrepiam! A melodia é o impulso devorador. No ritual devore o outro por seus feitos, acolha ao passado em suas virtudes e defeitos para assim fortificar o espírito. Cante o novo por uma antropofagia transfiguradora da leitura. Ande, andarilho, nas transfigurações dos conceitos, das verdades, dos leitores, dos autores, das culturas... e comece a criar novos sentidos de si e do outro. A devoração é um caminhar na renovação por um desejo seletivo. Ande, andarilho, no mundo em seus simulacros por suas dessemelhanças e nele passe a caminhar sem morada fixa e voo e pousa na possibilidade sempre em movimento.

As **Melodias poéticas do aprender-ensinar** dançam na poesia como potência de criação, a poesia é escrita livre que ensina ao leitor a criar sentidos. A leitura se cria no limiar da poesia, livre de amarras... O leitor habita a liberdade do pensar, e cria um ensinar e um educar na liberdade da leitura. O educar enquanto poesia enseja um tempo-espço desterritorializado. Os espaços e os tempos da leitura em sua multiplicidade da palavra literária para que se possa pensar em uma leitura por melodias poéticas. A leitura por vir nasce do dorso do tempo-espço, onde a poesia dança nas melodias dos sentidos e palavras poéticas, outros tons ao leitor por vir. Leitor por vir, ande na potência criadora de novos sentidos e assim instaure outros movimentos castos... A leitura em suas melodias caminhará na poesia sem atividade reguladora... Uma poesia do ínfimo que aprende-ensina a olhar e transver as singularidades da leitura e da vida. Livre às singularidades são sensações vivenciadas no livro pelo pôr do sol, estradas de

chão, o vento, o mar, folhas a cair... A leitura nasce na liberdade por vir, na transfiguração dos sentidos, na devoração e em seus abismos.

A leitura voa na liberdade de suas criações. Tais ensaios de criações inscrevem ao longo do texto sentidos outros da leitura por diferentes vertigens, sentidos rizomáticos, quiçá livres das razões totalizantes. Nos voos veremos a possibilidade outra da leitura, desenhada no movimento por vir onde o leitor voa e pausa. Nos “pousos por vir” os sentidos dispersos são acolhidos na devoração, por fim, o pouso dança na poesia e seus abismos e melodias transfiguram o leitor, e agora transfigurado começa a pousar na criação de terras, sentidos, melodias, danças... Ao criar novos espaços e tempos, acolhe e refuta. O pouso desterritorializa as verdades que querem se perpetuar como absolutas e apresenta uma leveza poética da leitura, no tempo e espaço da criação por vir da leitura.

O Tempo (Re)descoberto da Leitura

A leitura *por vir* libera os sentidos! O desejo é a potência devoradora do mundo! O leitor por vir entrega-se à vertigem transfiguradora! Deseja amar, chorar, viver, morrer e sentir a devoração do outro, adentrar as veias. Deseja pulsão! Deseja latência! Deseja potência! E não fama por ter burlado o tempo da obra ou da aventura! O leitor por vir não enseja se afogar na beira da praia, pois, anseia a beleza de leitura que se desfaz nas profundezas onde sua razão é embriagada pela travessia. O leitor por vir transmuta-se pela travessia, enfrenta o caos da tempestade e caminha em meio ao mundo entre veredas sem direção.

Na tentativa de caminhar pelos (des)territórios da leitura por vir, trilharei tramas da memória que me fizeram pousar no momento! O voo por vir da leitura começa no mundo das histórias, das horas em que a luz apagava, e os mais velhos falavam das histórias da *Matinta Pereira*, Anhangá, da Iara, do boto, da cobra de fogo que lanceava por entre as águas frias da noite de luar. As histórias desenharam no interior da cultura a figura da *Matinta*, mulher que voava madrugada a dentro, a fim de encontrar conquistas, sua melodia era aguda e estarrecedora. Era possível ouvir ao cair da noite, o brilho da lamparina tremeluzia e o medo invadia o coração e a desconfiança nascia. Alguém sempre respondia, com medo de que o terror do canto assombrasse seu habitar e agora o contrato estava feito, a transfiguração se dissolvia pela manhã. O canto de outrora era a promessa da conquista que cedo vinha bater à porta e na lua cheia seguinte a *Matinta* então se transfigura no pássaro e se põe a voar.

A *Matinta* vislumbra na água o dorso da transfiguração. As ondas se movimentam e uma figura branca emerge da água. É sedução a vestimenta que se põe a bailar, e ao adentrar no salão o boto lança seu olhar à jovem que se encontra no canto, a noite inteira dançam, e a sedução irrompe o movimento do corpo, é a dança a promessa momentânea de um amor para a vida inteira. Os laços se tecem pela transfiguração, e quando a sedução está completa chega a hora de retornar à água; a transfiguração se desfaz e nela dissolve a concretude do homem, nasce o outro ser transfigurado, metade razão e metade magia. E o boto se lança na água e segue o movimento das correntezas.

Ao descer por entre rios o boto ouve a melodia da Iara, melodia sedutora que confunde os homens e protege na profundidade do canto um tesouro, que Iara convida pela melodia. Um lugar onde a realidade do tempo se tece pelo movimento das águas e

o espaço outro se desfaz no convite de Iara à travessia da razão ao prazer imaginário da morte, e quem atravessa a realidade do canto ouve a liberdade, riqueza e magia. É preciso então descer às profundezas do canto e se lançar aos perigos da água. Iara, então, é o prazer supremo da entrega.

Iara observa a mata e ouve outra melodia: é um assobio do medo que ouriça a entranha, e sua presença é invisível. É possível ouvir os movimentos da melodia que se aproxima, entretanto, sem pegadas no caminho; a proximidade do canto desconhecido invade o andarilho, e latente é o desejo de aventura que o agouro em tom transfigura. A mãe da floresta é a melodia da animalidade. O canto se perde entre melodia das matas e apresenta o agouro protetor das florestas, rumo sem direção, apenas a melodia dos desvios. A proteção do canto da Anhangá é violência contra o invasor extrativista que anseia a violação da virgindade produtora da floresta... Em fogo, pedras, ventos de tempestades a melodia faz com que os caçadores se percam.

O mundo onírico amazônico me habita por sentidos de medo, de verdade, desconfiança e de um educar plural. A poética criadora das histórias parecia pluralizar os sentidos, mas em minha inocência queria acreditar nas transfigurações e nas vozes que se faziam em turbilhões. O mundo da oralidade amazônica deu espaço ao mundo dos livros e das letras, confesso que nunca gostei de ler algo por obrigação, ensinava ler as magias da alma, ler enquanto melodia do desejo. As primeiras aventuras passaram por histórias de imaginação, aventura, romances... Ao ler, a realidade era líquida e por sua liquidez atravessava ao outro mundo. A magia fluía em minha veia, e as faces dos personagens se desenhavam ao redor do meu salão comunal de memórias, é possível observar as mudanças dos personagens, suas superfícies e profundidades.

Dos lugares lembro, e não das horas, era apenas leitura e imaginação. Ao fim de cada página me habitava uma vontade de seguir lendo em devoração. Os *elfos*, dragões, iaras, sereias, lordes das trevas, *salgueiros lutadores*¹ quebravam o limite das palavras, estas que flutuavam para além da margem do livro e viviam. As palavras viviam no íntimo d'alma. Era possível chorar quando a morte tocava àquele personagem amável, e ao viver sentia as alegrias, as vitórias e as reviravoltas que mudavam a história, e mesmo se se previa a tragédia, o coração não acreditava, era preciso viver a emoção a cada página e sentir as transfigurações mudarem o mundo.

A vontade era vivenciar as mesmas cenas e sensações, mesmos gostos e prazeres. Talvez, tenha compartilhado as mesmas sensações e mesmas inseguranças da

¹ “O Salgueiro Lutador era uma árvore violenta que se erguia sozinha no meio da propriedade” (ROWLING, 2000b, p. 166).

infância, algo que a proximidade da ação me tocou na alma e no brilho do olhar de infância redescobria o sofrimento e alegria por entre as páginas. A magia da melodia fluía nas entrelinhas e invadiam a vivência do mundo, mundo próprio da leitura, onde voar trazia o encontro com o imaginário.

Questionava-me sobre os personagens dos mais variados livros e refletia no meu interior a tais perguntas, o menino que sobreviveu, o menino assim como eu, sobreviveu às tramas do destino, sobreviveu a uma escolarização precária, de pouca leitura e oportunidades. Cada um com sua vitória. Ao olhar os personagens via coragem, resiliência, compaixão, e um leve direcionamento a quebrar regras. A leitura por vir quebrava regras, pois sempre chegava a hora de dormir e, por mais vontade que tivesse, o sono sempre me obrigava (assim como minha mãe) a fechar o livro. E ao fechá-lo era preciso conviver com o turbilhão de histórias e memórias que ecoavam dentro deste leitor que descobria a leitura para além do sentido funcional.

Quais caminhos o personagem irá seguir? Qual solução encontrará? Não seria óbvio que a resposta só se mostraria pelo gesto inicial? As perguntas eram frequentes e minha curiosidade impulsionava-me à leitura. O livro por vir se desenha na imaginação do leitor e o liberta das gaiolas da produção, e é desses livros aprisionadores do pensar que precisamos fugir. Um livro que não sabe dançar não é um livro por vir, um livro por vir é livre e flexível. E mesmo se as tramas do livro fossem distantes a mim, as ruas não eram rios, os barcos estavam lá, mas não eram os mesmos de antes. As lentes da cultura eram outras, mas as sensações e metáforas me acolhiam como igual. Mesmo longe da minha cultura, o livro bailava brasileiro, bailava estrangeiro, todavia, a amizade tecia pontes e no final dançavam no mesmo ritmo. Ritmos de acolhimento, de companheirismo e transfiguração.

Quando o *hipogrifo*² voou, voei junto, toquei as penas macias, fiz reverência, toquei na água do lago. Brinquei e me diverti. A imaginação era uma janela a outro mundo, longe da realidade fria e funcional. Li em amor supremo. Li na cozinha, na rede, na cama, na varanda, no quarto, na escola, na rua... onde a vontade acompanhava. Sempre havia lugar para a leitura no meu íntimo e em meio ao tempo. As horas eram cruéis. Mas para que horas? Quando se tem liberdade de vivenciar as transfigurações da *porção polissuco*³. Aqui não mais uno, e sim múltiplo e plural.

² “Harry conseguiu entender mais ou menos o que Hagrid quis dizer. Depois que se supera o primeiro choque de ver uma coisa que é metade cavalo, metade ave, a pessoa começava a apreciar a pelagem luzidia dos hipogrifos, que mudava suavemente de pena para pêlo, cada animal de uma cor diferente: cinzachuva, bronze, rosado, castanho brilhante e nanquim”. (ROWLING, 2000b, p. 104)

³ Porção Polissuco “transforma você em outra pessoa”. (ROWLING, 2000a, p. 147)

As transfigurações seguiam o convite da leitura. Seguiam caminhos inesperados, pois a magia me surpreendia a todo o momento. A cada passo novas transfigurações, novas imagens possíveis, nunca apenas um caminho. Como leitor só temia a perda da felicidade, por um *beijo do dementador*⁴, um beijo do fim da leitura. E por mais que meu *expectum patronum*⁵ afastasse os “males” do fim do livro, e me envolvesse a continuar o movimento seguinte, assim que as páginas se encerravam, restava a leitura e os sentidos e as sensações que o *por vir* desenhava. Se as respostas não eram dadas, havia que construí-las, redesenhá-las, redescobri-las. Tentava ser artista e desenhar a liberdade em quadros, todavia, os sentidos sempre traíam a objetividade e preferiam a dispersão dos sentidos.

As vozes que me habitavam queriam ganhar espaço e a *pedra da ressurreição*⁶, traziam vislumbres, faces entre os borrões das incertezas, minha alma da leitura se protegia partilhada entre as *horcruxes*⁷, cada deixar era um desafio cruel, um desvio mortal da paixão com o livro. Mas todo desvio era feito por turbilhões... um abraçar a estilística da amizade pela leitura, assombros são familiares, *bicho papão*⁸ é (meu) medo de ser objetivo, frio, desgostoso com a leitura.

Assim as leituras se desenharam e me habitaram, o menino cresceu e a infância de magia deu lugar à realidade fria e funcional das instituições formadoras. Entretanto, algo me habitava, seria talvez o espírito de infância? O tempo transcorria juntamente com as horas, minutos, segundos... Já era momento de ser grande e de adentrar o jogo da academia, ler para preencher quadros, sumarizar sentidos, e fazer provas. Letras sem letras. Havia “leituras obrigatórias” da academia que precisavam ser lidas para adentrar no academicismo. Li e percebi que obrigatoriedade secundarizava-se mediante à grandiosidade dos sentidos da obra.

A obrigatoriedade deu lugar à fruição e caminhei pelos porões da memória e vi a mudança do tempo, *cinco minutos*, e os enredos eram construídos e desconstruídos pelas tramas, as viagens se descolocavam nos platôs do enredo. O amor ao livro que o fio do romance conduzia às farsas. As dissimulações são o irrisório da realidade. Drama

⁴ “O Beijo do Dementador — disse Lupin com um sorriso enviesado. — É o que dão naqueles que eles querem destruir completamente. Suponho que devam ter algum tipo de boca sob o capuz, porque ferram as mandíbulas na boca da vítima... E sugam sua alma” (ROWLING, 2000b, pp. 223-224).

⁵ “Patrono, que é uma espécie de antidementador, um guardião que age como um escudo entre você e o dementador”. (ROWLING, 2000b, p. 215)

⁶ Pedra da Ressurreição tem “o poder de trazer de volta os mortos” (ROWLING, 2007, p. 289).

⁷ “Uma Horcrux é a palavra usada para um objeto onde a pessoa escondeu uma parte de sua alma” (ROWLING, 2015, p.267).

⁸ “Hermione levantou a mão. — É um transformista — respondeu ela. — É capaz de assumir a forma do que achar que pode nos assustar mais” (ROWLING, 2000b, p.121).

cotidiano a atravessa a vida. Era engraçado rir dos dramas do *velho da horta* e da *alcoviteira*. E olhar a realidade refletida por séculos de contemporaneidade pelo teatro vicentino. As representações do humanismo, as cantigas do trovadorismo, as duras lições do realismo, a beleza e o grotesco do romantismo, o modernismo e sua devoração... Lições tão valiosas da leitura.

Ao ler o mundo, lia a transfiguração dos véus do caminho, entretanto, cego não estava, pois dentro de mim habitava uma infância perdida à espera de ser redescoberta. Percebi, então que as tramas da história ressonavam em minha vida, e mesmo quando a distância se fazia presente era possível abrir o horizonte rumo à pluralidade. Adentrar em outros olhares, jeitos e educares. E a paixão aumentou. Lia pelo prazer da narrativa, uma das obras que li, e me marcou intensamente, foi o conto “Embargo” de José Saramago, a linguagem, o enredo, a novidade e o seu convite a desterritorializar as regras ao lançar-nos à profundidade da leitura. Em meio às pistas que o escritor deixou, sentia-me impotente, era preciso ir além da superficialidade, e fui, sentia as sensações do *embargo* em minhas veias, a respiração faltava, as mãos suavam, o desespero ia invadindo a minha alma. Não conseguia gritar para pedir ajuda, seguia preso junto ao personagem, no embargo.

Libertei-me, do embargo, mas a alma não é mais a mesma, alguma latência fervilha no meu interior. Algo que só mais tarde me dei conta quando li “Sobre a leitura” de Marcel Proust, a leitura do livro me fez refletir as sensações e sentidos que o livro possui no imaginário do tempo. Os horizontes foram sendo transfigurados e a leitura ganhou vivacidade, uma vivência do tempo próprio da leitura, um tempo outro sem limite ou fim. Lembrava as melodias, as transfigurações, os lugares, as memórias, as recordações que cada passagem em mim deixava. A leitura produz deleite e travessia.

Na leitura como “tempo perdido” Proust desenha um novo *por vir* em meus ideais comuns e lança-me entre os campos verdes das memórias tenras da infância: o sol da tarde, o cair da chuva, as horas transfiguram o tempo e a entrega. É a leitura a ebriedade da alma e, o sorriso da noite, as estrelas no céu... Ao regressar aos porões, Proust abraça as singularidades e pinta as minúcias da leitura e seus arredores. Desta forma, a leitura é o mergulho no tempo e em vários lugares. As rosas, as abelhas, os sons das melodias, a realidade regressa às interjeições familiares, ou os sinos das igrejas.

Os sinos da realidade e as duras abreviações do tempo queriam vivenciar a leitura entre os algezes, sensações e esquecimento natural. Ao ler na intimidade do

quarto, os salões eram a presença dos personagens que Proust revisitava. E em meio aos borrões da realidade, julgavam minhas horas de ócio, pois queriam justificar o desenvolvimento das atividades práticas com fins específicos, e qualquer tentativa de liberdade, correr por entre o mundo físico sem rumo, loucura para quem vive em gaiolas, e a todo o momento a vontade de preencher o tempo.

Todavia, sentia-me amante da leitura, um amor que transcendia a realidade e a travessia me trazia outros limites, outras frestas, era preciso dar-se à nova realidade, e assim, sorrir à leveza do amor. As borboletas regozijavam no estômago e o amor era a potência da paixão, ao embriagar pelo sentimento, o convite emanava dos livros como a aventura a ser vivida, pertencida em outros lugares, em outras viagens. O corpo envolver-se-ia com a leitura em um ler mergulhado que o leitor ama habitar, esses momentos de leitura geram no leitor sensações, vertigens e memórias.

As memórias e as vertigens tecem o tempo, e o novelo se desenrola, as palavras inscritas no livro se transformam nas vivências dos porões e das tempestades. E ao ler Proust, a temporalidade se dissolve e a realidade da obra se estabelece no mundo fora do tempo, outro espaço desenha um mundo próprio da leitura. E a realidade é o voo da imaginação, o desenho do meu imaginário, assim, as águas se movem pelo remanso, fluxo de contínuo dos redemoinhos, giros em torno de si. O remanso, o movimento de impulsos da profundidade. A leitura de Proust é movediça, pois desterritorializa o solo da razão e arremessa o leitor a um lugar em movimento, poder viajar no fluxo da leitura sem dominação e sim pela paciência de se perder a cada virar de página.

A leitura atravessa os rios e pelo cotidiano amazônico as sensações iam se estabelecendo no íntimo, o livro – por vir propulsor da liberdade –, era então o companheiro das viagens e o principal instaurador delas. Assim, quando saía por um instante do mundo mergulhado da leitura, observava distraído que me circundava, não dava sentidos, apenas contemplava os objetos que ali repousam. E as viagens se instauravam no quarto de Proust como recordação de uma realidade que apresenta uma escolha involuntária das sensações, que Proust não define, mas expressa por um contato distante, que não valora, ou não traz curiosidade, sentidos conscientes que não nos afetam, não reportam às memórias contadas, e sim, sentidos que fluem do inconsciente, onde as memórias marcam as pausas da leitura, sentidos confusos que se fazem desconhecidos por nós mesmos, dessas disposições latentes de cada leitura.

A leitura de Proust convida à curiosidade da leitura que se abre na suspensão da relação habitual de leitura com o livro, na suspensão dessa relação os sentidos me

fizeram questionar os limites do livro, e as razões então se teciam longe da leitura objetiva, ou seja, uma leitura enquanto campo geral. Há, então, que suspender as atribuições de sentidos dadas pela realidade. Caminha na leitura em Proust, na fruição da travessia com gesto outro de estranhar a habitualidade da leitura, no ímpeto de escavar as profundezas em busca de melodias novas. Proust ensinou a potência das sensações e a leitura é o voo leve das experimentações, o voo entre o devorar e o acolher, para assim entregar-se as vozes ressonantes dos mais variados signos.

A leitura era o desconhecido redescoberto na relação com o livro, e na busca de pensar a leitura como “tempo perdido” se desterritorializam os espaços da leitura. A curiosidade em mim continua a escavar na escuridão desse território, cheguei à profundidade dos rizomas onde me debrucei na fruição, liberdade e movimento que Blanchot ao ler Proust vivencia em sua obra “O livro por vir”. O caminho não foi tão linear, se passou por devoração e ruminação, caminhos trilhados involuntariamente na experimentação de rotas e travessias.

Na experimentação da proposição da pesquisa para o Mestrado, cheguei ao por vir antes mesmo de compreendê-lo como um conceito aprofundado em Blanchot, pensava e deslocava a leitura para além da formação produtora das instituições formadoras. O por vir, a meu ver, não é um movimento de leitura presente na sociedade, assim, olhei o por vir como possibilidade de criação de um caminhar pela leitura, mas logo pensei, será que o por vir não é uma utopia inalcançável? Logo, fiquei à deriva, e encontrei uma possível resposta: o por vir é o movimento de constante caminhar que se abrevia por voos e pousos.

No voo regressei à devoração, outro caminhar tropeçado ao acaso, à leitura (pode parecer loucura, mas foi ao acaso). Na devoração do desvio vislumbrei uma educação como devoração delineada por Gilcilene Costa em sua tese “Trilogia antropográfica: educação com devoração”. No ritmo canibalesco da tese balei nas transfigurações da devoração e a história do colonizador destruiu-se na primeira batida do tambor, o ritual devora até mesmo quem tenta colonizá-lo, isto é, devora seu estado de letargia e o coloca o sangue a pulsar. O festim antropofágico exala no ar a transfiguração – devoradora – do guerreiro no outro, inimigo de vingança.

A transfiguração baila por uma educação (leitura) devoradora de sentidos e propulsora da criação! Visto que é preciso revigorar em mim (nós) um impulso de canibal primitivo, a fim de devorar os sentidos do livro por uma leitura no limiar da devoração e ruminação. O por vir e devoração bailam ao ritmo de criação de um novo

mundo e possibilidade (de caminhar ou transfigurar). A devoração deglute a leitura em processos ruminativos, ao final, qual devoração nasceu? A pergunta foi lançada a sua face que agora ruma o que leu, e na pergunta evoca outras em seu coração! A inquietação é a pulsão da devoração de sentidos, algo corroborado; no por vir do interior do (meu) desejo nasceram os rizomas, nasceu à diferença, nasceu o sol como a promessa de novo amanhã!

O sol ilumina as terras insulares do meu coração e a singularidade e pluralidade são ensinamentos devorados (talvez) da leitura da Costa, tão graciosa é sua dança com Nietzsche, Deleuze, Montaigne, Schüller, Corazza entre outros malditos, dança da lentidão. Na dança da lentidão, seguimos experimentando uma leitura na pulsão da sua escrita com o convite a perder-se nas cartografias de outra história do canibalismo. Os tambores do canibal encetam o ritual de devoração do inimigo, o livro é o “guerreiro da vingança” que o canibal irá devorar, antes da devoração delicia-se nas histórias do guerreiro, e na mesa tupiniquim devora a força do livro e refuta os demais sentidos por ruminação. No canibalismo me fortifiquei e agora sigo meu caminho de glória na tentativa de alçar o cume e a profundidade para abraçar o espírito de leveza do andarilho, sigo a devorar.

Na leitura de Costa (2008), sigo a devorar seus conceitos e sua escrita. Tal escrita revigora outro jeito de devorar a educação e consequentemente a leitura, – experiência transversal da educação – no movimento dessa escrita que a pulsão ensaística nasceu. Outra lição de devoração! Costa me ensinou a dançar (ou foi a principal propulsora da dança) a leveza da ruminação e só a partir do aprender fui embriagado no ritmo devoração, tons e impulsos dionisíacos de leitura, – mesmo quando deveria ser apolíneo – no limiar da criação, embriagado sou pelo mundo canibal e seus simulacros, devoro e pouso.

Pousei na pulsão vivente no meu coração e queria devorar o por vir na dimensão da mudança movediça que destrói a concretude. O medo era pensar no por vir enquanto utopia e me perder no fluxo do infinito, todavia, o por vir entrou na promessa possível do caminhar e acabou desterritorializando tempo e espaço em uma possibilidade de imaginário tecido na vertigem da leitura por seu constante caminhar nos voos e pousos, no qual o leitor por vir habita “fora” do espaço literário. Na leitura do fora fui me perdendo nas travessias dos livros, perdendo minha visão de outrora e começando a ver na profundidade do mar. Desta forma, o por vir navegou no mar de Blanchot pela

tempestade do canto da sereia, fui embriagado, buscando ouvir melodias novas da profundidade.

O canto das sereias embriagou-me na latência sedutora da melodia e lançou-me ao efeito devorador que anteriormente tinha me transfigurado no andarilho por vir, ou seja, o desbravador de vertigem que se lança ao mundo com ensejos da devoração. Ao caminhar habitei diferentes territorialidades: ar e terra, mar e fogo. No movimento do vento a voracidade da água devorou-me – movimentos experimentados por Blanchot na travessia das Sereias. No mar de Blanchot fui-me aprofundando e seguindo a liberdade ensaísta de sua devoração, a melodia devoradora das sereias, que ouvi sem presumir rota e sem pensar nos sentidos ou verdades que encontraria no caminho. Ouvi o canto rizomaticamente na vertigem do deslocamento que ora conectava ponto do meu desejo, ora rompia minha certeza. Deslocado mergulhava na dimensão do fora e vivia cercado dos sentidos, assim, o por vir nasceu da paciência e ruminação (ritos canibais).

Meu ímpeto devorador (talvez) transfigurou-me no outro pela ruminação e assim nasceu em (meu) íntimo as potências desconhecidas, potências somente acolhidas pela lentidão. Na leitura de Blanchot, o por vir era leve e movediço e assim sem dominação segui as linhas de seu texto, no intuito de experimentar a melodia da profundidade do Canto das Sereias e a Lira de Orfeu, melodias similares que me fizeram pensar na entrega com abraço libertador da morte, a travessia. Na liberdade da morte li, uma vez que, “todo leitor, enquanto está lendo, é o leitor do seu próprio eu” (PROUST, 2013, p. 216). Ao ler o livro, o interior de minha alma pulsa em uma latência devoradora que seleciona os sentidos do livro e põe neles o acolhimento do abraço e evacuação perigosa do beijo falso aprisionador de sentidos. Os livros estão no mundo para viver no outro uma possibilidade de liberdade que só pode ser desenhada livre das verdades dominadoras.

A liberdade do livro é singular a cada leitor, na minha experiência já li livros que tentam dominar o leitor na tentativa de perpetuar verdades absolutas, livros manuais que ensinam a repetir sentidos já corroborados por todos. Rotas de fugas necessitam ser criadas para escapar dos sentidos utilitaristas, desta forma, pensar novas formas de criar o mundo (da leitura) para revigorá-la enquanto criação. No mar de minhas memórias naveguei nas tempestades das águas, na velocidade do vento, sem rumo segui no meu mundo, “esse meu mundo dionisíaco do eternamente-criar-a-si-próprio, do eternamente-destruir-a-si-próprio, sem alvo, sem vontade... Esse mundo é a vontade de potência — e nada além disso!” (NIETZSCHE, 1999, p.450).

Os movimentos de criação voam na leveza do por vir e duradoura é a efêmera vontade de permanecer, já que a duração dessa verdade se constrói e destrói constantemente. A leitura é voo efêmero que faz revigorar verdades reconfortantes que podem ser refutadas ou acolhidas por devoração (Acolhê-las sem dominação). O leitor que segue sem alvo ou vontade, apenas segue o caminho de destruição que só depois transfigura-se no leitor (por vir) do amor à entrega e (in)completude das experiências onde seu movimento se dará por águas desconhecidas, ventos inconstantes, melodias de sedução e surpresa.

O mar revoltoso da memória começa a se apaziguar, entretanto, as ondas ainda são perceptíveis à navegação e, no mar, o movimento das ondas e das correntezas levam os corpos a direções ainda não pensadas, ao acaso, e mesmo quando arremessados ao acaso pelo mar faz-se necessário (às vezes) nadar contra as correntezas e instaurar as mudanças na rota da vida (da obra ou da nossa própria vida). As melodias de uma nova aurora começam a invadir os solos desconhecidos na tentativa de dançar o amanhã na profundidade dos abismos e na altivez do cume. A liberdade da leitura desamarra o involuntário da memória, algo que Proust me ensinou e Costa devorou. Na leitura sou o que li, mas não por muito tempo. A leitura se esvai. Todavia fica a melodia da profundidade que me faz pensar o prazer saudoso da leitura, um canto novo, uma ruminação e uma devoração. A melodia ressona o horizonte das direções, não se sabe onde quer chegar, apenas habita o contínuo caminhar pela leitura, sem sentido funcional, dos leitores, sem sentido estritamente prático, sem querer afirmar novos rumos de uma educação. Não há caminhos fixos, e sim platôs, deslocamentos movidos por melodias por vir.

Voo por vir

No movimento das águas os ensaios são tecidos. Tempo e espaço mergulham nas profundezas da palavra literária. Ao adentrar o mundo da leitura, as mudanças ressonam no interior de quem as ouve, e ao ouvi-las o corpo reage às sensações que emanam do livro, o leitor então: reage e acolhe os sentidos em leveza e fruição. O desejo habita as irrupções, e desenha o *por vir* nos horizontes belos e tortuosos caminhos e incertezas. O *por vir* é voo livre desmedido, desregrado, dionisíaco. O *por vir* é possível, finito, apolíneo. Equilíbrio entre o desejo e a possibilidade, o múltiplo e o singular. A entrega suprema da travessia. A travessia eminente da morte. O *por vir* é errância. O voo *por vir* é entrega e liberdade. Ao vislumbrar o horizonte ao longe decide pousar. Ao pousar pertence aos rizomas, sem direção, livre é o movimento.

A leitura *por vir* é “o movimento entre todos os sentidos possíveis” (BLANCHOT, 2013, p.357), a mudança que propõe movimento dos sentidos por diferentes espaços e tempos. Os sentidos possíveis então expõem a possibilidade como o ponto de chegada e de saída, isto é, dissolve a unidade dos sentidos e recoloca o leitor ao mundo da possibilidade onde será ora embriaguez, ora lucidez da vontade de desbravar as singularidades da territorialidade do pensar. Um *por vir* no cerne singular do caminhar, sem regular as consequências ou perigos da aventura, e sem julgar de antemão quais sensações irá devorar, enseja ser surpreendido pelo interior do livro, um interior com rizomas profundos dos sentidos, sem início ou fim anunciado, livre da previsibilidade e linhas de fugas. O *por vir* disposto ao meio, na travessia.

O *por vir* devora o interior da leitura ou livro “sem autor e sem leitor, que não é necessariamente fechado, mas sempre em movimento” (BLANCHOT, 2013, p.356). O *por vir* sem autor assinala a morte do escritor pelas mãos do leitor. A morte como possibilidade de viver agora na liberdade da criação livre, sem amarras. O leitor *por vir* ao predizer a morte do escritor desaparece na travessia das sensações do livro, todavia, nem todo livro é um *por vir*, isto é, há livros tendenciosos nascidos na tormenta aprisionadora do pensar, livros produtores de superficialidades ardilosas sem movimento e criação. Desta forma, o leitor, no impulso *por vir* caminha por entre veredas desconhecidas em movimento de *de vir* desconhecido da criação. O leitor *por vir* cavalga no dorso rizomático da criação e experimenta aventuras novas, caminhos e rotas de fuga, sem ponto final, pois não se sabe o caminho (e nem se pretende limitar o

caminho) por onde se pretende caminhar, apenas caminha entre as singularidades das sensações, transfigurações e deslocamentos de sentidos em um horizonte de abismos e descobertas.

O por vir dança no limiar do *devir-outro* (DELEUZE, 2011), devora a leitura nas irrupções do movimento, um “movimento de diáspora que nunca deve ser reprimido, mas preservado e acolhido como tal [...]” (BLANCHOT, 2013, p. 345). O por vir e sua leitura de irrupção abraça o livro por vir (propulsor do movimento), assim, teremos um livro (leitura) “sempre em movimento, sempre no limite do esparso, será também sempre reunido em todas as direções, pela própria dispersão [...]” (BLANCHOT, 2013, pp. 345-346). O livro ou leitura por vir são criações de sentidos no limiar dos deslocamentos e desvios, “e todo o desvio é devir mortal. Não há linha reta, nem nas coisas, nem na linguagem” (DELEUZE, 2011. p.12), nem na leitura.

Os tons proféticos, os oráculos, o futuro distante não apreende o movimento *por vir* da leitura, tons vindouros levam a um lugar ainda vago e de infinito alcance, talvez. A leitura por vir habita os deslocamentos, os devires, ora habita ora se transfigura na devoração, melodias e vertigens plurais. O leitor por vir experimenta as vertigens plurais da devoração no seu corpo, e o corpo vive a dançar por “um movimento rítmico” da *palavra plural* (BLANCHOT, 2011), “escapando ao acaso por sua estrutura e sua delimitação” (BLANCHOT, 2013, p. 331). O leitor por vir escapa da estrutura e delimitação e liberta-se das amarras da razão e expõe a linguagem da devoração e transfiguração. O movimento rítmico revigora no leitor por vir a dança do *outro* (caminhos, limites, ruminação). A dança do corpo apresenta a “essência da linguagem, que desgasta as coisas transformando-as em sua ausência ao devir rítmico, que é o movimento puro das relações” (BLANCHOT, 2013, p.331). O movimento puro da leitura por vir dança a ausência a bailar as singularidades das transfigurações, devoração, abismos e incertezas sem limites.

A leitura *por vir* caminha longe da experiência da linguagem fria e funcional, para que a leitura não se torne epitáfios, necromânticos, sem renovação, assim, o leitor por vir cavalga “no *dorso da leitura*” (COSTA, 2016), pois, “cavalgar no dorso da leitura, produz, duplamente ao pensamento, euforia e embriaguez, espanto e consternação” (COSTA, 2016, p. 140). A aventura no dorso da leitura desloca os sentidos, em movimentos de descoberta e criação. No cavalgar das sensações envolve o andarilho em um por vir que não cessa de sensações singulares. É preciso sentir o desconforto dos caminhos, rotas tortuosas, plenos e leves. No limiar, o por vir cavalga

nas travessias e transfigurações dos sentidos, em um caminho outro que segue por veredas sem rota ou limite.

A leitura *por vir* segue “para além do futuro e não cessa de vir quando está ali” (BLANCHOT, 2013, p.352), continua a seguir o movimento seguinte, impulsionado pelo desejo de devoração. Assim, a leitura *por vir* leva o leitor a habitar uma “dimensão temporal” (ibidem) que transfigura o limite em futuro possível experimentado pelos territórios desconhecidos da leitura e sua fluidez do tempo. A leitura *por vir* é “diferente daquela que o tempo do mundo nos fez mestres, está em jogo em suas palavras, quando estas põem a descoberto, pela escansão rítmica do ser, o espaço de seu desdobramento” (BLANCHOT, 2013, p.352). A leitura, em sua decodificação, torna o leitor mestre do tempo da produção e ensina-o a dominar as superficialidades com maestrias reprodutoras hábeis, entretanto, esquece que o tempo ensina, em seus desdobramentos, lições valiosas e tristes fracassos, cabe ao leitor *por vir* (re)descobrir a lição velada do tempo que se tece nas profundezas dos abismos da memória e sua ruminação.

Ao atravessar os mares, as rotas ficam à deriva, e o *por vir* é o tracejo indefinido do vento, a liberdade de caminhar em direção à incerteza. O caminhar rumo à leitura *por vir* ou até mesmo um leitor *por vir* precisa desterritorizar os padrões e as verdades absolutas e ainda seguir a rota sem tentar percorrer a fixidez, ao contrário, é o movimento da possibilidade de navegar por mesmas águas que nunca serão as mesmas e tracejar aventuras por meio de narrativas ou histórias que nunca se encerrarão. A aventura lança-se ao livro “com várias faces, com um lado voltado para o que chama de Nada, outro para a Beleza [...]” (BLANCHOT, 2013, p. 328), faces tecidas nas mudanças inconstantes das tempestades, faces mutáveis pela força do vento, faces de areias sempre em transfiguração. O tracejo mutável da “jovialidade” onde as transfigurações são desenhadas no íntimo subversivo do leitor. A face do leitor *por vir* se delinea “em direção ao obscuro; cintilante, ali, com certeza de um fenômeno” (BLANCHOT, 2013, p. 328) múltiplo. O livro *por vir* é o criador múltiplo dos sentidos, o espaço da transfiguração que não finda ao término da obra, pelo contrário, perpetua-se no amplo sentido que ressona.

O livro *por vir* é o espírito livre da dança que a alma devoradora do leitor acolhe, uma presença de espírito, uma obra que “não é enganadora, pois não promete nem diz nada” (BLANCHOT, 2013, pp.320-321), está sempre em busca de ser lida e relida, já que não enseja ser guia ou verdade absoluta. Assim, não há palavras fixas ou caminho linear, é a mudança o movimento interior da leitura onde as sensações invadem o leitor

por vir e retorcem os sentidos que jazem na obra por uma devoração. Há que se pensar na leitura sempre em movimento do *por vir* onde a razão se esvai no seu interior, fazendo nascer outros sentidos ao leitor no imaginário da leitura e seus novos valores, mundo e devoração.

O andarilho reflete o dia: O sol que outrora se escondia começa a brilhar em um novo amanhã. Talvez seja o sol calor saudoso de uma memória afetiva do andarilho na sua leitura do mundo e de si mesmo, e então ruma. O gelo frágil ao sol começa a dissolver e o andarilho pensa: Há forças a infligir a alma do homem moderno, tal força de desterritorialização o faz dissolver da razão dominadora e ele passa a ser o calor dos ventos a aquecer a alma de mudança. Anda, andarilho, no tempo de sua memória, pois desta caminhada chegará a ser o que é, ou deixará de ser, já que a devoração dissolve tua essência. O andarilho lembra-se da primavera onde os cantos da natureza embriagam o caminho de renovação e mudança. O vento da primavera dança devoração em meio às transfigurações do andarilho ao caminhar na leveza do vento, o tempo passa e os espaços de vivências crescem. É a hora do amanhã aquecer o coração selvagem e dar força às almas debilitadas pelo grande inverno que virá. É tempo na leveza por vir da obra sorrir as singularidades da leitura, no intuito de libertar-se das prisões e seguir a tormenta tempestuosa da aventura à liberdade do pensar.

A possibilidade é o caminho desconhecido de ruminação. Portanto, andarilho, perca-se no momento de regresso à inocência da infância, onde a liberdade é tom da leveza, é um dizer-sim. O desejo aflora os movimentos da memória do leitor por vir, a fim de emergir da profundidade uma leitura tecida no deleite da obra. A leitura enquanto deleite espreita um *por vir* que fala “do interior embora seja o próprio fora, presente num lugar único onde, ouvindo-a, poderíamos ouvir tudo, mas é em lugar nenhum, em toda parte” (BLANCHOT, 2013, p. 320). Um lugar livre, longe de amarras ou da obrigatoriedade, onde os sentidos sejam leves como o vento e o amanhã seja um estado de liberdade rememorada em uma infância que cria os sentidos e as sensações, em que o (leitor) por vir revive os cheiros, os toques, os lugares, a magia do passar das páginas. O *por vir* é a lembrança interior do leitor, a melodia interior que coloca o leitor a dançar nas reminiscências da alma de outros mundos, outras metáforas, outras transgressões são construídas no imaginário.

O *por vir* ainda fala entre os silêncios, movimentos da alma do leitor que lê mergulhado no livro, ao ler, o mundo real é mero murmúrio. Voz ensurdecedora da razão, assim, tapem os ouvidos quando o ruído entorpecer o imaginário, tendo cuidado

de o ruído não exceder a fruição, pois em tempos de informação a leitura rompe com a imaginação. Todavia, é a lua nova! É flor de cheio! Magia dos cantos! Beleza das águas... O imaginário é o tom que entorpece a alma e põe a bailar. É a dança o enlace *por vir*, o “último naufrágio em que, na profundidade do lugar, tudo sempre já desapareceu: o acaso, a obra, o pensamento” (BLANCHOT, 2013, p.359). Ao desaparecer ao acaso a obra desapropria os sentidos funcionais e o leitor caminha a profundidade onde a realidade não parece importar.

O naufrágio arrebatava a alma do navegador e seus anseios são devorados pela profundidade das águas, ao ser devorado, as certezas se esvaem nas águas que invadem os pulmões, e a vontade de respirar aflora, todavia, o abraço das profundezas convida atravessar os abismos e neles se entregar ao *por vir* da descoberta. A leitura *por vir* é o mundo *fora* do mundo onde a imaginação tece a trama para além do puro caminhar, pois um leitor ou livro *por vir* é a impessoalidade, o desejo, a entrega levada à última consequência. O *por vir* em forma de leitura “ora, é o lugar, “*hiante profundidade*” do abismo que, revertendo-se à altitude da exceção, funda o outro abismo do céu vazio, para aí tomar a forma de uma Constelação [...]” (BLANCHOT, 2013, p.348), ao desenhar constelações o *por vir* é o abismo desconhecido do céu vazio sem superfície, o vazio não como nulidade, e sim como movimento das estrelas, multiplicidade.

O abismo perfura buracos na territorialidade e a leveza alça voos na possibilidade do *por vir* do desconhecido. A constelação torna o céu vazio em diferentes abismos *por vir* cheios de caos e liberdade. É o caos a liberdade da leitura entre os universos múltiplos, sentidos que só podem ser partilhados pelo sorriso leve da paixão. O leitor *por vir* entrega-se à “dispersão infinita juntando-se na pluralidade definida de estrelas, poema em que, das palavras restando apenas o espaço, esse espaço se irradia em puro brilho este lar” (BLANCHOT, 2013, p.348). O espaço literário irradia o brilho nos olhos do leitor que lê mergulhado na aurora de sua morada ao se entregar à leitura *por vir*, espaço livre imaginário, que o leitor dança no lugar múltiplo, neste lugar encontra encruzilhadas que forcem o leitor a libertar-se das amarras e mergulhar no mar de sentidos das profundezas.

O leitor *por vir* sonha épocas onde as “ficções são realidade em certo momento da vida de cada um de nós” (BLANCHOT, 2013, p.319). A leitura dança os ritmos singulares da realidade no limiar da relação texto-leitor, ou seja, a realidade voa da obra e pausa na alma do leitor por sensações de cólera, amor ao livro e aos personagens, ódio, embargo, humor entre outras levezas e algozes da realidade desenhada no livro

por vir. Destarte, fantasie melodias saudosas de outrora, com intuito de que a leitura rememore a dor de um coração selvagem, do beijo doce em meio ao pôr do sol, o lamento do amante, a felicidade de uma amizade, uma conquista impossível, a leveza do vento, o cair de uma folha, as brumas matinais, a dor da perda, o caminho à morte... A leitura por vir é o viver a primavera das sensações (novamente) e se entregar ao belo canto da natureza, som doce dos pássaros e vibração estarrecedora das sereias, as singularidades.

A dança *por vir* do livro está a tocar a paixão como primeira melodia ressonada no contato com leitura. Ouça, leitor, as vibrações da melodia da ficção como realidade, espelhada no tempo próprio da leitura, realidade livre das verdades do mundo moderno, da previsibilidade. O livro pulsa na melodia da potência do silêncio... “Para surpresa do senso comum, no dia em que essa luz se extinguir, não será pelo silêncio, mas pelo recuo do silêncio” (BLANCHOT, 2013, p.319). O silêncio é a promessa *por vir* velada no abismo desconhecido onde a melodia encontra ecos da alma do leitor. As interjeições, pausas e ditos marcam a leitura e seus discursos e falam sem nenhuma palavra, sentidos inconfessáveis de uma leitura que só nasce no limar do silêncio. O silêncio exala novas melodias no íntimo do leitor, assim, a dança, as vibrações das novas melodias, a fim de que a luz incida sobre a profundidade de si.

A profundidade do silêncio revigora no por vir a emoção das sensações da leitura e apresenta o caos labiríntico onde o leitor adentra aos “labirintos zombeteiros, atraindo-o para um lugar cada vez mais longínquo, por uma fascinante repulsa, abaixo do mundo comum das palavras cotidianas” (BLANCHOT, 2013, p. 320). A metáfora do labirinto zombeteiro elenca uma impossibilidade de liberdade, já que o labirinto aprisiona quem não segue no limiar da lentidão, uma vez que a rota do labirinto é experimentada pela tentativa de fuga das linhas retas. Todavia, o fio tece a liberdade da fuga por uma repulsa às palavras cotidianas da superficialidade e convida a se perder nos voos e pousos da palavra literária.

A poesia está no ar! Sua presença se dissolve ao vento e torna-se a brisa doce do poeta a exalar as singularidades do mundo *fora* da realidade. E ao olhar o mundo afora, os sentidos abraçam o *por vir* da leitura enquanto poesia, potência criadora da liberdade da leitura por vir. A leitura por vir é essa constante poesia desenhada e redesenhada pela linguagem que nasce *dentro* e *fora* do leitor por seu imaginário, e do imaginário brota a profundidade interior do leitor por vir que segue a viver em outro abismo e outra *devoração* – desvios de fuga da normalidade revigorada na leitura por vir –. E, assim, ao

ler o por vir na dimensão do imaginário, a descoberta de outros lugares e novas fendas ou territórios aparecem na arte de devorar a leitura. A poesia está aí a imaginar outras criações de si e imaginário do outro por um movimento poético, e “a poesia não responde ao apelo das coisas” (BLANCHOT, 2013, p. 330), ela é a criação de novos espíritos leves e liberdades.

A leitura enquanto poética por vir devora a força da liberdade e revigora a força da transfiguração em seus abismos e melodias. A poesia é o espírito “criador como infinitamente vazio e de um vazio infinitamente movediço” (BLANCHOT, 2013, pp. 348-349), isto é, a poesia cria do vazio uma possibilidade movediça que antes não exista no espaço, e assim, a poesia fissa o espaço da leitura e coloca criação de sentidos e tempo no limiar movediço. Mova-se no rizoma livre da poesia! E nele siga a escavar profundezas de sentidos não lineares. Crie-se na leveza da poesia onde pulsa a liberdade de formas e sentidos! A poesia fissa as amarras, a lógica, os sentidos, a organização estrutural e transfigura a leitura e o leitor a outro lugar do imaginário, mesmo que ainda indefinido em tempo e espaço o leitor caminha nos desvios das rotas a embriagar-se pelo vento. O leitor por vir segue o caminho movediço da desterritorialização a poetizar os novos territórios... Segue a embriagar-se na poesia e deleita o caminho leve, direção da entrega aos abismos e transfigurações da palavra poética.

A leitura *por vir* dança nos movimentos poéticos do imaginário, livre das amarras e expõe uma “existência poética somente àquilo que existe fora de tudo (e fora do livro que é esse tudo), mas, assim fazendo, a descobrir o próprio centro do Livro” (BLANCHOT, 2013, p. 329). A essência poética da leitura nasce do movimento do livro no qual o leitor devora o fora aberto no contato com a leitura. O fora é a dimensão da realidade da obra, todavia, não realidade aqui, ele nasce em outro plano do imaginário, *simulacro*, onde o leitor perfura buracos nas linhas do texto e passa a viver na existência poética do texto, ou seja, o *fora* é o imaginário da poesia desenhado na liberdade do mundo *fora* da realidade, no espelhamento ao mundo real e suas outras realidades fictícias do *por vir* enquanto descoberta.

A poesia arrebatada o corpo do leitor por vir e sua força revigora o movimento puro das relações, em meio ao desejo devora as sensações no corpo do leitor por vir, desta forma, “a poesia se torna então o que seria a música, se reduzida à sua essência silenciosa: um andamento e um desdobramento de puras relações, isto é, a mobilidade pura” (BLANCHOT, 2013, p.330). A poesia dança na mobilidade de sua potência, já que sofre com o efeito domesticador das instituições, pois sua forma movediça dissolve

nos tempos e espaços de formação ou escrita onde tudo é possível na impossibilidade da palavra poética. A poesia então retorce as normas, a fim de subvertê-las com criações por vir.

Na contemporaneidade, a falta de silêncio expressa a arrogância e rapidez de tudo saber e tudo falar, o *leitor ordinário* (BLANCHOT, 2013), instaurado na contemporaneidade, vive a repetir os sentidos pré-estabelecidos em uma sociedade falida de ideias onde se convencionou o saber da competência da leitura à superficialidade. O “leitor competente” instaurado nos dias atuais transforma a linguagem em fixidez de sentidos produzidos na pressa de entender e reproduzir tudo, assim, não há renovação dos sentidos, e sim, ideias de ideias já pensadas a se perpetuar, pois o leitor ordinário prejudica o livro a altura da sua soberba, tendo em vista, que prediz verdades absolutas sem renovação e enceta uma linguagem da razão que cria um leitor ordinário produtor de livros, resenhas, artigos, dissertações onde tudo repete o já sabido...

O leitor *por vir*, “não sendo um leitor ordinário, tem consciência de também não ser um simples intérprete privilegiado, capaz de comentar o texto, de fazê-lo passar de um sentido a outro, ou de mantê-lo em movimento entre todos os sentidos possíveis”. (BLANCHOT, 2013, p.357). O leitor ordinário, não sendo o leitor por vir retira da leitura o movimento puro da relação do leitor e texto e se entrega à máquina de produção do saber esquecendo a inocência da infância, tempo em que a leitura habitava no leitor em seu puro deleite e devorações, em que não existiam as horas mensuradas, sentido estritamente reprodutor, sem vivacidade ou sem fruição, desse modo, o leitor por vir reconcilia-se com a infância perdida, ao modo de Proust, e nos entrega à leitura aberta a espreitar de um *por vir* sensível às suas melodias, poesias, travessias, transfigurações entre outros sentidos da leitura por vir.

A leitura *por vir* não “é enganadora, pois não promete nem diz nada, falando sempre para um só, mas impessoal, falando do interior embora seja o próprio fora” (BLANCHOT, 2013, p. 320). O leitor por vir movimenta o platô da leitura e recoloca as engrenagens de sentidos a rodar. O giro da roda vibra e a leitura é regozijada no *fora* que se desenha no interior da palavra literária, onde sentidos afloram singularidades sensoriais da travessia devorada no livro por vir e sua criação. O livro por vir, ao reagir ao *fora*, não pertence a lugar comum onde a razão é alegoria, pois a alma do leitor por vir anseia o interior da travessia dos abismos, até que siga para o fora com simulacro da realidade sem cópia ou imagem. A travessia dos abismos arremessa a possibilidade do

real no simulacro do mundo literário e apresenta o *fora*, o “*fora é exatamente esse outro de todos os mundos que é revelado na literatura*” (LEVY, 2011, p. 26). O simulacro na dessemelhança do mundo real pela realidade da literatura descortina mundos *outros* no limiar da travessia, todavia, o *outro* que se abre no movimento das páginas do livro, ao vislumbrar possibilidades diferentes para cada leitor por vir que experimenta a singularidade devoradora do *fora* e da leitura.

A palavra literária é o imaginário *por vir* das vivências das singularidades onde o leitor por vir habita os abismos da vertigem literária, giro singular do espaço único, entre outros universos literários “presente num lugar único onde, ouvindo-a, poderíamos ouvir tudo, mas é em lugar nenhum, em toda parte; e silenciosa, pois é o silêncio que fala, que se tornou essa falsa fala que não se ouve, essa fala secreta sem segredo” (BLANCHOT, 2013, p.321). O imaginário da leitura em toda parte, pelo *por vir*, abraça a palavra literária na singularidade do mundo, entretanto, em nenhum lugar, e sim, a multiplicidade do imaginário que segue o devir da criação com força e potência da travessia, assim, o *fora* aflora silenciosamente no mergulho *por vir* na literatura e suas ressonâncias.

O *fora* dissolve a palavra literária e revigora um mundo imaginativo tecido na pluralidade, o leitor por vir transfigurado pelo *fora*, não vislumbra a leitura como uma “explicação do mundo, mas a possibilidade de *vivenciar* o outro do mundo” (LEVY, 2011, p. 27), uma vez que vive na literatura um mergulho da sua entrega. Ao lançar-se a outro mundo, é levado a viver no movimento do vento, a liberdade da água, a tempestade, os desvios, o caminhar, a chuva da tarde guardada na memória, a profundidade e o *fora*. “Tudo se passa como literatura, o espaço, o tempo e a linguagem se constituíssem num devir-imagem, em que o mundo se encontra desvirado, refletido” (LEVY, 2011, p. 23). O mundo do *fora* então é a liberdade do mundo real, desvirado em que os sentidos flutuam no imaginário do leitor por vir e seu ensejo por aromas no rumor da fruição e devoração do mundo e seus simulacros, pois “fala-se precisamente deste mundo, mas desdobrado em sua outra versão” (LEVY, 2011, p. 23).

O mundo do *fora* é o imaginário devorado pela literatura, porém “não se trata, pois, de um outro (mundo) evocado pela literatura, mas do outro de todos os mundos: o deserto, o espaço do exílio e da errância, o *fora*” (LEVY, 2011, p. 23). A errância no limiar dos desertos, dos espaços e do caminhar no *fora* elenca o movimento dos simulacros; o leitor por vir habita na esperança de caminhar no desconhecido da leitura e seus movimentos, assim, o livro (por vir) reflete a errância da caminhada e segue a

andar no *fora* exposto pelo imaginário, visto que “o livro que é o Livro é um livro entre outros” (BLANCHOT, 2013, p.331) no espaço de criação. O livro por vir foge da razão, pois enceta o caminho rumo à imaginação desenhada na possibilidade do *outro* na leitura e *fora* dela, no intuito de habitar universos no interior desse *fora* livre e imaginativo da literatura.

O livro *por vir* e seu leitor devoram a leveza da imaginação múltipla da leitura na potência do vento e força da maré, assim, o *por vir* em forma de obra deseja um “livro numeroso, que parece se multiplicar por ele mesmo” (BLANCHOT, 2013, p.331), o livro multiplica-se no giro de si e no movimento dos ventos e marés por vir, “por um movimento que lhe é próprio e no qual a diversidade do espaço em que se desenvolve, segundo diferentes profundidades, realiza-se necessariamente” (BLANCHOT, 2013, p. 331). Desta forma, o leitor por vir lê na profundidade do imaginário e mergulha na incerteza das correntes, a fim de experimentar o fora, pois a leitura por vir não enseja movimento fixo e sim mudança, e ao mudar de rotas as profundidades acompanham tal mudança.

As águas profundas da leitura envolvem o leitor por vir no ensejo de habitar o sentir da leveza, longe de pertencer às verdades normatizantes. Lança-te ao mar, leitor por vir, e deixa o corpo fluir livre entre as correntezas, e da realidade esqueça, e apenas lembra-te do imaginário a fluir na leitura, sente as pulsações nas veias e a força da transfiguração. Para que, assim, leia um livro sem “autor porque se escreve a partir do desaparecimento falante do autor. Ele precisa do escritor, na medida em que este é ausência e lugar da ausência” (BLANCHOT, 2013, p. 333). Isto é, leitor por vir, se lança na ausência do escritor e devora uma possibilidade de leitura sem razão, cultura, arrogância, soberba para adentrar na leitura *por vir* em sua inocência, despido do já sabido, onde desaparece qualquer traço do escritor.

O leitor por vir livre das amarras abandona qualquer doutrinação ou razão totalizante e se entrega à leitura em seu por vir e devoração. Destarte, ao se reconciliar com a devoração o leitor devora o livro *por vir*, de tal modo, “o livro é livro quando não remete a alguém que o tenha feito, tão puro de seu nome e livre de sua existência quanto do sentido próprio daquele que o lê” (BLANCHOT, 2013, p. 333). O livro por vir dissolve o tempo da arrogância do saber e apresenta a possibilidade de um livro sem face ou rosto, livre da existência de seu escritor. O livro tão puro sem traços ou caminhos de voltas, livro na dimensão do caminhar por diferentes territorialidades,

portanto, crie um livro por vir no contato da profundidade e seu centro desconhecido, e no centro desconfie dos sentidos superficiais.

Talvez, *Ernesto*, a criança delineada por Duras (1991), tenha desconfiado dos sentidos superficiais, por isso, se lançou a ler um livro com seu centro queimando. A transgressão de Ernesto, o menino sem vontade de dominação, nem cultura dominante, sem presença forte a exercer sobre o outro... Acerta por não querer adentrar ao rígido sistema utilitarista do “apreender” hierarquizado no tabulador sistema do “certo” ou “errado”. Ernesto, desta forma, resistiu à inserção na escola, ou talvez, nem tenha chegado a formular tal inserção. “O problema da escolarização das crianças nunca se colocou seriamente” (DURAS, 1991, p. 12), a família tentara pedir um professor para ensinar as crianças em casa, mas o governo pensou: Que pretensão! A família com a negativa não tentou outra vez. A família de Ernesto lia livros encontrados nos comboios, ou nos expositores em ocasiões itinerantes, ou livros próximos do lixo. Os irmãos de Ernesto em meio ao entulho encontraram um livro e levaram até o irmão.

O livro despertou a atenção de Ernesto, fitou-o por um longo período. O livro era grosso com capa de couro, o seu centro havia sido queimado, o instrumento que violentara o livro produziu marcas profundas nas páginas e em seus sentidos. Em sua experiência singular de leitura, Ernesto lê sem saber ler o livro queimado, para muitos um livro morto, com seu sentido geral negado. Um livro preso pelo sepulcro da incompreensão – diria o leitor ordinário. O leitor ordinário leria um livro que não estivesse seu centro queimado, já que para ele a competência de uma leitura se esmera na decodificação usual dos códigos da língua, algo que Ernesto não dispusera. Ernesto sem saber ler, “dizia que tinha lido algumas coisas do livro queimado” (DURAS, 1991, p.17). Desta forma, lia no rumor da palavra que (re)desenhava a todo o momento, o centro do livro produzia desconhecidos. “Depois (Ernesto) compreendeu que a leitura era uma espécie de desenvolvimento contínuo no seu próprio corpo de uma história inventada por ele” (DURAS, 1991, p.17). A leitura nasce da invenção de Ernesto, na invenção brinca na leitura pela inocência do seu não saber, lendo sem saber ler, faz o corpo inventar uma linguagem da dispersão de sentidos, dispersos os sentidos, inventa os significados para eles, acolhe-os na dança interior de Ernesto e o livro queimado.

O livro sofre a violência de ser queimado. A violência ao livro nunca vista antes pelos irmãos de Ernesto, silenciosamente chora, o livro queimado vive o vazio deixando no meio do livro, “incompleto”, tendo em vista a ideia de completude que a unidade das palavras do livro forma, um sentido completo, deste modo, havendo lacuna a ser

preenchida, o sentido completo estaria “perdido”, todavia, o vazio no centro do livro abriu outro horizonte a Ernesto, o vazio do livro, Ernesto não tenta preencher, e tampouco desconsidera, pois transfigura o vazio do centro do livro em novos sentidos não desenhados quando o livro fazia-se em “completude”. Uma leitura com um ser indigente nasce aqui, uma leitura que muda de rosto, transfiguradora dos sentidos, Ernesto transfigura “o luto pelo centro inexistente, converte-se na afirmação de suas personalidades, em sua dupla abertura ao começo e ao porvir” (LARROSA, 2004, p.56).

Na leitura por vir o leitor partilha a incerteza, a insegurança, o imprevisível. Talvez sejam essas sensações que Ernesto busca ao percorrer escombros, e o faz seguir sem destino, sem apropriação. Ernesto lê através do vazio criado no livro, o vazio que deixou rastros para que Ernesto pudesse debruçar-se na arte do criptograma, (des)orientado por falta de códigos, inventava – como Duras (1991) nos sugeriu – guiado pela vontade, transfigurou as frases até que os sentidos brotassem dos abismos, porém afastava qualquer sentido dominador, o primeiro sentido nasce, já era hora de que outros brotassem nas linhas de fugas, fazendo dessa devoração um desejo arbitrário, seletivo e vertiginoso. A devoração de Ernesto ao livro queimado acontece:

Com esse livro... precisamente... é como se conhecimento mudasse de rosto, senhor professor... Mal se entra nessa espécie de luz do livro... começa-se a viver no deslumbramento... (Ernesto sorri). Desculpe isso é difícil de dizer. Aqui as palavras não mudam de forma, mudam de sentido... de função... Está a ver, deixam de ter um sentido próprio, ligam-se para outras palavras que não conhecemos, que nunca lemos nem ouvimos... nunca lhes vemos a forma, mas sentimos... suspeitamos... que tem o lugar delas vazio dentro de nós... ou no universo... não sei. (DURAS, 1991, p. 125)

O livro queimado para Ernesto é movediço, muda de rosto e sentido a cada leitura. Ernesto nada afirma de forma concreta, já que os sentidos do livro dançam nas melodias de centro desconhecido. O sentido do livro propriamente não se afirma na leitura, Ernesto do sorrir dos sentidos, outrora construído, sorri da tentativa de gestar uma leitura do desconhecido, sorri do vazio que há em si e no livro, similitudes confusas. Ernesto desenha uma incerteza difícil de gestar, parece que tudo muda aqui, as palavras desenhavam outras formas e sentidos, outras funções, outras melodias. O livro queimado com o seu centro negado se desconhece, e apresenta outros sorrisos alfvéis de leitura doce, desconhecida. Ernesto se desconhece, não tem idade, nem certeza de quem é, apenas sabe seu nome, assim o livro nasce, apenas com seu nome e incompleto por não ter mais sentido próprio.

Ernesto sorri, pois não sabe, sorri por não saber o que leu, viveu e/ou ouviu, ri da incerteza, companhia próxima de sua leitura-experimento. A leitura-experimento faz

Ernesto abraçar a leitura na solidão de seu desejo, houve horas que o silêncio de Ernesto falou mais que o próprio sentido que desenhara. Os sentidos desenhados por Ernesto dissolviam-se nas profundezas do livro, sentidos submersos, no mar do não saber, mar que Ernesto sorri... Dessa leitura, “tudo o que se pode saber quando não se sabe nada” (LARROSA, 2004, p. 57). Ernesto sabe, uma vez que ele entende que “a leitura não é experiência de plenitude, mas de vazio” (Idibem) pelo qual reconhece uma linguagem que inventa, que tampouco faz sentido para o leitor ordinário. Ernesto desconfia da profundidade da sua invenção e segue a perguntar pelo mundo se o que leu é realmente o que está escrito, todavia, desconfia do seu não saber e segue a perguntar.

Talvez, Ernesto “aprendeu a ler assim, sem se dar conta, articulando o vazio do corpo com a textura insignificante da língua, deixando-se levar por essa língua desconhecida” (LARROSA, 2004, p. 58). Ernesto na inocência do seu não saber inventou o desenho de linguagem plural entre o seu corpo e o vazio. Aprendeu a ler em silêncio o vazio do livro, no alto da árvore ficava a ler, Tateava as palavras na liberdade de sua criação. Talvez, seja essa sensação de ‘ler sem saber ler’ que Ernesto aprendeu que poderia aproximar da leitura por vir. O olhar de Ernesto ao livro era enigmático, seu silêncio ruminava os sentidos desconhecidos, assim, continuou a ler, sem saber ler, um livro, um livro queimado, um livro o qual jogava na infância de menino sem marcas de tempo, cultura, passado ou certezas.

Ernesto lia o livro sem possessão. Talvez leitor ordinário tenha suprimido o primeiro olhar das coisas, algo que Ernesto jamais perdeu. O leitor ordinário perdeu a inocência na tentativa de adentrar o jogo da escolarização, aceita todos os sentidos prontos e enlatados. Diferente do leitor ordinário, Ernesto em seu primeiro dia na escola, regressa para casa e diz à sua mãe: “não volto à escola porque na escola ensinam-me coisas que eu não sei. Depois ficava dito. Ficava feito. Pronto” (DURAS, 1991, p. 24). Na escola todos os sentidos ficam prontos, enlatados e depois de dito tudo passa a se repetir, mais se acumula do que se esquece, “era tão fácil um esquecimento com Ernesto” (DURAS, 1991, p. 19). Ernesto esquece, e inocente dança a leveza da leitura sem ideia moldada em um passado ou formação... O leitor ordinário perde a inocência ao longo da vida quando abre mão do estado de infância, ao abrir mão, acredita nos discursos produzidos por eruditos ou críticos e segue a repeti-los com verdades absolutas. Talvez, Ernesto seja o leitor por vir que lê sem saber ler um livro queimado, pois nele há a liberdade do espírito de infância, desta forma, Ernesto-criança

enseja pertencer uma infância que não se traduz no seu sentido de “infância perdida”, e sim, uma infância liberta na leveza de um voo por vir.

O leitor ordinário, instaurado na instrumentalização e na preparação silábica, aquele talhado no rigor hermético da academia se torna “importante” quando for impersonalizado, “se o homem fortuito (escritor) [...] não tem lugar no livro como autor, como o leitor poderia ser aí importante?” (BLANCHOT, 2013, p. 333). O leitor ordinário não concebe a leitura em sua dimensão por vir, pois valora os sentidos pré-digeridos, já não quer mais pensar por sua vontade e desejo, quer ser guiado por eruditos produtores de guias enciclopédicos. Dê ao leitor ordinário tudo mastigado, que não reclamará. Todavia, leitor por vir não enseja ser aquele que dominará a obra ou sobre ela exercerá sua dominação, tanto o leitor quanto o escritor por vir estão livres da dependência superficial e seguem a escalar cumes e a submergir em profundezas no desvio mortal do livro e suas indeterminações.

“O que significam as palavras “premeditado, arquitetural, delimitado, hierarquizado”?” (BLANCHOT, 2013, p. 329). Tais palavras indicam uma mecanização totalizante da leitura, assim, a leitura ordinária é a inércia do saber, lugar onde as pessoas apenas respondem a um estímulo do já sabido em demasia e sem criação. O leitor ordinário pensa, no limite de sua entrega, que todos os cânones já foram lidos e seus sentidos já se encontram estabelecidos pelos eruditos da sociedade, pessoas essas que leem em demasia, a fim de regurgitar sabedoria, porém, seus intuitos apenas “indicam uma intenção calculadora, a disposição de um poder de extrema reflexão, capaz de organizar necessariamente o conjunto da obra” (BLANCHOT, 2013, p. 329).

O leitor por vir navega nos perigos e incertezas da leitura onde o *por vir* seria a força que “dissipa e dissolve todas as coisas como o nevoeiro, impedindo os homens de se amarem pelo fascínio sem objeto com que substitui toda paixão” (BLANCHOT, 2013, p. 321). Desconfia da arrogância das palavras “premeditado, arquitetural, delimitado, hierarquizado” e experimenta sentidos outros, transfigurando a liberdade criadora sem objetificar sua paixão por um sentido de fascínio do leitor. A paixão é a poética do movimento às coisas rumo à verdadeira relação do livro por vir e seu interior desconhecido. O navegador (leitor por vir) reconcilia com a paixão, pois despreza a ligeireza das rotas rápidas, tendo em vista que enseja mais travessia do que portos seguros.

O leitor por vir navega na leitura e atravessa o mundo por vir onde rompe as barreiras e transpõe os limites sem pressa, pois “a impaciência caracteriza a magia,

ambiciosa de dominar imediatamente a natureza” (BLANCHOT, 2013, p. 333). O leitor por vir cavalga na ruminação, talvez seja ele o leitor predito por Nietzsche em suas qualidades daquele que julga ser o seu leitor: “O leitor de quem espero algo deve ter três qualidades: ele deve ser calmo e ler sem pressa, não deve sempre privilegiar a si e à sua ‘cultura’, não deve, enfim, esperar por encerrar um quadro de resultados” (NIETZSCHE, 2003, p. 46). Tal ensejo de Nietzsche baila com Blanchot na potência por vir sem ater força de dominação, e sim seguir às profundezas da leitura sem aportar em águas rasas e o fazer das âncoras moradas fixas às brevidades, pressas e resultados, destarte, o leitor por vir acolhe a leitura na aventura ruminativa enquanto paciência, e “é a paciência que preside à afirmação poética” (BLANCHOT, 2013, p.333) da criação de novos valores e devoração.

A liberdade do por vir da palavra poética traduz o mundo da poesia em sua criação, uma vez que “a poesia *des-cria* e institui o reino do que não existe e não pode, designando ao homem como sua vocação suprema algo que não pode ser enunciado em termos de poder” (BLANCHOT, 2013, p. 333). A poesia *des-cria* um mundo de valores, já que não tem em seu cerne a regra dominadora das normas, nasce livre a poesia no movimento supremo da criação, onde vive um mundo *fora* em plena renovação da realidade e seus limites onde o leitor por vir alça o finito da criação e des-criação de sentidos e verdades.

“A alquimia pretende criar e fazer” (BLANCHOT, 2013, p. 333). O leitor por vir enceta o ritual de criação pautado na devoração primitiva do canibal devorador de gente onde se cria novos rumos e novas travessias, a fim de adentrar na leitura por vir enquanto poética da criação e des-criação. Já que “somente o poema - o livro futuro - é capaz de afirmar a diversidade dos movimentos e dos tempos, que o constituem como sentido ao mesmo tempo que o reservam como fonte de todo sentido” (BLANCHOT, 2013, p. 355). Destarte, a poesia e seus poemas movimentam as descobertas de tempos do livro que estão sempre a dançar na leitura por vir dos movimentos oriundos do livro (por vir). No tempo do livro, os espaços dos sentidos dançam na profundidade das entrelinhas onde o leitor pelo por vir dança a fruição em passos leves na criação poética. A poesia aqui apreende o mergulho no *por vir* da agitação da palavra literária onde desvios da leveza poética estão a (des)cria uma leitura por vir e sua dispersão dos sentidos.

O *por vir* dança “em todas as direções, pela própria dispersão e segundo a divisão que lhe é essencial” (BLANCHOT, 2013, p. 346), assim, a dança do por vir está

a criar-se pela dispersão de sentidos onde caminha em sua essência de profundidade, e leva o leitor a fugir dos livros ordinários sem possibilidade do voo, já que o por vir é esse voar na possibilidade de perder e encontrar-se na dispersão dos sentidos a caminhar, devorando a si e ao outro fortificado na criação poética, e nela não desaparecer, e sim, aparecer no essencial do seu movimento, a poesia.

A leitura por vir da travessia poética vai desenhar no leitor os sentidos movediços da palavra literária, assim, dispersa-os nos abismos da leitura como convite ao imaginário literário a se perder no movimento de criação: “o livro está assim centrado no entendimento que forma a alternância quase simultânea da leitura como visão e da visão como transparência legível” (BLANCHOT, 2013, p. 355). Há que se conceber o livro por vir em sua transparência legível, há tanto a ser lido na profundidade de seus sentidos, porém o livro ordinário não poderá atravessar, pois sua escrita se encontra centrada no delimitado, racional, imóvel e objetivo. O livro por vir, ao contrário, centra-se na alternância da sua visão, mas também, no movimento constantemente descentrado da relação de si e do tempo do livro que é o próprio movimento da sua relação em constante devir a se desdobrar em outra imagem.

O livro *por vir* “que recolhe o espírito recolhe, portanto, um poder extremo de explosão, uma inquietude sem limites, que o livro não pode conter, que exclui todo conteúdo, todo sentido limitado, definido e completo” (BLANCHOT, 2013, p. 345). O livro por vir libera o fluxo do ilimitado, do indefinido e incompleto da leitura ao leitor que goza a liberdade do fluxo e devora a leitura na dispersão de sentidos que o livro por vir emana. Neste sentido, o livro por vir liberta a alma do leitor ordinário do limitado, definido e completo, e ao libertá-lo das gaiolas, a transfiguração começa, tempo e espaço se dissolvem no íntimo do leitor onde os sentidos de objetividade dão lugar à pluralidade para que o leitor por vir possa gozar do por vir leitura e seus movimentos.

O leitor por vir recebe do escritor o silêncio. O silêncio do livro por vir irrompe a possibilidade de fala no inter-dito do silêncio, assim, o leitor por vir é aquele que sabe penetrar na leitura por vir como “uma preciosa morada de silêncio, uma defesa firme e uma alta muralha contra essa imensidade falante que se dirige a nós, desviando-nos de nós” (BLANCHOT, 2013, p. 321). O livro por vir é a morada do silêncio na altivez dos cumes e profundidade da alma do leitor. Intensa fala do silêncio, voa na leveza da devoção silenciosa, assim, desvie da fala produtora e rumine o silêncio no pouso latente, possibilidade de se entregar à travessia como passagem de silêncio ruminativa a uma palavra literária plural, a leitura por vir.

O mundo das grandes falas esquece o silêncio, e na latência por ter voz, nega voz do outro ou por falta do tempo de ouvir, ou por querer fazer da sua voz verdade indubitável. Não há então a vertigem singular na leitura, se o leitor ordinário continua a ler sem criação e destruição de si. Uma vez que “um livro não tem objeto nem sujeito; é feito de matérias diferentemente formadas, de datas e velocidades muito diferentes” (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 10). O livro por vir é escrito em velocidade e potências diferentes que podem ser lidas em velocidades diferentes para cada leitor, mas leitor por vir prefere a lentidão, já que não vai à leitura em busca de objeto ou sujeito, prefere a velocidade da própria emoção, e assim, ler nas diferentes formas e sensações, tornando a escrita um caminho sem volta do leitor por vir que deseja caminhar na impossibilidade do retorno, pois segue na incursão de sentidos viventes no contato do texto-leitor.

Na relação texto-leitor a imaginação dança “nesse Tibete imaginário onde já não se descobririam em ninguém os sinais sagrados, toda literatura cessasse de falar, o que faria falta é o silêncio, e é essa falta de silêncio que revelaria, talvez, o desaparecimento da fala literária” (BLANCHOT, 2013, p. 321). A fala literária desaparece na contemporaneidade, pois o leitor ordinário está engessado na produção, e a vertigem literária é limitada a textos guias ou reprodutores, tendo em vista que o leitor ordinário tem pressa de produzir, assim, debruça-se pela obra com superficialidade. Desta forma, não aprende o valor do silêncio, tendo em vista que, quer a todo o momento, expressar sua opinião. E o silêncio da vertigem literária é deixado de lado pela ambiguidade.

Quais profundidades o leitor precisa habitar para submergir renovado? “Aliás, o que quer dizer a fórmula que usamos: “isto é profundo”?” (BLANCHOT, 2013, p. 347). Qual a fórmula que usamos para dizer que um livro é profundo? Ou se ousamos perguntar: Qual a fórmula que usamos para dizer que um livro é por vir? A profundidade é a dimensão do desconhecido que pousa no interior de cada leitor por vir, não cabe dizer que a fórmula (se houver) seguirá a funcionar com todo mundo e na mesma potência, há livros para todos e outros para ninguém (aludindo a Nietzsche), todavia, a experiência do que se lê é devorada singularmente por cada um. No limiar da intenção, pode-se dizer que a leitura por vir segue na experiência singular habitada na ruminação, acolhimento e refutação, movimentos que se engendram na criação e travessia pela leitura por vir.

Na tentativa de habitar a profundidade da leitura, o leitor por vir “não se contenta com desenrolar-se de maneira linear” (BLANCHOT, 2013, p. 347). A leitura

segue a deslinearidade da rota e “se abre; por essa abertura, sobrepõem-se, soltam-se, afastam-se e juntam-se, em diferentes níveis de profundidade” (BLANCHOT, 2013, p. 347). A leitura por vir se dissolve nos rizomas da profundidade, livre, sobrepõe-se à soberba, afasta a linearidade e abre o desconhecido da profundidade. Tais mergulhos à leitura exigem uma lentidão do leitor (por vir) ao observar diferentes níveis de profundidade, em que está imerso, todavia, é preciso submergir transfigurado na experiência do abismo e cume, a fim de tomar fôlego, às vezes, e mergulhar novamente.

A leitura por vir mergulha na profundidade onde o leitor experimenta a possibilidade cada página, um nível de profundidade diferente. A cada virar de página a dimensão do imaginário do *fora*, gesta a mudança do coração do leitor pelo mergulho na dimensão da profundidade transformadora *por vir*. A profundidade da leitura lança “outros movimentos de frases, outros ritmos de falas” (BLANCHOT, 2013, p. 347), outras sensações, outras reminiscências, outros abismos. A profundidade esconde um vir a ser misterioso, onde se “supõe um espaço com várias dimensões, e só pode ser ouvido segundo essa profundidade espacial que precisamos apreender simultaneamente em diferentes níveis” (BLANCHOT, 2013, p. 347) e diferentes melodias. É a singularidade o universo plural da profundidade, universo este em que o leitor é travessia a várias dimensões literárias, e ao atravessar o mundo constrói a imagem da palavra literária que versa a realidade em seu *fora*.

O leitor *por vir* “não é verdadeiramente leitor. Ele é a leitura” (BLANCHOT, 2013, p. 357), sendo assim, a leitura e o leitor estão no movimento por vir em constante transfiguração, criam e des-criam no giro de si. Tais ensejos encetam a comunicação do texto-leitor nas dimensões dos (des)territórios interiores ou imaginários do leitor e da leitura por vir. Os territórios da leitura (des)criam-se *fora* dos sentidos de produção e abraçam a criação indefinida do livro ou leitura no limiar da travessia, a travessia irrompe um segundo movimento de compressão ao leitor que se lança à linguagem de si, assim, com Ernesto, a busca de sua linguagem poético-criadora dos sentidos livres da presença da obra. “Enfim, pelo futuro de exceção a partir do qual o livro vem em direção dele mesmo e vem em nossa direção, expondo-nos ao jogo supremo do espaço e dos tempos” (BLANCHOT, 2013, p. 357). É no espaço e no tempo que a leitura abraça o por vir na dimensão de liberdade e criação, assim, devora o leitor e leitura no movimento de voo por vir. Voe!

O Canto Por vir da Sereia

O sol acabara de abraçar a escuridão e aos poucos os raios que iluminam o rio se dissipavam, era possível ouvir o movimento das águas, e ao redor da fogueira o silêncio era invadido pelo crepitar da lenha e o contar das histórias; as vozes entoadas nas histórias lanceiam imagens que flutuavam pelo imaginário, transfigurando o horizonte em uma janela em direção ao infinito das coisas. Os heróis e as feras míticas iniciadores da aventura rumo a novos mares, terras para habitar, caminhos para se perder, lares para morar e estranhar. Mas no rio as águas mudam e na leitura as histórias mudam na liquidez do passar das páginas, todavia, a vontade de nadar e ler segue o movimento latente do *por vir*.

O som da tormenta da água aos poucos era apaziguado pelo desejo íntimo da devoração, desejos aflorados pelas melodias da alma, tons e espíritos de renovação. É a lua cheia, o convite a adentrar no imaginário mítico das feras, do silêncio e das tempestades. É a lua cheia o movimento de transfigurações, a escuridão submersa na alma e a luz que ilumina os caminhos em meio ao *por vir* desconhecido da noite. A lua entoa às faces e ao corpo a transfiguração, a sensação de mudança que invade o interior e transfigura a alma. Eis aqui as fases, o novo devorado por transfiguração a cada luar... “Lua nova, ó Lua Nova, eis-me aqui. Tu vens até mim? Eu sou o teu *Sim!*” (COSTA, 2008, p. 14). Ó lua, devore, as faces e faça imperar a transfiguração a liberdade do corpo e da alma. Ó lua desenhe no interior o tempo da transfiguração no movimento por vir de lugar instaurado pela leitura.

Ó lua seu reflexo na água ilustra a noite. Na noite as feras observam o luar e o silêncio de outrora se quebra pelo canto enigmático da Sereia. O canto *por vir* da Sereia embriaga o destino, fidelidade e o desejo e descortina o tom de sedução que vai além da superfície do ouvir, engano falacioso, a melodia enigma de um por vir livre, cerne misterioso da melodia arrebatadora das Sereias. O enigma do canto está a se desenhar por promessas que não se constroem em um momento presente, e sim em uma música que alcança tons vindouros, entre sedução e imprevisibilidade. Eis aqui o canto pelo encanto das Sereias: “a forma inapreensível e proibida da voz sedutora” (FOUCAULT,

2009, p. 234), uma orquestra regida por pluralidade da sedução e desvios do enigma, a devoração.

O canto enigmático das Sereias anseia o “sulco prateado no mar, oco da onda, grota aberta entre os rochedos, praia de brancura” (FOUCAULT, 2009 p. 234), lugares onde o encanto começa de fato. É na profundidade que o enigma da aventura ressona, talvez por um caminho sempre aberto, que se transfigura nas melodias vindouras, uma abertura ao horizonte da profundidade do mar. Ao navegar no enigma do canto as espumas de sedução regozijam nas correntes das águas. A navegação pulsa pelos movimentos das ondas, as águas tempestuosas ou calmarias, forças imprevisíveis em seus ímpetos penetram em direções sombrias e gélidas do mar. É o movimento das ondas uma possibilidade a se arremessar às incertezas das águas.

As espumas cortam os mares sem direção, são as correntes do mar o fluxo das cartografias e rizomas, a imprevisibilidade. O navegador se movimenta pelas correntes e segue a liberdade imprevisível das rotas, sem prever o caminho, as sereias emergem das águas e surpreendem o navegador. O canto das Sereias entoia “a promessa de um canto futuro” (FOUCAULT, 2009, p. 234), o futuro do canto promete ao navegador grandes proezas e recompensas, engano da melodia, a superficialidade. O tom da sedução dita aos sentidos enigmáticos que fazem o navegador perder a razão e navegar guiado pelo desejo do íntimo da aventura, a profundidade.

O canto da Sereia aqui nasce como uma nova aurora. Aurora que tece o amanhã e “as Sereias prometem cantar para Ulisses, é o passado de suas proezas, transformadas para o futuro em poema (...)” (FOUCAULT, 2009, p. 234). O canto poetiza o futuro e as vozes melodiosas superficialmente entregam o engano do desejo do navegador, todavia, o navegador adentra na profundidade pelo gesto inicial da sedução, se lança ao mar profundo em busca da vertigem transfiguradora, algo ainda indefinido que posteriormente será descoberto ao sucumbir à liberdade da morte, a travessia.

O brilho da lua ilumina o mar e a Sereia começa a cantar, é o movimento de sua voz uma “promessa ao mesmo tempo falaciosa e verídica” (FOUCAULT, 2009, p. 234). O canto encanta o navegador na promessa desconhecida da melodia e o faz mergulhar no desejo falacioso da sua intimidade, tal mergulho apresenta o anseio imediato das conquistas e o entorpece, todavia, o canto na profundidade vela um enigma verídico de liberdade que o navegador somente descobre quando se lança para além da certeza imediata do presente, longe aporta na precipitação, um caminho à morte, onde a veracidade do canto profundo e desconhecido das águas libera a travessia, tendo em

vista que “todos aqueles que se deixarão seduzir e aportarão seus navios para a praia encontrarão apenas a morte” (FOUCAULT, 2009, p. 234). O navegador seduzido pela Sereia encontra a morte enquanto abraço a profundidade e na profundidade encontra as verdades. Destarte, o verídico do canto se expressa “através da morte que o canto poderá se elevar e contar infinitamente a aventura dos heróis” (FOUCAULT, 2009, p. 234). A aventura do herói travada entre riscos e desafios de morte.

O canto da Sereia é “tão puro que ele nada mais fala que não seja do seu refúgio devorador” (FOUCAULT, 2009, p. 234). O canto descortina um desejo devorador de navegadores e sentidos, deste modo, o refúgio devorador enseja acolhimento da *devoração antropofágica* (COSTA, 2008). A devoração é o convite do canto da sereia ao navegador valente sem medo de adentrar ao mar para além da morte e encontrar a liberdade da promessa falaciosa e abraçar verídico da travessia à devoração. No coração do navegador habita um instinto *antropofágico* latente do desejo. “Desejo que é força, apetite, vontade, fluxo descontínuo, potência vibratória, corrente, devir” (COSTA, 2008, p. 71). O canto das sereias deseja devorar o navegador para que outro nasça transfigurado dessa devoração, o navegador devorado passa a ensinar o canto sem medir a consequência da embriaguez. O canto é “desejo como fluxo, corrente, devir” (COSTA, 2008, p. 71) o fluxo da liberdade que aquece o sangue, corpo e alma na potência do gozo supremo da devoração, o acolhimento.

O canto do desejo arrebatado por tons de sedução. “Desejo como adjacência, passagem, prosseguir. Desejo como deriva, decurso, fugir” (COSTA, 2008, p. 71). O navegador ouve o canto e o corpo, desejo latente da melodia, enseja a promessa *por vir* das águas. O navegador vive o caos criador das profundezas, caminhos, riscos e desvios, a possibilidade desconhecida da melodia. O canto reverbera o “desejo como irrupção, acontecimento, fremir. Desejo que excede, que escapa, que escorre, que não é lugar, apenas posição” (COSTA, 2008, p. 71). O desejo invade o navegador, e corpo e alma negam os traços da trajetória e seguem à deriva, na espera de um despertar o íntimo da profundidade... O acolhimento.

O canto exige do navegador renúncia às razões ensurdecadoras, então “[...] é preciso renunciar a ouvi-lo, tapar os ouvidos, transpô-lo como se fosse surdo, para continuar a viver e então começar a cantar” (FOUCAULT, 2009, p. 234). O canto emana sensações de incerteza no navegador, a rota de outrora se desfaz no desconhecido, e interrompida é, pelo desejo sedutor das Sereias, o desejo da promessa que o faz sucumbir à travessia enquanto possibilidade de morte que o modifica e faz

começar a cantar melodias novas no limiar de ares desconhecidos, voos leves rumo ao devir. O navegador começa a cantar a possibilidade de um mundo desconhecido que se cria e ora habita provisoriamente... O navegador canta o mundo como lugar de descoberta e afirmação do desejo de lançar aos abismos, para que:

[...] Nasça a narrativa que não morrerá, é preciso estar à escuta, mas permanecer ao pé do mastro, pés e mãos atados, vencer qualquer desejo de uma astúcia que se violenta a si mesma, sofrer todo sofrimento permanecendo no limiar do abismo que atrai, e se reencontrar finalmente além do canto, como se tivesse em vida atravessado a morte, mas para restituí-la em uma segunda linguagem. (FOUCAULT, 2009, p. 234)

Ó navegador, lança-te ao mar e encontre na profundidade do canto enigmático das Sereias a potência da travessia, a morte, para assim transpô-la sem astúcia soberba de afirmar vencê-la sem ao menos acolhê-la como lugar de passagem. E desta forma, ouça o canto na violência sedutora que atrai o navegador ao abismo enquanto possibilidade eminente de morte, e assim sucumbir à vertigem da morte na tentativa de restituir no caos do desejo e da entrega um lugar para além do canto, além da certeza e razão, lugar do desejo e da descoberta outrora desconhecida. No limiar do desejo de descoberta as ondas são a trama incerta que se liga rizomaticamente em meio à lançante irrupção das águas, movimento que retira do horizonte a ideia do porto, e lança o navegador-leitor ao mar, dando a violência sedutora e os abismos.

O canto das Sereias é a travessia do desejo instaurador de uma linguagem à deriva do desejo das águas. E à deriva os desejos percorrem o mar em suas profundezas, esconde os anseios *por vir*, uma confusão, por assim dizer, um sentimento arrebatador que arranca as entranhas da alma e a põe o navegador a poetizar o canto novo. A poesia é o canto vivo da sereia, a vertigem da alma rumo ao abismo dos sentidos que o navegador se lança sem medo, pois, anseia o reencontro com a morte no canto interior da melodia da alma do navegador.

As Sereias: consta que elas cantavam, mas de uma maneira que não satisfazia, que apenas dava a entender em que direção se abriam as verdadeiras fontes e a verdadeira felicidade do canto. Entretanto, por seus cantos imperfeitos, que não passavam de um canto ainda *por vir*, conduziam o navegante em direção àquele espaço onde o cantar começava de fato. (BLANCHOT, 2013, p. 3)

A sereia canta uma melodia *por vir* que conduz o navegante a pertencer ao gélido azul da tormenta das águas, dimensão enigma que vela a verdadeira forma do canto, a travessia. Não há razão gloriosa a qual seguir, apenas é tragado pelo tom desconhecido que emana do canto. O canto é uma possibilidade a desbravar direções desconhecidas, entretanto, “de que natureza era o canto? Em que consistia seu defeito?

Por que seu defeito o tornava tão poderoso?” (BLANCHOT, 2013, p. 3). O canto poderia ter tom inumano, ou mesmo ser igual aos outros, porém propagava na melodia a latente sedução no íntimo do navegador. As sereias cantavam o turbilhão do desejo ao navegador que era embriagado por falaciosa glória. O canto da sereia é o enigma devorador da natureza que arrebatava o navegador à morte e o apresenta outra possibilidade de viver. Talvez o defeito do canto consista em não prever a travessia, pois ambos famigerados anseiam a glória: o navegador enquanto desejo soberbo por pensar ter vencido as feras ou por ter sucumbido aos desejos submersos de glória, as sereias pelo refúgio da devoração. O desconhecido é que torna o canto essa potência avassaladora da travessia, a iminência imprevisível da entrega, a sedução.

O canto lanceava os navegadores, “homens do risco e do movimento ousado” (BLANCHOT, 2013, p. 4), homens impulsionados pelo desejo de aventura e glória. Na sede por aventura se lançam ao mar no anseio do destino, uma rota, um porto seguro. O canto da sereia desnorteia o navegador e o faz aportar em suas incertezas, não mais um único caminho a seguir. O destino de outrora dá lugar à afirmação precipitada de chegada. Ao lançar a âncora em meio à melodia da sereia é preciso ter cuidado, pois “todos aqueles que dele se aproximaram apenas chegaram perto, e morreram por impaciência, por haver prematuramente afirmado: é aqui; aqui lançarei âncora” (BLANCHOT, 2013, p. 4). Ao ancorar na sedução o navegador é arrebatado pelo enigma do canto. O canto enigmático da sereia ecoa pelo momento presente em transfiguração do momento agora, e ao passado que ainda se desenha no íntimo do navegador. O navegador embriaga-se, assim como leitor, na melodia que se põe a bailar, ritos de entrega e devoração em meio ao desejo latente presente que não quer sossegar.

A alegoria do canto da sereia, por um viés blanchotiano, faz pensar a leitura em movimento de travessia, dando-nos pistas a pensar a leitura por vir em seu campo enigmático, tendo assim, o cuidado de não pertencer às brevidades ou precipitações de sentidos e cometer o erro de lançar âncora por uma ação impensada, afirmando verdades ilusórias. Assim, buscamos um mundo que caminhe em um horizonte sem cegueira ou surdez, pelo caminho entre apetite e ruminação, espreitando a leitura em seus perigos e desvios, a fim de que a navegação (leitura) suporte fortes tormentas imprevisíveis e enigmas mortais.

No navegar as águas, os ventos uivavam nas rochas e a travessia à costa das sereias, Ulisses se permitiu a ouvir a melodia entre amarras. Advertido por Circe: “Hás de as sereias primeiro deparar, cuja harmonia atormenta e fascina os que as escutam:

Quem se apropinha estulto, esposa e filhos não regozijará nos doces lares; Que a vocal melodia o atraí às veigas” (HOMERO, 2009, p. 133). Há sereias a encantar pela doce brisa do mar, o canto começa a atravessar os sentidos do navegador e quem atravessa o canto da morte eis de encontrar a travessia que desterritorializa o tempo e espaço, e põe a bailar o ritmo do silêncio que o *por vir* desenrola, o emaranhar das vozes que entoam no rochedo uma melodia enigmática.

O porto a léguas deixou entre lembranças e fios futuros, as tramas das parcas a entoar o movimento das ondas do mar, enquanto a brisa desloca a nau, a epopeia segue rumo à terra da melodia enigmática onde os navegadores enfrentarão riscos e desvios mortais. Ao entrar na zona das sereias, “onde em cúmulo assentam-se de humanos ossos e podres carnes. Surde avante” (HOMERO, 2009, p. 133). A feiticeira predisse a ameaça da melodia, “as orelhas aos teus com cera tapes, ensurdeçam de todo” (idem), ensurdeça os navegadores da razão e permaneça no limite do risco. Aos tripulantes que te acompanham prive-os da sedução do canto. Tapes os ouvidos!

“Ouvi-las podes; contanto que do mastro ao longo estejas de pés e mãos atados; e se, absorvido” (HOMERO, 2009, p. 134). Ouvi-las podes em meio às amarras da segurança! Ouvi-las podes na prisão do impulso do desejo! E ao cruzar a zona das sereias o ar começa a refletir sensações de perigos que o canto emana, as mudanças geram um sentimento enigmático que atinge o corpo do navegador, e o medo invade o interior da alma, o medo da morte impossibilita-os habitar os desvios da profundidade do canto *por vir* da sereia, tendo em vista que o navegador “homem comum” é privado adentrar na profundidade da vertigem do canto, assim, a vertigem se estabelece no desaparecimento da aventura e do início de outra no limiar da liberdade da travessia.

Ulisses atende ao pedido da feiticeira e a tripulação tapa os ouvidos ao canto enigmático das sereias. Ulisses “mandou que o acorrentassem com firmeza ao mastro” (KAFKA, 2014, p. 483). A firmeza das amarras expõe a fixidez da razão, “de pés e mãos atado”, preso o “herói” estava, experimentou a vertigem inumana do canto entre trapaça e superficialidade. Ulisses se orgulha de sua “vitória”, leu o canto por suas brevidades, não adentrou nas profundezas, não se permitiu a travessia à morte, e o olhar vivo de outrem, não se permitiu as verdades submersas, não se permitiu jogar-se na água gélida da vertigem, a sensação de ter perdido a razão na presença consternadora da profundidade do canto.

Ulisses pouco se permitiu ouvir o canto enigmático da sereia, pois medo tinha de se sucumbir à vertigem desconhecida da travessia. A profundidade do canto desamarra o

por vir das profundezas dos abismos e apresenta a possibilidade de viver uma nova aurora. Outra rota enigmática a pertencer entre os entreves da navegação, outro desvio à melodia que invade a alma e descontrói as amarras da razão no ímpeto de sentir o *por vir* entoadado no canto. O canto *por vir* faz ressonar na voz o desejo interior que redesenha no navegador o futuro e passado da vertigem, o desvio do presente em lugar de prazer momentâneo sem tempo ou espaço definido, lugar onde tudo se liquefaz na melodia do canto sem presença, apenas sedução. O canto da sereia a Ulisses é a imprevisibilidade do vento que movimenta a caravela entre as correntezas onde os navegadores adentram aos perigos e desvios da rota marítima. Ao adentrar ao translado, a velocidade segue as mudanças dos ventos e o ritmo das ondas. É a magia das ondas o convite a se perder. Perder a consciência, rota, razão, sentidos e no canto... E ao adentrar na magia das ondas o corpo do navegador transborda a narrativa, e vice-versa, uma magia de transfiguração onde não se mede a velocidade do contato.

A velocidade do vento delimita a navegação, e ao negar, perdido no canto os navegadores que atravessam a experiência de morte não esperavam que “o canto das sereias impregnava tudo – que dirá um punhado de cera –, e a paixão dos seduzidos teria arrebatado muito mais que correntes e mastro” (KAFKA, 2014, p. 483). O navegador, se arrebatado pelo canto, teria experimentado mais abismos do que certezas, mais profundidades de que superfície, mais cavernas e menos terra firme. A paixão dos seduzidos arrebataria a travessia da racionalidade comedida a um universo leve, onde a melodia arrancaria os mastros e amarras e levariam às profundezas do pensar.

O canto *por vir* da sereia irrompe as zonas de conforto e desnuda a realidade em busca de uma melodia de sedução. Rasquem a razão! Rasquem as rotas direcionadas! E adentre à travessia do canto, pois “as sereias, contudo, possuem uma arma ainda mais terrível que seu canto: seu silêncio” (KAFKA, 2014, p. 483). O silêncio produz o movimento de *por vir* da profundidade, ondas de transfiguração, onde o navegador experimenta a redenção do abismo e quem sente o silêncio penetrar experimenta a consternação como impossibilidade de voltar ao seu estado de razão, pois o silêncio é o convite intermitente do desconhecido e um caminho sem volta à normalidade. Oh! Homem forte e de movimentos ousados... lança-te ao mar e deixa a liquidez do silêncio te possuir, pois, quando a melodia sucumbir à razão, as frestas se abrirão ao desconhecido enquanto travessia de morte.

A ti, homem que a razão consome, prende-te na segurança da sua arrogância, pois medo tens! Lança-te ao mar e verás as profundezas dos abismos onde as águas são

o puro desejo de libertação! E ao atravessar as águas gélidas das profundezas, prova cada gota de transfiguração e experimenta a liberdade de ter atravessado a morte. Faz da vertigem a passagem a outro mundo, mundo outro, mundo de travessias. E a ti, homem covarde, homem moderno, que pouco se permite ao infinito das coisas, homem moderno, que pouco atravessa a razão ilusória, que tanto ama; homem moderno, que não se desprende das amarras da superficialidade e certeza, e que a todo o momento justifica sua vertigem por uma melodia audível e consagrada, adentre nas águas sem medo das profundezas dos abismos.

Ulisses venceu o canto das sereias? Seria possível que Ulisses tenha vencido o silêncio do canto e se tornado herói da narrativa? “É certo que nunca aconteceu, mas seria talvez concebível que alguém tivesse se salvado de seu canto; de sua mudez, jamais” (KAFKA, 2014, p. 483). A melodia que Ulisses ouviu entre as amarras se bastou na superficialidade da escuta, preso não pode se lançar à experiência em completude. Incompleto, apenas ouve ao longe uma promessa falaciosa entre emoções e desejo, ouve suas grandes proezas futuras e seu desejo latente, quer lançar mão da razão, quer se entregar às profundezas, assim, sua trapaça o impossibilita de viver a liberdade do canto.

Ulisses no ímpeto de arrogância sentiu “tê-las vencido com as próprias forças, a avassaladora arrogância daí resultante, nada neste mundo é capaz de conter” (KAFKA, 2014, p. 483). O canto é a força arrebatadora que draga a razão a um abismo potente que desterritorializa os sentidos superficiais e vence qualquer tentativa de soberba glória que o navegador tenta alcançar. Tal força lança o por vir em devastação do presente e lhe imerge em um espaço onde o canto começa de fato, onde o canto apresenta o silêncio libertador das profundezas.

E, de fato, as poderosas cantoras não cantaram quando Ulisses chegou, fosse porque acreditassem que só o silêncio podia com aquele oponente ou porque a visão da bem-aventurança no rosto dele – que não pensava senão em cera e correntes – as tivesse feito esquecer todo o canto. (KAFKA, 2014, p. 483)

O silêncio irrompe subitamente o íntimo da alma do herói. “Ulisses, porém, não ouviu seu silêncio” (KAFKA, 2014, p. 483), pois se negou a mergulhar no infinito dos oceanos... O canto do silêncio é arma escolhida pelas sereias para seduzir o oponente traiçoeiro, um silêncio que estremecia o corpo de quem se punha a navegar. Às sereias restaram o silêncio, arma escolhida para provocar as mudanças íntimas no navegador, e lançar nele outra aventura, esta instaurada nas correntezas gélidas do pensar. No intuito do navegador adentrar ao mar do deleite e encontrar no desvio interior sua nau afogada

pelo canto. O silêncio enigmático devora o canto na tentativa de adentrar na profundidade do mar e na solução deleitosa desse enigma retorcer o desconhecido no abismo das águas e descortinar o desejo puro da libertação.

Ao encontrar com as sereias Ulisses não atravessou a incompletude da experiência. Apesar de o silêncio ter provocado fissuras na razão, o mastro ateve-o fixado, sem plenitude, não sucumbiu ao enigma do canto. Todavia Ulisses, talvez, tenha afirmado sua vitória, pois cegamente acreditou que ouviu a plenitude do seu sucesso, triste engano, covarde de amarras que julgou a precipitação da sua verdade e quis habitar a fixidez da razão, porque mesmo tendo “se entregado” à vertigem pouco ouviu do canto, “por assim dizer; acreditou que cantassem e que só ele estivesse a salvo de ouvi-las; com um olhar fugaz, observou primeiro o movimento de seus pescoços, o respirar fundo” (KAFKA, 2014, p. 483). Ulisses, ao se entregar à superficialidade, contorceu-se na tentativa de se desprender das amarras e se lança à profundidade desconhecida. A embarcação seguiu a rota e a sedução de Ulisses abrandou o ímpeto do canto e o fez respirar fundo, e ao contrair os pulmões na tentativa de respirar a normalidade, tomar fôlego é o impulso necessário, na latente possibilidade viu a presença do arremesso se esvair na calmaria da água, a tormenta de outrora que invadiu o corpo do herói o faz esquecer o *frenesi* inconsequente da morte e lhe estabelece o ritmo da razão e o aprende a liberdade.

O canto conduzia o navegador para o mundo além, o mundo onde a melodia do silêncio era a liberdade fora às amarras. Ulisses, em sua comedida vertigem, respirou fundo e escutou a melodia da superfície, com “os olhos cheios de lágrimas, a boca semiaberta, e acreditou que fizessem parte das árias soando inaudíveis a seu redor” (KAFKA, 2014, p. 483). Ária melodia solista, o Ulisses apreciador solo, que admira o canto pelo espanto do desconhecido do caminho. Assim, o herói cruza a experiência, porque tripulou navegadores surdos, que tolhidos foram da travessia. Mas o efeito da travessia, mesmo que superficial, transformou o herói para além do sentido central da narrativa.

Apesar de não ter triunfado para além da morte, o herói homérico reagiu embriagado pelo tom do desejo, o corpo embriagado devora a alma e acolhe as reações consternadoras do desejo que estão a penetrar pelo canto sedutor das sereias. A sedução do canto, embora em amarras, arrebatou o herói, esse que se possibilitou a desejar a liberdade do canto e se entregar à profundidade. O herói encontrou a liberdade da devoração e desejou adentrar nos abismos desconhecidos das profundezas; tal

devoração toca fundo a alma, “mas logo tudo isso resvalou por seus olhos voltados para o longe; as sereias verdadeiramente desapareceram, e, justo quando estava mais próximo delas, ele já nem mais sabia de sua existência” (KAFKA, 2014, p. 483). O herói devorado pela melodia que agora cessa, segue desterritorializado por não permanecer no limiar do canto, desconhece e estranha o território de agora, pois a potência outrora propagada o desnorteia da rota e o põe em outros caminhos. O herói quer permanecer no instante, todavia, sua permanência confusa do desejo de se lançar ao canto, desloca da rota da sua certeza e o faz rememorar o olhar saudoso da aventura que gozou em incompletude. O canto das sereias desterritorializou os sentidos de tempo e espaço do navegador e o deixou à deriva no fluxo da aventura.

Elas (sereias), por sua vez, mais belas que nunca, esticavam-se e giravam o corpo, deixando os cabelos horripilantes soprar livres ao vento e alongando as garras na rocha; não queriam mais seduzir, mas somente apanhar ainda, pelo máximo de tempo possível, o brilho que refletia dos grandes olhos de Ulisses. Se as sereias tivessem consciência, teriam sido aniquiladas então; mas permaneceram. Apenas Ulisses escapou-lhes. (KAFKA, 2014, p. 483).

As sereias observam atentamente a sedução esvair-se da pele do herói, e aos poucos a razão recobria Ulisses. As sereias não mais queriam seduzi-lo, mas devorar o navegador a fim de apresentar-lhe a profundidade desconhecida da água e transfigurá-lo pela travessia da morte. O ímpeto devorador draga-o em uma tentativa de liberdade que o faz estranhar a permanência no mastro; sua trapaça o traiu, pois o desejo fez sucumbir à razão, e sua vontade era a travessia. A tormenta do canto se esvai na firmeza da segurança e Ulisses, ao recobrar o olhar, vê o adeus da nau se dissipar nos murmúrios do silêncio do canto da sedução que reverbera o devir silencioso do brilho dos olhos do herói... O canto enigmático das sereias está a irromper fissuras no coração do herói, talvez tenha escapado ao ímpeto devorador das sereias, mas da devoração acolheu um sentimento leve e transfigurador do mundo, não era o mesmo herói de outrora, e sim, outro Ulisses, devorador da sua arrogância.

O canto enigmático apresenta convite a pertencer às profundezas, há algum “princípio malévolo naquele convite às profundezas? Seriam as Sereias, como habitualmente nos fazem crer, apenas vozes falsas que não deviam ser ouvidas, o engano e a sedução aos quais somente resistiam os seres desleais e astutos? (BLANCHOT, 2013, p. 4). O canto é o tom melodioso da sedução que arrebatava os navegadores por uma promessa futura distante na qual se acolhe ou refuta pela astúcia e arrogância, todavia quem se possibilita mergulhar no canto enquanto dimensão por vir recebe a tormenta devoradora das Sereias, uma vez devorado se lança na possibilidade

da travessia no aguardo da glória, todavia encontra algo mais valioso, a morte. O herói embriagado pela travessia renasce por uma possibilidade de viver fora da realidade do tempo sem astúcia ou arrogância, assim, o encontro de Ulisses e as sereias deixou as canções todas afetadas. As canções das sereias afetaram o mundo íntimo do herói e sua realidade rompe os ideais de território e tempo a apresentar outro lugar desconhecido, onde a devoração é potência liberadora. As canções quebram a máquina produtora e a reprodução chega ao fim, assim, o navegador devorador acolhe às irrupções das transfigurações que o canto possibilita e cessa o utilitarismo fazendo Ulisses se desprender da razão produtora e seguir a cantar novas melodias.

O canto das profundezas como convite a transcender a humanidade do mundo e navegar no inumano da passagem. A melodia assim, tom da alma das mudanças, que reverbera o convite a mergulhar no *por vir*. O canto adentra na profundidade das águas turvas e desconhecidas, a reação do navegador é submergir à superfície na tentativa de recobrar o fôlego. Ulisses, o leitor moderno, se agarra nas amarras da razão e pouco se transfigura pela leitura, amarrado o herói assiste atônito à melodia das sereias. O ideal soberbo anseia o brado de libertação, mas fio prende o herói na figura do espectador e em sua segurança não se lança à profundidade do canto devorador. O herói deleita-se nas canções onde frui a liberdade do espetáculo, onde anseia o aplauso como gozo supremo da admiração, todavia, o frágil engano do espectador se esvaía na tentativa de sucumbir ao desejo, tendo em vista que a trapaça o traiu e canção das sereias a soberba venceu. “É verdade, Ulisses as venceu, mas de que maneira?” (BLANCHOT, 2013, p. 5).

Qual artifício usou para “vencer” o canto *por vir* das sereias? Qual astúcia se bastou para tornar-se o herói da narrativa? “Ulisses, a teimosia e a prudência de Ulisses, a perfídia que lhe permitiu gozar do espetáculo das Sereias sem correr risco e sem aceitar as consequências, aquele gozo covarde, medíocre, tranquilo e comedido, como convém a um grego da decadência” (BLANCHOT, 2013, p. 5). O gozo covarde do herói que pouco se aventura por sua própria vontade, pois seu desejo segue envolto, controlado por amarras físicas que o atém à razão e reprodução. O herói e o leitor que sentem a devoração invadir a melodia do outro afasta o sentimento covarde de inércia e coloca em risco a vitória decadente de Ulisses.

O leitor moderno – desde a acepção nietzschiana (2003) da cultura decadente de seu tempo aos dias de hoje – mede as consequências da sua entrega, e decadente é o contato com o livro. Melodias novas para quê? Tendo a inércia para pertencer. Caminhos novos? Não, direção linear. O leitor moderno vive nas condições concretas da

sociedade moderna da produção onde os leitores são oprimidos por razão reguladora de sentidos e seu contato é a toda hora mediado por uma obrigatoriedade velada. O leitor moderno está a seguir o labor de uma vertigem nula que repete e reproduz sem ruminar os sentidos, e desta forma, pensar em um leitor ou leitura por vir exige coragem para abandonar a opressão da maquinaria da produção e se lançar à travessia enquanto dimensão por vir da liberdade de pensar, e questionar as linhas retas e seguir rumo às linhas de fugas. O leitor moderno não tem tempo para as possibilidades ou novas descobertas, uma vez que enseja todos os sentidos prontos e enlatados, cânones imutáveis e leituras todas feitas de antemão.

O leitor moderno necessita do labor para se afirmar no mundo da produção e assim inserir dados, melodias frias e funcionais, a fim de continuar a maquinaria da produção, “o motor dessa máquina é a terra. Sempre que está em funcionamento, impossível que alguma coisa não se produza: efeitos de máquinas. Grandes e pequenas máquinas, eis o que somos: “máquinas de máquinas”, nervo e coração” (COSTA, 2008, p. 30). A produção é latente no coração do herói e dos tripulantes, ambos embriagados na alma da produção, reproduzem superficialidades e arrogância. O herói diz deter a vitória, entretanto, sua astúcia se volta à rapidez, lê em demasia decadente, produz em ritmo acelerado e vive a reproduzir sentidos sem ruminação. A máquina de seu interior pulsa inconsciente e a consciência esvai na produção exacerbada e nada mais vê ao seu redor, porque cego está na produção de suas cópias.

No leitor moderno pulsa um coração decadente. A decadência segue seu ritmo de acúmulo, ambos são o tom da contemporaneidade. O leitor moderno, medíocre está por pertencer à utilidade e, a todo momento, procura brevidades para aportar suas certezas e ler inflado pela arrogância de pertencer à figura do erudito, o herói do saber, que conta a todo instante seus feitos e vitórias, mas “nunca mereceu ser o herói da *Ilíada*, aquela covardia feliz e segura, aliás fundada num privilégio que o coloca fora da condição comum, já que os outros não tiveram direito à felicidade da elite” (BLANCHOT, 2013, p. 5). Ulisses ostentou o título de herói que pouco merecera, sua covardia confundida com astúcia o fez incompleto, todavia, mesmo em incompletude se possibilitou deleitar no canto devorador.

O leitor moderno em sua amargura debruça pelas frustrações do labor moderno que mecaniza o mundo e na tentativa de dominá-lo instrumentaliza leitura e leitor em produção fabril a tolher o desejo de seguir a ouvir melodias novas de melancolia e sedução. “Os remadores que não podem se falar estão atrelados a um compasso, assim

como o trabalhador moderno na fábrica” (ADORNO & HORKHEIMER, 2014, p.40). Os remadores, figura do homem moderno, seguem o ritmo surdo e desenfreado da reprodução, já nem sabem o que se produz nesses tempos modernos. Nos tempos modernos o leitor se subordina aos comandos do herói ou dono, assim, não tem mais consciência por que produz, segue o fluxo da máquina. O leitor, então, se especializa na maquinaria da reprodução e já não pensa. Segue a ler no ritmo desenfreado, e rema na leitura sem aventura menor, já que em seu coração a melodia da produção é única a pulsar, todavia, remar rumo ao canto desconhecido para caminhar além da produção.

O leitor moderno mensura a realidade no limite de sua entrega e aponta o fim da leitura, uma leitura que se orienta na rigidez do pensar e do tempo. Uma leitura fria, sem entranha, nula de profundidade. A vivência da leitura jaz na modernidade, pois a leitura se tornou mera repetição e morbidez, nada ao encontro da produção e nela morre afogado na inércia. Nada se cria, apenas se repete. “A única ameaça é o esquecimento e a destruição da vontade” (ADORNO & HORKHEIMER, 2014, p. 58). A destruição da vontade assinala a inércia da alma do tripulante-leitor, que rema na velocidade ditada pelo herói-comandante, o ritmo só aumenta e continua a remar no reprodutivismo da sua ação. Nada a devorar! Nada a criar! Apenas a reproduzir na máquina de produção!

Os tripulantes-leitores comuns cerceados são de deleitar-se à melodia, com os ouvidos tapados, observam o contorcer da arrogância a reverberar o canto do herói e as suas vitórias. E sua presença menor será apagada, pois quem tem voz é a elite, esta que se autovincula detentor do saber e das vontades das grandes obras. A vitória só pertence ao herói, tripulantes comuns não são dignos do triunfo dos deuses, o olimpo é somente para quem constrói grandes feitos, para grandes cânones, grandes verdades, tudo em demasia. O leitor moderno anseia o Olimpo como tentativa de glória falida, uma produção sem sentidos, sem prazer ou gozo. Os tripulantes experimentaram o prazer do canto, “mas somente ao prazer de ver seu chefe se contorcer de modo ridículo, com caretas de êxtase no vazio, direito também de dominar seu patrão (nisso consiste, sem dúvida, a lição que ouviam, o verdadeiro canto das Sereias para eles)” (BLANCHOT, 2013, p. 5), o encanto pelo canto da sereia que o navegador-leitor experimentou, o prazer aparente expresso pelo contorcer do rosto do herói. Aquele retorcer foi chamado de verdade, entretanto, tolhido do prazer desconhecido, só podendo perceber o exterior do canto.

A surdez de Ulisses, “a espantosa surdez de quem é surdo porque ouve, bastou para comunicar às Sereias um desespero até então reservado aos homens, e para fazer

delas, por desespero, belas moças reais, uma única vez reais e dignas de suas promessas, capazes” (BLANCHOT, 2013, p. 5). A surdez de Ulisses urge do apreço à razão de glória que reflete no seu corpo como prazer. As feições de prazer de outrora se misturam ao desespero dos homens que desejam ser dignos das promessas capazes das sereias. No seio da promessa seu canto comum desnorteava o herói até o momento inumano da melodia.

A voz melodiosa altera os nortes e coloca as potências imaginárias a cantar, “o canto do abismo que, uma vez ouvido, abria em cada fala uma voragem e convidava fortemente a nela desaparecer” (BLANCHOT, 2013, p. 4). A voragem do canto arremessa o ouvinte à profundidade da água e reverbera o convite a desaparecer à sua essência. O desconhecido do abismo devora o ouvinte na vertigem de travessia lugar sem arrogância, sem pretensões, sem dominação, sem essência, sem moral. A travessia é olhar puro da profundidade, olhar que atravessa a realidade do objeto e cria mundos possíveis fora da realidade.

No mar sombrio habitam as Sereias e na tentativa de devoração repousam na rocha em meio à superfície. Na espera de outra aventura a Sereia decide adentrar na profundidade, e em seu primeiro mergulho sente no corpo a magia da água a revigorar a alma, em cada escama, parte humana admira os abismos e decide nadar por entre eles. E cada abismo visita um fora construído pela força do imaginário e sua realidade está na linha tênue da magia da água e transformação do objeto em realidade ao desenhar no exterior... o limiar da possibilidade... “desaparecer na verdade e na profundidade de seu canto” (BLANCHOT, 2013, p. 5).

A Sereia escava a profundidade e redescobre o tesouro que há pouco estava escondido por entre o entulho e vasculha a nau que afundou. O tesouro reluz na profundidade onde apenas homens ousados são capazes de adentrar, e ao nadar por entre o entulho observa a força do canto e se inquieta a vislumbrar os corpos dos navegadores que desafiaram a força do oceano e a melodia de sua voz, a fim de mergulhar na profundidade do canto, homens que se lançaram ao mar por ouvir vozes da sua razão e ouvir seus desejos mesquinhos mais próximos de sua certeza, e ao olhar os corpos, as sereias vislumbram o desespero em seus olhos vitrificados pelo terror do engano.

Qual tesouro a sereia encontrou? Qual devoração vislumbrou ao horizonte transluzido da água? Quais consequências e transfigurações o canto provocou no navegador? “Havia, pois, um princípio malévolo naquele convite às profundezas? Seriam as Sereias, como habitualmente nos fazem crer, apenas vozes falsas que não

deviam ser ouvidas, o engano e a sedução aos quais somente resistiam os seres desleais e astutos?” (BLANCHOT, 2013, p. 5). As sereias refletem por um tempo, o ímpeto impaciente dos homens, triste euforia sem ruminação a acolherem o canto como verdade na tentativa primeira. Doce engano dos homens! As sereias curiosas pelo por vir que se abre da aventura devoram o navegador na tentativa de acolher e ruminar seus sentidos. Pobre alma que repousa na devoração das sereias, e que agora vive a travessia enquanto outra possibilidade de viver transfigurado na água como morada. Os homens e as sereias em ebriedade desejam tornarem-se *outros* para compreender os mundos que se abrem, assim, é preciso preparar os pulmões e reter forças para o desconhecido e entender que os mundos são travessias sem porto.

A melodia das sereias é uma morada desconhecida, “algo de maravilhoso naquele canto real, canto comum, secreto, canto simples e cotidiano, que os fazia reconhecer de repente, cantado irrealmente por potências estranhas e, por assim dizer, imaginárias [...]” (BLANCHOT, 2013, p. 4). A potência do canto é a devoração que arranca as entranhas do real e apresenta fugas imaginárias do mundo fora. A sedução do canto leva o navegador a crer nas possibilidades e apresenta direções onde a razão predominava no caminho. O canto da sereia é o movimento de mudança e perigo. Transfiguração da objetividade em poesia. A melodia da alma que transcorre águas em fluxo contínuo de devoração.

Outro mundo, outras possibilidades. Novas verdades. Novas entregas. Novas transfigurações. O canto lança liberdade e o reencontro com a profundidade. Um abandono à superfície e o convite à entrega. A melodia da magia do tempo que transcendia a realidade das horas. Um tempo da imersão. O canto da devoração deglute o outro na tentativa de transfigurá-lo. O canto devorador das sereias se alimenta da entrega dos homens a profundidade, desta forma, o leitor devorado na melodia das sereias ruma, acolhe a potência da profundidade do canto e refuta a produção, seleciona o que devorar. O homem moderno transfigurado na devoração de si e seus desejos. O canto nasce da profundidade em um prazer que exala sensações. É o canto a melodia transfiguradora da superfície em profundidade... As sereias “podiam cantar como cantam os homens, tomavam o canto tão insólito que faziam nascer, naquele que o ouvia, a suspeita da inumanidade de todo canto humano” (BLANCHOT, 2013, p. 4). A melodia devoradora comum aos homens exala uma potência sedutora que embriaga os sentidos do navegador e o faz sair da razão e se entregar à imaginação. O canto de devoração cria

abismos, libertação e rompe racionalidade e faz o navegador mergulhar na possibilidade do *por vir* das águas, a travessia líquida da razão ao canto imaginário.

As sereias nos cantam pistas, convidam a desterritorializar a leitura dentro das instituições formadoras, nas quais se aprendem a pertencer a uma leitura superficial, aprisionada. A pressa apresenta o risco de nos afogarmos e de lançar âncora na água rasa e morrer na praia, certos que chegamos ao limite. Assim, o canto desterritorializa a leitura e nos arremessa ao desconhecido. Tendo em vista a profundidade da água, o movimento das correntezas e o ciclo das marés que arremessam o leitor no desejo, o canto, potência devoradora, transfigura o leitor por lentidão e paciência, o leitor ruminativo de sentidos e melodias, embriagado na transfiguração do livro por vir.

O canto *por vir* da sereia, ao provocar na leitura, transfigurações lança os sentidos e sensações para além do limiar do risco, e quem se arriscar a ler o livro para além das amarras da razão vivencia a leitura em sua fruição, desejo e sedução. E ao libertar-se adentra no livro como uma experiência plural de transfiguração, *outro* devorador do *outro*, pois acolhe as melodias que das páginas emanam, e ao ruminar aceita bailar com os sentidos *por vir* que inquietam a alma. O leitor por vir baila em um salão de vozes que anseiam acolhimento e liberdade, e ao ouvir a melodia o corpo reage a cada tom em singularidade degustativa que grava no interior a vertigem salutar da alma e além do interior o exterior retorce ao prazer que a leitura provoca.

O leitor *por vir* é capaz de mergulhar por mundos dantes nunca navegados e tocar melodias nunca ouvidas a fim de recriar sua própria melodia. Assim, a leitura se reinventa e cria o *por vir* das transfigurações em movimento. Ao navegar pela leitura, o leitor errante é embriagado pela liquidez da leitura, água turva que o leva a habitar o ritmo das correntezas, livre é seu estado de mudança. A leitura liquefaz o tempo e a transfiguração “do tempo transforma primeiramente o presente em que ela parece ocorrer, atraindo-o para a profundidade indefinida onde o “presente” recomeça o “passado”, mas onde o passado se abre ao futuro que ele repete, para que aquilo que vem volte sempre, e novamente, de novo” (BLANCHOT, 2013, p. 23). O leitor por vir se transfigura, em tempo próprio da leitura, onde não há mais a fixidez do tempo da obra. A obra então se redesenha na transparência da água onde os raios de sol penetram nas profundezas e na profundidade o leitor navega pela liquidez do tempo e recoloca o futuro do livro por meio das interpretações, assim, ao nascer da obra os sentidos são colocados no interior da alma por uma magia de renovação.

O leitor *por vir* ouve o canto e anseia desejos. É o desejo o sentimento de permanência do leitor à leitura, o contato íntimo ao livro *por vir*, – esse que virá a ser acolhido ou refutado pela devoração – uma amizade que se tece no enredo da obra e caminha além da leitura. A negação do desejo é a inércia das sensações, há que se pensar no livro como propulsor do desejo que assanha as entranhas onde o ritmo da obra desabrocha no deleite. O leitor *por vir* pertence ao livro, como o amante pertence ao amor, sentimento imbricado por um amor inexplicável.

O leitor *por vir* atravessa as amarras e se lança na leitura guiado pelo desejo ébrio da melodia das sereias e enfrenta mudanças arrebatadoras no corpo e alma, desejo puro do outrem a adentrar por entre intimidades, a fim de que nasça uma nova aurora, pois, a aurora que tece o amanhã embriaga as sensações e ouriça a alma. Uma leitura *por vir*: devoração, entranhas, pulsação das veias. Uma latência canibal que quer adentrar nos abismos e alcançar os cumes do pensar. Aqui não há territorialidades, e sim movimento. “Essa voz que “canta estrangulada” e que se deixa ouvir tão baixo não é a das Sereias cuja sedução está no vazio que elas abrem, a imobilidade deslumbrada com que elas tocam aqueles que as escutam?” (FOUCAULT, 2009, p. 236). O leitor *por vir* se abre à sedução do canto, mas vai além de Ulisses, mero expectador, e se lança ao desconhecido, desfazendo as amarras, e vivencia o canto/leitura como transfiguração do desejo que incita fruição e dispersão de sentidos.

A Leitura entre abismos e transfigurações

A leitura lança o leitor aos abismos das profundezas, por movimentos de transfiguração, assim, outras possibilidades de leitura bordejam o desconhecido no limiar do por vir. A obra continua a liberar o fluxo poético do caminhar que ora voa ora pausa nas pulsações do livro. E “se quisermos ver mais de perto ao que tais informações nos conduzem, talvez seja necessário apurar onde elas têm sua origem” (BLANCHOT, 2011, p. 13). Há então que se caminhar rumo às origens dos abismos da profundidade, em busca de mergulhar na origem deles, e assim, escavar mais a fundo, onde ninguém jamais cavou, no ensejo da dança redescoberta da leitura e seus sentidos.

O leitor escava na leitura, e seu anseio enceta uma possibilidade de pronunciar a palavra literária que ainda não é livro e, que quando for, os sentidos íntimos serão “de alguém que escreve e de alguém que a lê” (BLANCHOT, 2011, p. 13), ambos, escritor-leitor, partilham o início da jornada de escrita ou de leitura onde os sentidos se escrevem mesmo depois de ter lido ou acabado de escrever. Os sentidos seguem a criar abismos e transfigurações por onde o leitor caminha e transfigura-se na violência do passo inicial da caminhada, ao modo de Nietzsche, quando prediz: dizer-sim! A própria violência transgressora da inércia e propulsora dos caminhos e desvios da leitura.

A violência do passo inicial rompe o pouso e faz o leitor debruçar-se no caminho do amor, o livro. O amador do livro ama em silêncio a obra que se configura no espaço-tempo do fora, ama, na desconfiança dos sentidos de quem escreve, em silêncio. O amor do leitor deve destruir qualquer tentativa de prisão para seguir a amar sem dominação. Se livro ama, liberte-o! Não postule sentidos absolutos à obra. Tal papel de criticar inaugura uma coletividade do já sabido, já que “o crítico é um homem de poder” (BLANCHOT, 2010, p. 68) e sendo um homem de poder define a obra e seus sentidos em bom ou mau, dita a ordem de leitura ao leitor que segue guiado. A leitura deve fissurar a ordem do absoluto e começar a fugir das verdades e vontades dominadoras.

O leitor paciente caminha por muito tempo na leitura sem consciência de um tempo da realidade. Todavia, o leitor apressado abrevia o contato com o livro, pois está a viver no mundo da produção e dos sentidos prontos onde tudo que se pensar deve gerar algo novo, mesmo que nem novo seja, já que sem tempo reproduz modelos de modelos, cópias de cópias. Há então que gestar uma leitura no dorso da transfiguração,

pelo caminho... Anda, leitor, nos desvios da literatura, uma vez que “não existe fala direta em literatura” (BLANCHOT, 2010, p. 68). Na fala literária o leitor voa no fora imaginário da obra pela leitura, ao voar vislumbra as possibilidades de habitar os sentidos leves.

Caminha, leitor! Dança no movimento obscuro da leitura, no ensejo de fuga de linhas retas ou discursos diretos. E ainda na dança, “as palavras devem caminhar por muito tempo” (BLANCHOT, 2010, p. 68). As palavras caminham na obra no intuito de se perder na profundidade da leitura. Ao se perder, as palavras evocam as singularidades experimentadas no caminho. Assim, lê as tempestades na dispersão dos sentidos! A tempestade (re)constrói os sentidos da obra no *por vir* da leitura. A leitura então enceta a aventura nos perigos mortais da travessia! Caminha, leitor, e nasce revigorado nos sentidos obscuros do desconhecido da leitura!

A aventura começou, o leitor está a “caminhar por tempo suficiente para apagar seus traços e sobretudo para apagar a presença autoritária de um homem senhor daquilo que se deve dizer” (BLANCHOT, 2010, p. 68). O leitor caminha na perda de si e assim vagueia no por vir sem vontade de dominação, arrogância ou soberba, pois segue a caminhar na impossibilidade de retorno, e nessa caminhada esquece que um dia teve senhor a ditar as regras de sua imersão e contato com a leitura. No por vir o leitor desterritorializa os sentidos de sua alma e agora dança a noite na melodia do silêncio que pausa no desconhecido da alma e segue o caminho a entoar melodias novas de criação; no limiar surge a vertigem pelo caminho, assim, experimenta sentidos outros da obra. A obra se torna obra quando leitor se torna leitor, e a mutualidade é o convite a se chegar a ser o que é. Uma mutualidade invisível que se tece no interstício da obra e do leitor.

Desta forma, a leitura por vir libera um fluxo de liberdade à obra e ao leitor, ambos se transfiguram na travessia da leitura. O leitor por vir é transfigurado em ‘amador’, diferente do amador de quadro e música que se orgulham de seus gostos, do contrário, o amador da leitura está na figura de aprendiz que está a todo o momento a desbravar o caminho por silêncios e transfigurações de si e dos sentidos no contato com as melodias da leitura. As melodias da leitura propagam o silêncio e seus abismos são profundos, na imersão aos abismos segue a adentrar os níveis de profundidade da sua entrega, a cada nível o íntimo transfigura em uma possibilidade de habitar um pouso com os sentidos.

O amador dotado de arrogância ouve a musicalidade e afirma a qualidade da música que ouve em relação às outras que ainda nem ouviu, ou se ouviu julgou por seu limite ou gosto. Será que o amador julgou importante a música, nesse caso a leitura, no rigor da crítica? Se julgou, no pensar do crítico, foi guiado pela especialidade soberba, onde “os outros reconhecem modestamente que não tem ouvido” (BLANCHOT, 2011, p. 207). O leitor ordinário retém o veredito decisivo do crítico e a ele obedece, já que deseja apenas ouvir uma boa melodia ou ler um bom livro, e assim, pensa: Necessito ser dotado para ouvir as boas melodias e ou ler bons livros, triste engano, a leitura não requer dons especiais do leitor.

O amador dotado da crítica sente-se o “inato” produtor de verdades. O crítico, como leitor, esquece que o dom engessa a possibilidade de adentrar nas direções desconhecidas pela leitura, e assim, apresenta poucos caminhos interpretativos nessa leitura restrita do livro. Tendo em vista que, “o dom é um espaço fechado – sala de concerto, museu – do qual a pessoa se cerca para desfrutar de um prazer clandestino” (BLANCHOT, 2011, p. 207), todavia, para desfrutar do ‘prazer clandestino’ o amador precisa se libertar da erudição e caminhar além da clausura do círculo de sua arte ou leitura. Caminha fora do claustro singular da leitura e passa a criar a realidade dos simulacros da leitura, “um obscuro debate se processava na profundidade das coisas” (DELEUZE, 1995, p. 11), em que os simulacros subvertem a realidade fria da superfície em profundidade para que os sentidos frios se aqueçam em verdades leves, todavia, na transfiguração dos sentidos, a verdades leves devem alçar a voos, e nos voos “os velhos paradoxos do devir reaparecerão numa nova juventude – transmutação” (DELEUZE, 2011, p.11). A leitura no simulacro da leveza dança na livre melodia do imaginário e suas singularidades e multiplicidades da obra afasta o amor possessivo da entrega cega do amador.

A obra está a exalar as melodias do livro ao leitor! O leitor amador aprendiz do amor sem gaiolas, pode amar em liberdade. Os amantes amam sem pedir nada em troca, amam envolvidos pelos sentidos que tocam seus corações. A melodia da liberdade cria travessias no leitor e nas travessias começa a dançar sentidos novos por um espírito revigorado de transfiguração, assim, lê a obra livre de um passado e de um futuro e segue a ler no por vir do fluxo do sangue primitivo que percorre as veias no ritmo da pulsação, cada impulso uma transfiguração aflora, cabe ao leitor devorar os sentidos nas entranhas, somente a entranha pode acolher e refutar os perigos dominadores.

O coração do amante pulsa mais forte ao ouvir uma melodia da leitura que aquece o coração, ou ao lembrar-se da voz afável dos personagens. O amor ouriça os pelos do corpo e as borboletas afloram o estômago. É magia da leitura por amor livre o regresso ao prazer. Um ‘prazer clandestino’ da leitura onde as melodias do livro contagiam o leitor com amor. Logo, criar linhas de fugas ao dom é necessário para que quem não as possui não fique de fora, pois somente quando se sabe pode-se entrar e sair naturalmente, quer dizer, “não se gosta de música só aos domingos” (BLANCHOT, 2011, pp. 207-208). Assim, ama-se a leitura em todos os espaços possíveis: na realidade do quarto, da sala, na cozinha em todos os lugares que a leitura alcança e além deles, o imaginário inventivo.

A leitura enquanto vontade latente de devoração não nos exige dons especiais. A leitura não requer dons especiais tampouco exige uma erudição, e qualquer tentativa soberba e arrogante afasta o leitor da leitura por vir, tendo em vista que prejudicar a obra de antemão é um perigo de afirmar que “tudo sabe” e não se abre ao “não saber”. O saber e o não saber abrem possibilidades diferentes para o leitor, se este afirma que “tudo sabe” caminhará nas rotas funcionais limitadas por experimentações feitas por outros de antemão. Talvez morra em águas rasas quem “tudo sabe”, pois se intitulou dotado do saber que julgou dispor, e afogado está na superficialidade. Já se caminhar no “não saber”, o caminho se fará na aventura desconhecida tateada pelo caminhar. A leitura, no “não saber”, segue por marés tortuosas e incertas, sem início ou fim, na travessia.

A leitura é mais incerteza do que certeza. Nesse sentido, o “autor, leitor, ninguém é dotado, e aquele que se sente dotado, sente sobretudo que não o é” (BLANCHOT, 2011, p. 208). O escritor (leitor) sente-se constantemente desprovido – caso não se intitule crítico ou erudito. A transfiguração atinge o escritor, que passa a ser “artista”, ser artista implica em ignorar a arte já existente ou até mesmo ignorar tudo o que já existe no mundo, para encetar a criação da leitura pela ignorância. O “ler, ver e ouvir a obra de arte exige mais ignorância do que saber” (BLANCHOT, 2011, p. 208), tal leitura enviesa um movimento de ignorância e somente do exercício da ignorância que leitura devora, ruma, acolhe e refuta, é no esquecimento de si que a leitura começa a criar os sentidos.

O leitor como artista caminha na subversão como devoração da (sua) arte no intuito de que outra arte se crie. A subversão devora o caminho já instruído do mundo e na devoração apresenta o por vir dos sentidos da criação experimentados a cada passo

na caminhada, somente um leitor na potência da criação do artista pode criar(-se) sem olhar para trás. Na criação bordejada pelo leitor-artista os sentidos caminham na direção por vir do outro e de si. “A obra do escritor não passa de uma espécie de instrumento óptico que ele oferece ao leitor a fim de permitir que este distinga aquilo que, sem o livro, talvez não pudesse ver em si mesmo” (PROUST, 2013, p. 216). A leitura em si revigora no leitor o olhar (do) outro em si. O escritor e o livro agora passam a habitar dimensões impensadas, inicialmente, no início da leitura, assim, os sentidos da criação nascem no livro no limiar da leitura que passa recriar os abismos desconhecidos outras moradas experimentadas na travessia do leitor ao livro ou do livro ao leitor, nessa travessia o leitor passa a transfigurar-se pelos sentidos da leitura.

Os sentidos nascem do livro, na devoração da leitura acolhida pelo leitor, e vice-versa, ou seja, o escritor devora os sentidos que escreve, todavia, sem querer dizer ao leitor como se deve ler. O caminhar é individual! Cada um faça seu caminho à leitura de si e do livro. Assim sendo, a leitura do livro devora-se no ler do outro à liberdade, ler o outro implica ver por lentes quando a leitura se tornar obscura, nesse sentido: “Olhe você mesmo, veja se vê melhor com esta lente ou com essa outra” (PROUST, 2013, p. 216). Olhe você mesmo, tenha certeza do que está vendo, agora que tem certeza, coloque outra lente e veja por outro sentido; outro horizonte de si se abre do livro e por ele. A leitura vê por lentes, abismos, na tentativa de visão, ou melhor dizendo, de ver o mundo (do livro) sempre em movimento, o caminhar.

O livro está para ser lido e deslocado pelas lentes do leitor a cada página lida, então, a leitura se movimenta nas tessituras *por vir* da obra, onde não há previsibilidade concreta a seguir. A obra apenas segue para os abismos de si mesma, e assim, habitar os abismos da leitura para pertencer às profundezas do pensar inexplorado por um desvio mortal dos sentidos sensoriais e interpretativos. Os sentidos na pulsão rizomática de um leitor outro, o qual adentrará nas profundezas desconhecidas da leitura sem medo da aventura, rumo às incertezas. “A leitura faz do livro o que o mar e o vento fazem da obra modelada pelos homens” (BLANCHOT, 2011, p. 210). O mar ensina à leitura a potência de sua força, ora destruição voraz, ora paciência ruminativa; forças do desejo arrebatador do vento e do mar destroem a obra modelada pelo homem em segundos ou séculos. Uma virtude que o mar e o vento ao mesmo tempo possuem é poder ser voraz e paciente em relação à (re)destruição ou (re)criação de novos abismos e moradas.

A leitura aprenderia com o mar e o vento a destruir as obras modeladas pelo homem, a fim de que novas obras se ergam nessa destruição, anunciando um *por vir*,

uma “*meditatio generis futuri* – uma ‘reflexão geradora do futuro’” (NIETZSCHE, 2003), em que se possa prosseguir pensando, ruminando, lendo o livro mesmo após tê-lo fechado. A destruição das tábuas antigas em favor de novas e novos sentidos olvidados pelo leitor no seu não-saber. A leitura no limiar criador enseja leitores criadores, pacientes, ruminativos, artistas, e sobretudo, dispostos a legislar o novo por um livro em “fragmento caído do céu, sem passado, sem futuro sobre o qual não se indaga enquanto é visto” (BLANCHOT, 2011, p. 210). Um livro moldado no esquecimento de quem o escreveu e de quem o leu, livre de qualquer passado interpretativo ou sentido regulado por críticos ou eruditos.

Nietzsche sinaliza em sua filosofia que: há livros para todos e para ninguém, há sentidos para todos e para ninguém, aventura para todos e para ninguém, e assim, nessa ruptura poética de uma leitura, Zaratustra diz: “Ó grande astro! Que seria de tua felicidade, se não tivesses aqueles que iluminas?” (NIETZSCHE, 2011, p. 11). Ó grande livro! Qual seria tua felicidade se não tivesses àqueles que te leem? Àqueles que te acolhem e te refutam pela leitura? Ó grande livro! Não enseje ser grande no rigor do erudito ao ponto que ninguém o leia mais, pois a grandeza dita pelos eruditos (ou críticos) eterniza os sentidos que os outros te lerão, assim, deseje um leitor que pergunte: Qual seria o sentido subscrito nas entrelinhas? Quais verdades leves essas páginas dançam? Quais abismos esse livro apresenta no encontro do desconhecido da leitura? Quais transfigurações o livro apresenta no limiar do voo à liberdade da leitura? Ó grande astro, que as velhas tábuas da razão não o venham aprisionar.

Ó grande astro! Apresenta-nos a luz do entardecer onde a razão funcional se esvai ao poente do sol, “para isso devo baixar à profundidade: como fazes à noite quando vais para trás do oceano e levas a luz também ao mundo inferior, ó astro abundante!” (NIETZSCHE, 2011, p. 11). Ó astro abundante, ao crepúsculo, faz o leitor descer à profundidade de si no intuito da descida despertar os sentidos desconhecidos para assim o desconhecido da leitura nascer à luz da descoberta do livro. Ao descer às profundezas da leitura, o livro nasce no mundo na potência entre o vento e o mar, no mar o leitor vê no espelho da água um mundo translúcido, onde as sensações tremulam um horizonte marítimo, mares onde o brilho cintila em seu mundo inferior a presença desconhecida das sensações de uma leitura.

Em um mundo interior da leitura os leitores desconhecem a razão e, navegam por mares revoltosos na pulsão de uma leitura imaginária, o leitor navega então nas páginas do livro e desfruta um prazer puro no movimento da leitura. Há então que reunir

“toda a essência da obra no fato de que existe agora obra, começo e decisão inicial, esse momento que anula o autor é também aquele em que, abrindo-se a obra para si mesma, nessa abertura tem origem a leitura” (BLANCHOT, 2011, p. 218). A obra, pela decisão inicial de leitura, abre-se à transfiguração do leitor por uma devoração profunda do livro, tal transfiguração anula o escritor e agora nasce o livro-leitor no limiar da liberdade. O livro sem autor liberta os sentidos do ‘si mesmo’ e caminha nos (des)sentidos devorados da leitura e seus abismos.

A leitura pouco passa pela posseção de um sentido. A leitura é a liberdade! E caminha por muito tempo até gerar novos caminhos de vento e mar. O vento, a atmosfera de deleite e força de destruição, e o mar tão violento quanto calmo. Na água do mar a leitura navega por novas possibilidades na leveza do vento e na força da tempestade. O vento, força arrebatadora, cruza o mar, que se move, ora calmo e lento ora voraz e impetuoso, assim o vento coloca outro movimento no mar (da leitura) desvios aos abismos das profundezas. O vento sopra a leitura na liberdade do mar, “é a liberdade, não liberdade que dá o ser ou o prende, mas liberdade que acolhe, consente, diz sim, não pode dizer senão sim e, no espaço por esse sim, deixa afirmar-se a decisão desconcertante da obra, a afirmação de que ela é – e nada mais” (BLANCHOT, 2011, p. 210). A leitura gesta liberdade como afirmação, um dizer-sim aos abismos movediços da leitura e não dizê-los em uma prematura ou infundada afirmação. A afirmação está na inocência de dizer-sim ao movimento de caminhar, caminhar no por vir como possibilidade e seguirá a desbravar o mundo (assim como a leitura) sem nada pedir, nada requer, apenas caminhar no mundo (da leitura) por gestos de transfiguração do texto-leitor, uma transfiguração de liberdade, o leitor e a leitura *por vir*.

O livro lança liberdade à imaginação do leitor e do escritor, agora as páginas do livro movimentam-se na aventura do caminho e suas descobertas. A cada palavra lida no livro um caminho à arte da leitura se abre, no por vir o leitor sente a transfiguração da sua relação com o livro a irromper o fluxo da aventura de outras visões e outros sentidos. O leitor, corpo e espírito, dança no fluxo da mudança desconhecido da leitura, assim, o íntimo é profundamente desconhecido. “Mas o livro que tem sua origem na arte não tem sua garantia no mundo, e quando é lido, nunca foi lido, ainda, só chegando a sua presença de obra no espaço aberto por essa leitura única, cada vez a primeira e cada vez a única” (BLANCHOT, 2011, p. 211). O livro está para ser lido, sentido, transfigurado pelo leitor, como a primeira vez. Os sentidos flutuam por fisionomias que mudam de rosto, aqui, uma leitura transfiguradora de si, do outro e com o outro. Uma

leitura quebradora de limites é um desafio necessário para que os sentidos da profundidade se liberem e que o leitor dance o livro em sua melodia e singularidade.

O desconhecido da leitura apresenta um caminho à liberdade e leveza onde o leitor caminha nos desvios do livro no intuito de bailar a leitura por uma delicadeza e força, vento e mar, todavia, a leitura apresenta abismos de incertezas, perigos mortais, brevidades, e sentidos... Há que ter farpas para selecionar os abismos, pois há abismos profundos e livres onde o leitor e escritor dançam sem se aterem à prisão de um tempo-espaço. O livro então segue “a estranha liberdade de que a leitura – literária – nos dá o exemplo. Movimento livre, se ela não está submetida, se não se apoia em nada que lhe esteja presente” (BLANCHOT, 2011, p. 211). No movimento da leitura os sentidos seguem o fluxo da liberdade, não se prendem a nada, uma vez que extrapolam o vivido e o vivenciado no livro e começam a criar na liberdade outras possibilidades de leitura.

O livro aí está para além de sua realidade concreta, o agora, e assim, a leitura enceta um movimento de liberdade do agora que se dissipa no fluxo da leitura por outros sentidos. O livro aí está para ser lido e deslocado nos caminhos da leitura, pois, na leitura por vir os sentidos submergidos tocam o seu fora. A leitura por vir almeja que o leitor do abismo siga para um “Lázaro, veni foras”! Venha para fora, Lázaro (leitor)! e afaste seus ideais de vida de produção, e fora, dance a liberdade da morte. Viva a morte! E desperte na potência da força da pedra e destreza do cinzel a martelar no livro em sua profundidade. “O livro, portanto, aí está, mas a obra ainda está escondida, ausente talvez radicalmente, dissimulada, em todo o caso, ofuscada pela evidência do livro, por trás do qual aguarda a decisão libertadora, o *Lázaro, veni foras*” (BLANCHOT, 2011, p. 211). Os sentidos do livro podem ser escavados na profundidade por martelos e cinzéis, somente na liberdade da leitura irrompem sentidos novos desse livro escondido, dissimulado, ausente... *Por vir*, talvez?!

O escritor desenha o livro para que o leitor seja o inventor dos sentidos. E ao desenhar os sentidos de uma escrita o autor “escreve na presença de algum leitor ou mesmo para ser lido” (BLANCHOT, 2011, pp. 216-217). Assim, o livro está em constante devir, um vir a ser que só se configura na presença do leitor. Entretanto, há que se pensar o livro sempre em movimento onde os sentidos voam em um caminho *por vir*... Um voo leve e gracioso da leitura onde o leitor se abre à possibilidade de profundidade, gênese. O livro “está presente, sob formas variáveis” (BLANCHOT, 2011, pp. 216-217), as variáveis do livro são tecidas na transfiguração do leitor, no contato com o livro, a cada leitura uma transfiguração dos sentidos e caminhos, todavia, é

preciso acolher e refutar os sentidos do livro para assim esquecer um escritor e seguir a ler no movimento da criação.

A leitura segue as tessituras do tempo redescoberto da leitura, onde as horas não importam para o prazer celestial da leitura. Na leitura em tempo, a criação do leitor devora as pistas e rastros no caminho, caminhos de silêncio e isolamento que furtam os olhos e transcendem a alma, assim, “a leitura confere ao livro a existência abrupta que a estátua “parece” reter do cinzel: esse isolamento que a furta aos olhos que veem, essa distância altaneira, essa sabedoria órfã que dispensa tanto o escultor quanto o olhar que gostaria de voltar a esculpi-la” (BLANCHOT, 2011, p. 210). O livro anseia martelos e bisturis, a fim de quebrar a sabedoria altaneira que se desenha na arrogância, na quebra da arrogância, o leitor deve caminhar no ensejo das cumeeiras e assim será capaz de escalar com potência rochas tortuosas e chegar aos cumes do saber, com intuito de alçar voos leves em direção à vontade de potência que se desenha nos devires da criação.

O espírito livre do leitor anseia esculpir em rocha sólida as verdades leves sem doutrinação. É na alma do leitor que as palavras são devoradas por um prazer salutar. A leitura põe o cinzel a entalhar o livro e transfigura os traços grosseiros da rocha em gestos finos de uma estátua, entretanto, o ato de esculpir apresenta a obra à leveza dos sentidos que não jazem na figura da fixidez, e sim, ressona um tom que transcende do objeto e obra. O livro no limiar da estátua em sua leveza pode afirmar sem um olhar do escritor ou leitor; a leitura, de certo, segue os traços desconhecidos da leitura que da leveza nasce da força do escritor, mas que jamais saberá os sentidos que o leitor dará. E assim, a leitura “ ‘faz’ somente com que o livro, a obra se torne – torna-se – obra para além do homem que a produziu” (BLANCHOT, 2011, p. 210), é somente para além da produção que a leitura fará a obra singular e profunda.

“O próprio da leitura, a sua singularidade, elucida o sentido singular do verbo “fazer” na expressão: “ela faz como que a obra se torne obra” (BLANCHOT, 2011, p. 210). A obra se torna obra quando o leitor “faz” brotar o amor às melodias do amante sem possessão ao livro, outrossim, o leitor cada página suspira por relembrar o sorriso doce dos personagens que outrora não havia estranhado, observa ainda nas suas memórias: as mudanças do rosto, o sorriso tímido, as abelhas que ora invadiam o jardim no início da manhã, o crepúsculo... Sensações da leitura que em seu íntimo geram um *frenesi* de transfiguração, o outro nasce no limiar da leitura, a devoração. O amante, assim, como o leitor se debruça na leitura, entretanto, as inseguranças brotam do sentimento de amor, há que se reconhecer nas inseguranças que habitam o coração do

leitor mais apaixonado, e logo, fugir do amor possessivo. O amante da leitura sente o fora alcançar seu íntimo onde o amante não penetra em consciência, somente o livro pode fazer brotar sentidos de si experimentados no livro e sua leitura. Agora no olhar de si vê as relações das teias e como elas se constroem, as teias de liberdade e acolhimento que se fissuram por uma dança à profundidade do amor, a leitura.

A obra nasce no “vazio”, e “a leitura nasce, portanto, nesse momento em que o “vazio” que, no decurso da gênese da obra, marcava o seu inacabamento” (BLANCHOT, 2011, p. 218). Desta forma, o leitor abraça o “vazio” do livro em amabilidade, transfigurando-o a partir do contato íntimo com a alma, a alma do livro sorri ao leitor e sua incompletude se desenha na leitura e seus esboços. A leitura transfigura o vazio e o “vazio” transfigura a leitura, o “vazio” é a experiência da relação texto-leitor, por um silêncio se constrói no sentido do acolhimento, acolhe o silêncio em tempestade, mar e vento. “Vazio” não como inexistência, e sim, uma possibilidade de devorar outros sentidos, pois não está “cheio” de informação carregada na leitura. O vazio dá fome, gesto criador do passo inicial do leitor ao ler o livro, sem passado ou presente, no limiar da vontade de perfurar buracos nas camadas do livro a fim de devorá-los como abismos.

“A leitura nasce no momento em que a distância da obra em relação a si mesma muda de sinal” (BLANCHOT, 2011, p. 218), nasce da distância do escritor ao leitor por uma imprevisibilidade da leitura, a imprevisibilidade é singular a cada caminho. E andarilho, ande longe dos sentidos já instaurados por críticos! E nasça no por vir! No nascimento da leitura o fora do livro baila no leitor por rizomas do imaginário, ou seja, o leitor passa a criar novos valores e sentidos que brotam no solo e alcançam cumeeiras, todavia, a mudança “não mais indica o seu inacabamento e sim a sua realização final, já não significa que ela ainda não está feita, mas que jamais teve que ser feita” (BLANCHOT, 2011, p. 218). O livro está a brotar por rizomas de sentidos, a cada rizoma um caminhar, a leitura é um caminhar errante, em movimentos por vir, para ser acolhida como tal. Segue leitor a caminhar por muito tempo a fim de encontrar a devoração, pouso e ruminação.

O movimento da leitura possibilita abismos às interpretações que habitam o íntimo do texto-leitor. A leitura, assim, transfigura os sentidos do texto para que outros sentidos brotem no íntimo leitor como experiência outra. A leitura transfigura os sentidos do livro e faz o leitor adentrar nas linhas corporais que não são suas, a fim de conflitar com potência a razão invasora da alma do leitor e reverberar potências

criadoras. O livro experimenta os sentidos que o leitor em seu presente habita, o “momento em que o que se glorifica na obra é a obra, em esta deixa, de algum modo, de ter sido feita, de se relacionar com alguém que a tenha feito” (BLANCHOT, 2011, p. 218). Diz-se de uma obra desconhecida ao leitor e ao próprio escritor, uma vez que o sentido desconhece a si mesmo, já que não fala por alguém que tenha feito, e nem fala para um leitor.

O leitor cria novos trajetos à obra, entretanto, não caminhe à leitura apenas como mero instrumento ou “técnica”. O leitor por vir escava em busca de abismos desconhecidos para que os sentidos habitem uma nova morada, se desenvolve no tempo romanesco do livro em que o leitor, ao adentrar na intimidade do vazio caminha. O tempo somente experimentado no desconhecido do livro, sem lugar definido, o da criação de um tempo transfigurado na dimensão essencial do livro onde circunda a obra pelo vazio da sua intimidade. “A leitura não é um anjo voando em redor da esfera da obra e fazendo girar esta em seus pés munidos de asas” (BLANCHOT, 2011, p. 222). O livro alça sobrevoos à liberdade de sentidos. As asas são possibilidades de tocar o fora da obra – não com exterioridade levada em última consequência – a leitura assim, “não é o olhar que, do lado de fora, atrás da vidraça, capta o que se passa no interior de um mundo estranho” (BLANCHOT, 2011, p. 222). As asas da leitura voam por uma singularidade do texto leve, com intuito, de pertencer à multiplicidade de sentidos da obra sem um fazer como produção.

O leitor então voa a liberdade por sua experimentação do vazio, no vazio voa fora do mundo real e segue a planar por terras desconhecidas do imaginário. Asas para percorrer caminhos íntimos da leitura e vislumbrar outros horizontes de si ou do mundo da leitura. A leitura se tece nos interstícios da obra entre o presente da experiência, em um tempo que vivencia os momentos e lembranças dos sentidos, em “sua transfiguração última, retém em si tudo o que realmente está em jogo na obra, e é por isso que ela carrega sozinha, no final, todo o peso da comunicação” (BLANCHOT, 2011, p. 222). A transfiguração última do leitor pela leitura apresenta, retém todos os sentidos no jogo da obra, os sentidos estão na comunicação com o leitor e o mundo.

O leitor voa na leitura e seu sentimento de liberdade o guia para o desconhecido da leitura. O leitor que se sente supérfluo diz não fazer parte do livro, todavia esquece que o leitor escreveu sentidos ao livro que nem mesmo o escritor havia pensado, sentidos que devem caminhar movediços, tendo em vista que o leitor deveria acolher à leitura sem dominação. O “leitor, ao invés do escritor, sente-se ingenuamente supérfluo.

Não pensa que faz a obra” (BLANCHOT, 2011, p. 218). O leitor faz brotar do livro uma liberdade a cada leitura, na liberdade o leitor habita um caminho diferente em diferentes profundezas. O leitor assim deve penetrar na profundidade e encontrar as distâncias entre o escritor e o leitor, a fim de nascer novos sentidos e restabelecer “a distância que, por si só, produz a liberdade do acolhimento e que se reconstitui incessantemente a partir da paixão da leitura que a elimina” (BLANCHOT, 2011, p. 218). A leitura que elimina os sentidos da superfície e apresenta o acolhimento da profundidade, e com a profundidade deve-se aprender a reconstituir caminhos e eliminá-los pela paixão.

A paixão da leitura provoca distância, “mas essa *distância*, que evoca o Sim da obra acabada, dada como feita no momento em que se substitui ao movimento que a fez a afirmação do que ela é – distância da obra em relação a si mesma” (BLANCHOT, 2011, p. 219). A paixão da leitura percorre a distância em movimento de afirmação, estabelecendo a obra no horizonte de seu alcance e além do superficial alcance, a profundidade. A obra permanece na zona de distância de si mesma, onde a leitura abraça a “relação a si mesma; em relação ao leitor, ao mundo em curso, às outras – o mesmo que faz inocência da leitura fixa-lhe também preservar um tal intervalo” (BLANCHOT, 2011, p. 219). A leitura na relação de si com liberdade enseja a inocência de um ler na travessia onde os caminhos são a duração do intervalo em que a leitura habita uma possibilidade de caminhar rumo ao desconhecido, assim como Clarice desenha...

Estou à procura de um livro para ler. É um livro todo especial. Eu o imagino como a um rosto sem traços. Não lhe sei o nome nem o autor. Quem sabe, às vezes penso que estou à procura de um livro que eu mesma escreveria. Não sei. Mas faço tantas fantasias a respeito desse livro desconhecido e já tão profundamente amado. Uma das fantasias é assim: eu o estaria lendo e de súbito, a uma frase lida, com lágrimas nos olhos diria em êxtase de dor e de enfim libertação: “Mas é que eu não sabia que se pode tudo, meu Deus!” (LISPECTOR, 1999, p.233)

Afinal! O livro desconhecido dança melodias fantásticas, um amor assim desconhecido que brota de uma entrega que se faz pela súbita descoberta da liberdade. Um amor latente a um livro sem traços, sem nome, sem tema ou autor, livre. Um livro que aspira libertação em seu íntimo. O leitor anseia o *livro desconhecido* que se transmuta em várias faces, um livro que envolva o leitor por sensações inesperadas, aquele livro que entorpece a alma e dá aos olhos lágrimas de libertação, em dizer “sim!” ao desconhecido como um convite a caminhar no *por vir*.

O livro desconhecido dança a incerteza de um amanhã, já que, ainda não escrito, promete uma viagem, singularmente desconhecida. O livro desconhecido caminha na

‘felicidade clandestina’ de Lispector, onde a menina leitora na espera do livro desconhecido guia-se por uma “promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava” (LISPECTOR, 1998, p.6). A leitora desenhava em seu amor aprendiz uma esperança de um livro o qual nunca imaginaria a face ou corpo, o livro fora da concretude, um livro por vir desconhecido e inalcançável. O livro tecido no amanhã por uma promessa por vir desconhecida. O dia seguinte mal chegaria e a promessa do livro desconhecido que diariamente aquecia o coração da leitora era quebrada. O amor-aprendiz da menina imaginava a restituição da promessa de leitura ao abraçar em seu peito a tormenta da promessa que toda manhã era selada, o empréstimo do livro.

O livro desconhecido ainda sem rosto se desenha(va) no mar da imaginação da menina. “Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam” (LISPECTOR, 1998, p. 6). A menina pela promessa pertencia a ensejos tempestuosos de leitura, era a promessa de leitura, um mar a irromper desejos, ainda que latentes, desconhecidos à leitora. As ondas do desejo da menina levavam-na à incerteza, ora habitava os solos desconhecidos de uma leitura no ir e vir das marés livres de um livro sem concretude, ora sua única imagem vislumbra era a espessura grossa do livro ainda desconhecido.

A menina caminha nos rastros de esperança renovados toda manhã pelo desejo da leitura, de cor sabia as singularidades da caminhada de tanta vontade de ir, em busca do livro desconhecido tanto ensejado: “Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o” (LISPECTOR, 1998, p. 6). Um livro para viver, viver comendo, ruminando e acolhendo em sua profundidade, um livro grosso para viver a caminhar nos desvios de sua profundidade e sentidos. A menina em sua insistência pelo desconhecido caminha mais um dia no convite falacioso da promessa e vivencia mais uma negação. O livro estava todo tempo aí, negado à menina, na negação caminha para mais um dia, o negado livro desconhecido repousava na espera de ser lido. As caminhadas despertaram curiosidade de quem estava ao redor, o que tanto deseja tal menina e sua insistência.

A menina imaginava a leitura do livro e na sua imaginação perdia-se no tempo, quanto tempo seria necessário para a caminhada abrandar e a promessa se cumprir. “Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso” (LISPECTOR, 1998, p. 6). A caminhada ia

continuar no esmero desejo de leitura, sem que o fel escorresse a felicidade ia impulsioná-la a mais um dia, mesmo que a negação a um livro desconhecido se cumprisse, as inúmeras tentativas assolavam a indignação de quem a via caminhar, e agora a menina começa a desconfiar de que sofreria mais à espera do livro. A caminhada se iniciou e a curiosidade da mãe da menina, que tanto prometia o empréstimo falacioso do livro, latia, foi preciso quebrar a resposta ensaiada de negação e cumprir a promessa, a fim de começar a indagar o motivo do sacrário da recusa da menina ao livro, já que o livro esteve sempre no repouso do lar.

A busca intermitente pela leitura apazígua-se na quebra da promessa falaciosa do empréstimo do livro à menina, que se cumpre pela compaixão da mãe. O empréstimo do livro se concretiza e a menina começa a pensar nas palavras proferidas pela mãe: “E você fica com o livro por quanto tempo quiser”... “Entendem? Valia mais do que me dar o livro: ‘pelo tempo que eu quisesse’ é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer” (LISPECTOR, 1998, p. 6). A menina ansiosa carregava em sua mão o livro desconhecido, sem rosto ou desejo, e o abraçava-o por um amor inocente, tal amor aquecia seu coração no impulso da descoberta, cada página uma viagem por assim dizer, a descoberta sem um tempo para posse, e ainda, sem o domínio do tempo, podia ler livre da rapidez e pressa da produção. A leitura no amor aprendiz livre de saber ou pressa na duração singular da leitura e suas profundezas.

A menina fora do rigor do tempo podia se deliciar na leitura por seus diversos sentimentos de amor. No amor aprendiz lê na inocência um sentimento leve da leitura, a liberdade. Livre do amor como prisão, passava a criar novos voos para uma jornada desconhecida. O livro desconhecido desperta sensações no íntimo da alma da menina. “Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito” (LISPECTOR, 1998, p. 7), desta forma, segurava no peito, pois o acolhia inocente, tal desejo desconhecido agora se revela no livro disposto à mão. O livro outrora desconhecido está aí para ser lido fora de um tempo administrado, tê-lo em concretude o faz leitora, perde-se no tempo das emoções e linhas de fugas, mal consegue regressar a casa, mas não se importa com o tempo do regresso, sabe que regressará com o tempo redescoberto do livro.

A menina pensa: “meu peito estava quente, meu coração pensativo” (LISPECTOR, 1998, p. 7). O peito estava quente, pois no coração pensativo pulsava o amor à aventura, em cada pulsação o sangue quente aquecia o coração amargurado pela promessa falaciosa do empréstimo. A menina agora ansiava ler o livro com fluxo do

amor pulsante das suas veias, o coração pensativo imaginava desvios novos à leitura, onde a menina dançava a possibilidade da entrega, itinerário desconhecido, virgem de possessão reguladora do tempo ou de objetivo. A menina segue no livro a inocência das linhas de fuga do leitor aprendiz de um amor rizomático, onde o desejo interior da leitora-menina anseia ler sem tempo ou itinerário definido, um livro desconhecido em seus abismos e transfigurações.

Na pulsação do desejo de leitura a menina dança na liberdade do livro desconhecido. O desejo levou-a a experimentar o caminho, inúmeras vezes, na esperança de um dia encontrá-lo em sua mão, ou melhor, no repouso do coração pensativo. A menina encontrou no livro uma felicidade, “A felicidade sempre iria ser clandestina para mim” (LISPECTOR, 1998, p. 7). A felicidade do livro desconhecido à menina era pressentida. Uma ‘felicidade clandestina’ na qual a leitora poderia dispor com o livro um contato sempre livre e desmedido de tempo, e fora do tempo podia vivenciar clandestinamente um contato duradouro em sua transgressão do tempo do livro e do seu próprio. A menina dança no tempo livre da melodia pulsante do livro onde baila no tempo por sua imaginação singular desconhecida. “Como demorei! Eu vivia no ar...” (LISPECTOR, 1998, p. 7). Como demorou! Vivia no livro em página e a página saboreava o caminho nas possibilidades da leitura, na devoração do livro, a menina caminha por lugares diferentes, sensações outras, sempre a espera do livro, sempre, desconhecido.

O leitor por vir “espera os livros. Na espera do livro, o buscava como (perdão por assim dizê-lo) um animal que tem fome” (SKLIAR, 2014, p. 53-54). Na espera do livro a devoração enceta o banquete de aventuras, romances, desejos, sensações, transfigurações, embriaguez... Um banquete ao imaginário do livro ainda desconhecido. O livro desconhecido apresenta-se como gesto, um convite a se tornar um leitor desconhecido! Um leitor que “se abre, é aberto, o aberto, como seu livro está aberto, abre-se como uma ferida está aberta, abre e abre-se, abre-se totalmente sobre o que transborda do todo, e abre” (SKLIAR, 2014, p. 53-54). Um livro (ou leitura) aberto ao movimento do caminhar, disposto a seguir a latência desconhecida de um caminho incerto. E ainda, uma leitura aberta aos sentidos das profundezas acolhidos no livro.

A leitura por vir faz nascer um livro dançarino, onde as palavras dançam com leveza e acolhimento. Do livro nasce um espírito livre que quer dançar ritmos de renovação das velhas tábuas. Assim, a leitura por vir apresenta forças “dançantes, estranhos turbilhões que não arrasam: dançam” (SKLIAR, 2014, p. 59). A leitura dança

os sentidos que recobrem o salão (livro) que põe o leitor a bailar melodias de transfigurações. E em meio ao ir e vir dos corpos a dançar, aspira e transpira renovação de um livro ou leitor para além dos sentidos funcionais, sem renovação. O movimento da leitura gesta uma dança leve e inocente, e o leitor em sua leveza de alma é capaz de bailar o desejo, a angústia, a cólera e a felicidade.

A leitura é o desconhecido da multiplicidade do livro, a multiplicidade da leitura e seus sentidos íntimos de transfiguração. A leitura por vir cria mundos, (re)coloca os sentidos e os renova. Todavia, “os leitores que hoje lhe faltam” (BLANCHOT, 2011, p. 219) devem ir para além da produção e abraçar a poesia em sua criação. Leitores poetas inventores da criação, leitores desconhecidos, leitores rizomáticos, leitores... A leitura anseia uma ruptura da lógica da produção, uma ruptura criadora do novo sem nenhum ponto de origem ou partida, uma leitura a procurar na dispersão rizomática: um caminho possível, imprevisível, de renovação.

No desaparecimento de leitor por vir, a leitura ordinária dita a duração do texto, e diz “[...] que é rica ou pobre em relação à cultura que a compara com outras obras, que extrai ou não dela uma contribuição adicional para saber, [...]” (BLANCHOT, 2011, p. 219). O leitor afirma verdades absolutas e condena o livro à soberba estante do saber. A estante do saber prende o leitor ao senso de interpretação limítrofe onde a leitura repousa na inércia do saber e utilidade, onde “somente vê nela um pretexto para falar ou para ensinar” (BLANCHOT, 2011, p. 219). O leitor caminha por pretextos utilitaristas. A leitura então se estabelece no pretexto do transmitir o ensinar sem ao menos resvalar no prazer de aprender. A leitura reproduz a decodificação das formas e ideias pouco profundas e segue a repetir uma educação superficial, longe do devir da educação e da leitura por vir.

A leitura, nos pretextos utilitaristas, desenha a metáfora da praia – sentido de fixidez – no limite da margem interpretativa do leitor. O leitor ordinário se afirma nesse solo, e constrói o conforto, morada fixa, sentido útil, moral, cultural... E a partir da fixidez a obra não se renova porque lhe faltam homens ousados e desbravadores, homens dispostos a enfrentar caminhos novos, voos leves, cantos, melodias, vento, mar por vir... O leitor-aprendiz deve estar disposto a romper com as amarras do conformismo, a fim de que um horizonte *por vir* nasça por meio da experiência original, sempre singular e virgem. “É por isso que ler a obra leva aquele que a lê a recordar essa profunda gênese: não que ele assista necessariamente de novo à maneira como ela se fez, ou seja, à experiência real de sua criação” (BLANCHOT, 2011, p. 220). A gênese

da obra tece o “vazio” da experiência do fora da leitura. A gênese do “vazio” experimenta o fora da obra para poder se abrir aos sentidos submersos das palavras em travessias, e sair do texto para recolocar no mundo sensações de uma leitura singular da criação.

A leitura abre o gesto da liberdade. Todavia, tal leitura “não é prometida a ninguém e não faz a felicidade de nenhum livro” (BLANCHOT, 2011, p. 219). A leitura então, não promete salvar o mundo da produção, e toda leitura por vir é um caminho à liberdade que o leitor deve experimentar sem uma felicidade prometida, ou sucesso já predito, dizemos que a leitura está no desconhecido de si mesmo, sem sentido ou razão, assim, o livro se revela como obra, e “a obra não dura, ela é; esse ser pode abrir uma nova duração, é um apelo ao começo, recordando que nada se afirma senão pela fecundidade de uma decisão inicial” (BLANCHOT, 2011, p. 219), a leitura não dura, assim como a obra se move no espaço da obra, onde leitor, pela leitura, não mede a duração do tempo e a leitura vislumbra cumes e sobrevoos.

O pouso na cumeeira não dura muito, tendo chegado ao alto, o leitor vislumbra outro horizonte para voar e pousar. Os sentidos de outrora sinalizam mudanças no vento. O leitor devorou os sentidos até aqui, no caminho, e agora o vento lança novos destinos, uma vez que os ventos da leitura mudam, e assim não cabe mais ficar aqui na inércia de uma morada de um sentido fixo. O leitor se lança ao voo nos riscos do desassossego. O voo é pleno e leve no vento como uma magia que invade o corpo e desterritorializa as verdades que se dissipam no ar, assim, não há razão funcional a seguir. “Mas o próprio advento da obra ilumina-se tanto pelo brilho do desaparecimento quanto pelo falso dia de uma sobrevivência que se tornou habitual” (BLANCHOT, 2011, p. 219). O livro vive o vento em sua leveza e tempestade, pois anseia sobreviver nos dias habituais de produção e seguir a destruir velhas tábuas.

A obra transfigura o tempo de si, pela tormenta da tempestade, sobrevive mais um dia às falsas interpretações. O dia de sobrevivência chega ao fim e a leitura agora segue o leitor no limiar de seu por vir, assim pousam os sentidos em meio ao mar, ondas que arrastam o leitor a uma profundidade geradora de abismos e transfigurações. O leitor, ao mar, mergulha em um mundo da leitura em sua renovação, já que se distancia de um sentido regulador e passar a inventar os sentidos de criação. O leitor tem o “sentimento que as obras escapam ao tempo, encontra sua origem na “distância” da obra, exprime, mascarando-o, o distanciamento que provém da presença da obra, expressa, esquecendo-o” (BLANCHOT, 2011, p. 220). A distância da obra apresenta ao leitor

outra possibilidade de lê-la em seu movimento, “o fato de que a obra, leitura, chega sempre pela primeira vez à presença, leitura única, sempre a primeira e sempre única”. (BLANCHOT, 2011, p. 220). O leitor lê o livro sempre em castidade e nos sentidos submerso na água nada até às superfícies para tomar fôlego, o leitor mergulhado, precisa inclinar sua cabeça aos cumes do pensar e recobrar suas transfigurações, a fim de não morrer afogado por sentidos prematuros e superficiais, já que quem vive na superfície tem medo de arriscar se distanciar da obra, uma vez que crê que a praia é o último solo de transfiguração. Caminhe!

Festim Antropofágico: Arte de ler com Devoração

O tempo atravessa a passos rápidos os territórios diversos da leitura e seu movimento é leveza e esquecimento. O leitor por vir anda por entre a escuridão e o caos e se lança ao desconhecido. Anda, leitor andarilho, por entre as teias, sem apego e contaminação, ande por entre o novo sem medo da pouca luz no caminho e acenda em seu íntimo o fio a buscar os prismas dos sentidos, não mais uma direção! Afinal Andarilho, tu não és o olhar puro e que não esconde o nojo? (NIETZSCHE, 2011). Abra os olhos e faça o mundo ver as singularidades de uma leitura. As singularidades da leitura são evocadas no contato com o livro, é o nascer delas o brilho tenro da alma, assim, andarilho e leitor por vir, abracem a melodia do horizonte e comecem a cantar, ou melhor, dançar. Ó leitor por vir, acolhe a voz do outro sem dominação e mergulha na embriaguez da escuridão desconhecida, perscruta caminhos em uma teia de sensações, nega o tangível e te debruças ao inteligível, entre espírito e carne, entre amor e recusa.

Os fios da trama dissolvem o caminho e levam o andarilho a perscrutar a escuridão. No caminho ouve vozes ecoarem ao longe, vozes silenciadas, inauditas, talvez. O andarilho trama desterritorializar os entremeios do caminho, todavia, as vozes melodiosas acompanham seu interior, no caminho beija o mar da confusão e tenta afastar a razão. Em meio ao caos se põe a caminhar na transfiguração a cada passo, “mais nenhum caminho! “Apenas abismo e silêncio!” – Assim você quis! Sua vontade deixou o caminho! Agora ande, andarilho! Tenha o olhar frio e claro! Perdido estará, se acreditar no perigo” (NIETZSCHE, 2012, p. 29). Ande, andarilho, em um estado de aceitação e desejo, diga sim à embriaguez e às possibilidades. Ande, andarilho, e se transfigure em meio à liberdade do caminhar e siga o movimento livre do vento. Ande por transfiguração e jamais saberá o que é a razão que te consome.

Andarilho, continue a andar nesse por vir inocente que faz esquecer linhas retas e valora os rizomas e pousos. Andarilho, caminhe a devorar a si, ande! Ande ainda que se tivesse “caminhado o dia inteiro” (RAMOS, 2008, p. 9) cansado e faminto. No sertão da leitura, a morte é certa, se a caminhada beirar o solo ardil por muito tempo. Ande olhando para o céu e observe as estrelas na espera do sinal de chuva, e assim, as *Vidas Secas* começam a ganhar outro tom, a esperança de um novo amanhã floreado de verde. Na caminhada busque desterritorializar o tempo e espaço da leitura ou da aventura, não se limite por um pensamento já pensado ou por uma rota já percorrida e corroborada por

muitos, tente ao máximo se despir do já sabido para continuar a andar na inocência, a “inocência é a criança, e esquecimento, um novo começo, uma roda a girar a si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim” (NIETZSCHE, 2011, p. 29). Andarilho, desbrave novos começos para mesma aventura na tentativa de gerar novos movimentos e, sobretudo, diga sim, ao primeiro movimento, sentimento por vir da caminhada.

O andarilho, ao dizer-sim, aceita o desafio mortal do caminhar. Desta forma, deixa para trás todas as certezas, e corre o risco de morrer no primeiro desvio da rota ou da leitura, todavia, há que ser forte, andarilho, assim como Fabiano de *Vidas Secas*, é preciso resistir à dura vida no sertão e continuar a andar mesmo na tormenta da caminhada. A família sertaneja, eles “ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas” (RAMOS, 2008, p. 9). O sol assolava os andarilhos, “fazia horas que procuravam uma sombra” (RAMOS, 2008, p.9), buscavam descansar da caminhada, todavia, o sertão tornava a aventura um desafio mortal, a cada passo uma vertigem. Os andarilhos sentiam o efeito da caminhada prolongada, o menino mais velho senta à sombra escassa da árvore e começa a chorar, Fabiano, o pai, começa a praguejar: “Ande, excomungado” (RAMOS, 2008, p.10), mas o menino mais velho continuava deitado ao chão, agora com os olhos fechados, e os urubus começam a rodear e a viagem se pausa.

Andarilho, liberte-se ao sol e ande fora do cárcere de soldado amarelo, o leitor moderno, propulsor da prisão sem retorno, a leitura superficial. Desvie das prisões, no desvio se aventure a viver outros sentidos desconhecidos para a mesma leitura. É nas entrelinhas do voo que o novo se apresenta. “O voo negro dos urubus fazia círculos altos em redor de bichos moribundos” (RAMOS, 2008, p.10); andarilho, abandone, se for o caso, o leitor moderno e deixe-o a morrer no sertão de sua arrogância. O sertão o ensinará lições valiosas, talvez, a mesma lição que Fabiano aprendera com o seu Tomás, o dono da bolandeira, “para que lhe servira tanto livro, tanto jornal? Morrera por causa do estômago doente e das pernas fracas” (RAMOS, 2008, p. 25). É certo que todos respeitavam seu Tomás, um homem cortês, erudito, leitor moderno, repetidor de sentidos; há de morrer de pernas fracas, uma vez que pouco se arriscou a caminhar os experimentos do mundo, pois seguia a aprender em demasia, todavia, mais forte foi a fome, morreu no fastio soberbo de seu saber, afogado na fome não pudera suprir, pois comia demais as forças inertes, com o tempo adoeceu, não sabia dosar a aventura, era sempre tudo em demasia.

Fabiano-andarilho pensa “se aprendesse qualquer coisa, necessitaria aprender mais, e nunca ficaria satisfeito” (RAMOS, 2008, p. 22), deste modo, desconfiava que o aprender levaria a um caminho infinito, sem alcance, prefira criar sua própria linguagem cantada, gutural e monossilábica. Tal linguagem inventara para fugir das perguntas dos eruditos e críticos, sempre pensara em seu Tomás, o homem mais arrasado do sertão, talvez porque lia demais, inchado, talvez estivesse a produzir sentido, e acumulá-lo. Tomás-leitor moderno acumulava a tristeza da leitura superficial. Todavia, Tomás esquecera que sangrava iguais os outros, e também, sofrera com a seca vida do sertão, Fabiano, várias vezes dissera: “seu Tomás, vossemecê não regula. Para que tanto papel? Quando a desgraça chegar, seu Tomás se estrepa, igualzinho aos outros” (RAMOS, 2008, p. 22), para que tanta leitura e produção? Se há de sangrar com a seca como os demais.

Andarilho voe, e pouse o tempo que for necessário na leitura por vir e quando nela se prender por razões totalizantes comece a voar novamente e julgue sempre o que é pesado? O peso servil incha o corpo e não o faz pensar. “Certamente aquela sabedoria inspirava respeito” (RAMOS, 2008, p. 22). O Erudito dita o valor e peso às vozes do outro que abaixam a cabeça por reconhecerem que não têm o dom. Fabiano carrega o peso de uma jornada dura, e sobrevive às duras lições da vida do sertão e nela questiona. No sertão Fabiano desejava ser Tomás, imitava-o: “dizia palavras difíceis, truncando tudo, convencia-se de que melhorava. Tolice” (RAMOS, 2008, p. 22). Jamais poderia ser Tomás, visto como Tomás partilhava das convenções reprodutivas da sociedade que tudo produz em demasia, diferente de Fabiano, o andarilho errante sem terreno, sem lugar, sem morada fixa, itinerante.

Fabiano-andarilho caminha nos solos áridos e espinhosos do sertão, longe de ser Erudito, vivencia um não-saber libertador, não sabe porque a seca se forma, mas itinerante segue a se afastar dela. Fabiano vive a fugir dos homens e de si, destarte, caminha na força e na sapiência dos animais, “só se dava bem com animais” (RAMOS, 2008, p. 9). Talvez, tenha se tornando um, um animal itinerante fortificado nas circunstâncias do sertão. Fabiano acostumado com a mudança segue a enfrentar as adversidades do caminho, a fim de fortificar-se para assim viver mais um dia, talvez assim ganhou resistência aos espinhos e o calor escaldante do solo. Fabiano resiste a tudo, e sobrevive, pois, em sua alma habita um espírito errante de Andarilho, o qual não o deixa desistir da possibilidade de amanhã, mesmo quando encontra adversidades mais obscuras.

Fabiano-andarilho experimenta as metamorfoses nietzschianas, carregando ecos de outros, chega a hora de se indispor com a servidão de um *camelo* e começar a ser um animal devorador, dizia para si: “Você é um bicho, Fabiano. Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades” (RAMOS, 2008, p. 19). E transfigura-se em *leão*, o leão, na vontade do querer libertar-se. Contudo, a “criar novos valores – tampouco o leão pode fazer; mas criar a liberdade para nova criação – isso está no poder do leão” (NIETZSCHE, 2011, p. 28). Fabiano-andarilho liberta-se do peso do sertão e volta a caminhar com sua pujança, mas é caminhando com a inocência de uma *criança* que ele experimenta a leveza do caminhar, a criação de novos valores, pois, “é inocência, a criança, e criação” (idem, p. 28), segue o desejo da aventura na busca de um novo por vir. Fabiano-andarilho abandona o sertão e aceita a sua vontade errante de vencer o deserto, pela transfiguração de seu espírito.

Anda, andarilho! E busca as veredas e os abismos na tentativa de criar novos valores nos horizontes desse limiar. O andarilho repousa da caminhada e se prepara para ruminar as aventuras que irromperam na errância da travessia. “Ele apenas retorna para casa, regressa para mim — meu próprio Eu, e o que dele há muito tempo se achava no estrangeiro, disperso entre coisas e acasos” (NIETZSCHE, 2011, p. 145). Regressa estrangeira a sua própria vontade e na dispersão de sentidos vive a confusão e agora não quer afirmar mais verdade e sim construí-las. Não há mais poder superior regulador da sua vida e agora tende a começar a viver e a instituir sua própria vontade. É tempo agora de organizar a dispersão de sentidos e encetar o caminho a fim de engendrar novas caminhadas.

O andarilho observa o livro que outro caminhou pela leitura, e fora do imaginário pertence à vertigem de ter alçado o cume e agora tem que retornar à planície. Na leitura o andarilho está a caminhar embriagado pela vontade de devorar as histórias que o livro emana. E no contato com a leitura desvencilha da produção, mas vale uma ressalva, nem todo livro é libertador, é preciso ter farpas, como Nietzsche sugere, para afastar qualquer tentativa de dominação e erudição. O andarilho seletivo por uma devoração jovial acolhe e refuta os sentidos que o livro, possibilidade de aventura, oferece a quem se dispõe a caminhar sem predizer rotas ou sentidos, e depois de caminhar o andarilho postula: “Ah, devo encetar meu caminho mais duro! Ah, comecei minha mais solitária caminhada!” (NIETZSCHE, 2011, p. 145). Solitário, lê o livro nas suas encruzilhadas e segue a dizer-sim à possibilidade, mas as encruzilhadas apresentam um desafio mortal: o desvio.

O solitário, o andarilho acolhe o enigma do desvio e abraça a primeira possibilidade na leitura, nesse caminho encontra superfícies, repetição, produção e dogmas e decide regressar e experimentar o próximo desvio, diferente da primeira tentativa o desvio se apresentava obscuro e a escuridão pouco deixava ver o caminho. Na escuridão tateava o horizonte no limite dos seus braços, mas nada alcançava, restou adentrar sem segurança e livre andou sem medir consequência, nesse momento, descobriu a beleza da leitura, o horizonte desconhecido do qual ninguém pode prever o trajeto (não ser se a leitura se mantiver na objetividade). Os trajetos desconhecidos lançam sentidos submersos ou por vir, talvez, tendo em vista que o leitor andarilho é devorador de sentidos e razões.

O leitor ou leitura no limiar da devoração. A leitura por vir exige coragem de abandonar suas certezas e se dispor a adentrar na caminhada de grandeza, e Zaratustra prediz: “Segues teu caminho de grandeza; essa deve ser agora tua maior coragem: que não haja mais nenhum caminho atrás de ti!” (NIETZSCHE, 2011, p. 145). A leitura é o caminho sem volta o qual o leitor experimenta no contato com o livro, e a cada virada de página os sentidos adentram o interior do leitor. Todavia, não adianta desistir ou largar o livro, pois os sentidos acompanharam em tormenta o corpo do leitor, uma vez que o perigo é fazer da leitura guia para ler tudo de antemão.

A leitura exige coragem e grandeza para abandonar o mundo e se transfigurar nas diversas formas pela leitura e a partir da leitura ser aquele que dita os passos da sua vida. O leitor que superou suas amarras e se deleitou na leitura no limiar das sensações. O andarilho criador de novos sentidos anseia caminhar novamente e na errância “segues teu caminho de grandeza; aqui ninguém te acompanhará furtivamente! Teus próprios pés apagaram o caminho atrás de ti, e acima dele está escrito: Impossibilidade” (NIETZSCHE, 2011, p.145). Segues teu caminho de impossibilidade e avistará cumes, profundidades, abismos e incertezas. Logo, seu caminho será a aventura por vir sem regresso ao estado de normalidade e ébrio adentrará na vertigem transfiguradora do caminho, a leitura.

O andarilho se transfigura em leitor por vir e em seu coração pulsa a possibilidade de descoberta, continua a andar dizendo sim à inocência da criação, essa nova possibilidade de viver sem regresso aos padrões. Olhar para trás e vê o percurso se desfazer a cada passo, uma libertação criadora de outro mundo, valores e possibilidades. “E, se todas as escadas te faltarem doravante, terás de saber como subir sobre tua própria cabeça: de que outra forma poderias desejar subir?” (NIETZSCHE, 2011, p.145-

146). Andarilho, no entrave do caminho precisa seguir a leitura para além do seu limite e instaurar outros meios para mergulhar, e assim, subir mais alto que a própria razão, a fim de alcançar o que não foi alcançado. Instaurar novas tábuas! Novos abismos! Novas Profundezas! E seguir sempre a construir um por vir possível para pousar.

O andarilho rumo por territorialidades antes desconhecidas. Talvez ele próprio tenha criado ao acaso novos *rizomas* que brotam sem destino. E na liquidez da criação “sobre tua própria cabeça e além do teu próprio coração! O mais suave em ti deve agora se tornar o mais duro” (NIETZSCHE, 2011, p.146). Os sentidos desenhados no caminho percorrido, que há pouco eram caos e confusão, começam a suavizar o coração como melodias de um novo amanhã. O amanhã tece a trama da possibilidade e enceta novos valores na dureza do rigor. No pouso o andarilho repousa, mas logo começa a caminhar, é jovialidade a força que o move à descoberta e aventura.

O ímpeto jovial é a potência criadora. A criação devora os sentidos! A criação devora o tempo, o humano e o espaço. O andarilho é o jovem criador das novas tábuas e o principal destruidor delas. O andarilho dança, da nascente ao poente do sol, no desejo de acalantar sua alma e afagar os sentidos confusos do caminho. Na manhã seguinte ainda está a ruminar e pensar como acolher e destruir os dogmas que afligiram seu coração. Doce era a tentação de permanecer na inércia dominante do dogma, todavia seu coração era um dançarino que amava o movimento.

A chuva começa a cair e o andarilho delicia a aventura e recomeça a andar na leitura, sente a chuva de singulares, gotas a tocar seu corpo. O corpo, morada dos cumes, decide experimentar a profundidade. Andarilho diz: “Acho-me diante de minha mais alta montanha e de minha mais longa caminhada: por isso, devo antes descer mais profundamente do que jamais descí:” (NIETZSCHE, 2011, p.145). No desafio de subir a montanha mais alta decide ruminar os sentidos que os embriagou, agora é a ruminação, o encontro da profundidade no qual desce ao abismo de si, nunca antes explorado no mar desconhecido da leitura, do livro ou de sua própria vida. Andarilho submerso viaja na entrelinha da história e cria fissuras no tecido do texto.

Começa a descer à profundidade de si, e esquece o mundo ou desafio que se propunha mortal, esquece a morte, pois no final quer encontrá-la na travessia, doce, deixa de navegar no mar, lugar onde se escondem as sedutoras melodias e as montanhas mais altas, talvez pergunte: “De onde vêm as mais altas montanhas? perguntei certa vez. Então aprendi que vêm do mar” (NIETZSCHE, 2011, p.145). É no mar que a profundidade recobre a aventura das montanhas e lança o desafio da possibilidade de

viver a morte com um sorriso. O mar apresenta a fragilidade da natureza humana, a fragilidade da permanência de viver mergulhado na travessia, tendo em vista a necessidade de superfície que é imposta. A entrega do andarilho é transcender tal limite e aceitar a morte como libertação criadora de novos sentidos e mundos.

A fome apertara a urgência da caminhada, todavia, sem caminho. A família sertaneja vagava no solo árido do sertão, “o pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo” (RAMOS, 2008, p. 3). O menino calejado do sertão sucumbia à força do sol, a fraqueza aos poucos turvava a visão do menino, olhava para o céu e tudo girava, mais um dia severino que tomava do menino a vontade de caminhar. A morte seria abreviação do caminho o qual o menino mais velho ainda não compreendia muito bem, pois a sua trajetória estava traçada pelas mudanças das estações e errante caminhada, dependia sempre de permanecer itinerante e disposto a vencer a seca.

A família segue a vencer a seca, rumo mais um passo ao desconhecido. Fabiano olhava a moléstia do menino mais velho deitado desacordado à sombra escassa da árvore. Fabiano ensinava abreviar a desgraça, apesar de ter um coração grosso sonhava com uma vida boa, mas a perseverança do menino em irritá-lo agitava a profunda angústia do seu coração, surpreendia ao ver a vontade do menino de resistir à morte, tinha vontade de culpá-lo pela desgraça do mundo, “certamente esse obstáculo miúdo não era culpado, mas dificultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde” (RAMOS, 2008, p. 3). O menino repousava da caminhada e pensava no amanhã no qual saciado estivesse, sempre tinha fome do amanhã, pensava no dia em que as cores do sertão seriam verdes e a família poderiam viver na prosperidade.

Enquanto sonho de amanhã florido não veio, a família continuava a enfrentar a seca e a fome. Ei, antropófago-sertanejo, de onde você surgiu? Qual vereda há de seguir? Qual é a feição de teu rosto? Serás tu o andarilho primitivo instaurador da devoração? “O *antropófago* do passado encontra suas raízes fincadas no canibalismo primitivo, cujo surgimento liga-se à simbologia misturada do mundo mítico dos índios Caraíbas das Pequenas Antilhas do Caribe e dos Tupinambás do Brasil” (COSTA, 2008, p. 24). Agora um antropófago-sertanejo devorador dos “grandes homens” cheios de dogmas, verdades e certezas. O andarilho-sertanejo caminha na terra desconhecida com desejo de um amanhã que não compreende ainda. O leitor de nossos tempos poderia avizinhar-se ao espírito sertanejo da errância e praticar a leitura como o andarilho-sertanejo que caminha mesmo com fome, ser um selvagem primitivo desregrado, sem senhor ou sem alma, não sujeito a regras e domínios, um homem do sertão errante.

No mundo errante a melodia do tambor enceta o início da devoração e o banquete se aproxima a cada lua nova, ou para o sertanejo na próxima estação de chuva. A errância do mundo sertanejo faz os espíritos guerreiros expiarem os males e revigorarem as forças e as virtudes: guerreiros vencedores da morte. “Tinham deixado os caminhos, cheios de espinho e seixos, fazia horas que pisavam a margem do rio, a lama seca e rachada que escaldava os pés” (RAMOS, 2008, p. 3).

Uma atmosfera de orgia está no ar! O céu cheio de estrela, Fabiano admira, as nuvens de chuvas dançam a sexualidade do desejo e fazem o coração do sertanejo pulsar euforicamente ao vislumbrar o primeiro indício de chuva. O tom doce do sangue pulsa na batida do rumor da chuva. O sangue do desejo anseia libertar-se do ardor do sertão e adentrar à potência viril da carne, para assim, superar à morte. Devore! Devore o ardor do sertão e expie os males de um passado ou de um futuro para abrir o por vir na devoração! “Uma atmosfera de orgia e entusiasmo da parte de quem devora o incauto, e de dor e desespero da parte de quem observa aterrorizado a truculência do ritual” (COSTA, 2008, p. 25). O corpo inimigo é alimentado por seus desejos primários de luta, vitória e orgias. O canibal goza dos fluídos corporais de outros guerreiros na tensão de sua glória ser devorada, até ser o que não goza do banquete, pois aceita a vingança por vir próximo da morte.

O guerreiro sertanejo ensina lições ao canibal. A dança recomeça e os sons de tambores exaltam os ânimos! O calor da fogueira aquece a atmosfera e o banquete segue o ritmo! O fogo aumenta a tensão e fragrância da vingança se alastra com o vento! O aroma tupiniquim abraça o sertão, eis aqui a vingança talhada de força e caminhada, assim errante, “ainda na véspera eram seis viventes, contando com o papagaio. Coitado, morrera na areia do rio, onde haviam descansado, a beira de uma poça: a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida” (RAMOS, 2008, p. 4). A devoração lançou um instinto canibal, devore o outro, e viva, mais um dia fortificado, ousando caminhar para além da morte, no ensejo por vir do banquete revigorado.

O desejo do Canibal é potência da natureza livre tecida no espírito de danação e devoração do andarilho-sertanejo, nada se deseja se não for para fortificar e tornar-se guerreiro instaurador da aventura. O canibal (andarilho) caminhava na vida “dotado de apetite alimentar e sexual, fez do instinto uma primazia, e da comunalidade, um culto à vida” (COSTA, 2008, p. 24). A barriga jovial do canibal deseja liberdade e sua devoração é dotada de ruminação, ruma a ti e poderá se abrir ao novo por seu caminho de grandeza. Cabe ao canibal seletivo a liberdade de devorar o próximo alimento por

seu vigor e seguir o caminho de grandeza pautado na luta e glória do inimigo, a fim de transfigurar-se em outro por devoração.

O leitor por vir anseia um canibalismo livre da leitura, sem verdade ou gozo precoce, quer adentrar à profundidade da leitura no limar da devoração. Espírito livre do desejo! O leitor quer gozar da liberdade como potência criadora de novos cumes, novas profundezas, novos abismos, novos valores, novos mundos... “Mas o *mundus novus*, o novo mundo, (esse dos canibais) sempre inspirou exotismo e cobiça. Impossível resistir à tentação de degustá-lo” (COSTA, 2008, p. 26). O canibalismo sertanejo de *Vidas secas* soma lições ordinariamente pesadas, o peso filtrado pelo desejo de deglutição, devorar a morte sem encargo de valor. Ao mesmo tempo, a vida amarga reguladora dos sacrifícios coloca em embate a família sertaneja que caminha assombrada por seus fardos e maldições.

O mundo por vir árido do sertão redimensiona leitura por um desvio tecido no desejo constante do caminhar do andarilho-sertanejo, ensejo propulsor da travessia da devoração ao mundo novo do livro, ou até mesmo, no interior da aventura de si. “Fabiano aligeirou o passo, esqueceu a fome, a canseira e os ferimentos” (RAMOS, 2008, p. 4), esquecera as mazelas da vida e continuava a desbravar o mundo novo, duramente desconhecido de futuro, tendo em vista que a saga durava até o ponto da perseverança. Caminha, andarilho-sertanejo a uma terra desconhecida de solos inexplorados, afinca nela o aprendizado duro da caminha, somente fortificado será aquele que se afastar da cobiça para não pertencer à mera reprodução de querer tudo acumular e dominar. O mundo novo do canibal-sertanejo foge da urgência reguladora da civilização e segue a fluidez da liberdade.

O andarilho-sertanejo enfrenta a morte! A morte é a possibilidade de viver no outro e vingar a dura vida do sertão. O sertanejo e a morte caminham juntos, pois, de morte o sertão é cercado, e não temer a morte em solos áridos é estar preso à inercia do conformismo. A morte em glória entoa o sertanejo e o “seu canto heroico ou desafiador vem acompanhado de um profundo desprezo pela morte” (COSTA, 2008, p. 41).

A vitória da morte encerra a luta da vida Severina! Liberta o guerreiro da vingança! Liberta o sertanejo das dores da seca! A morte desenha no horizonte um fim e recomeço, a morte em sua tormenta ensina a perseverança na caminhada finita de viver, enquanto o desprezo por ela fortifica a alma de quem se dispõe a morrer em busca de expiar os males do seu povo. A morte liberta o outro para viver sentidos ainda não tecidos por um por vir. O canto canibal do sertanejo é povoado de liberdade, uma vez

que não se prende à moral externa infundada que concebe gaiolas de atrocidades para barrar qualquer tentativa de liberdade. O canibal-sertanejo é livre de toda dominação do mundo externo, livre, pode criar suas próprias regras e instaurar sua própria verdade.

Nasce o sol de uma nova manhã e o inimigo a ser devorado regozija mais um dia e na espera da devoração retorna a seu caminho pensando na grandiosidade do ato, o valor de ter sua glória banqueteadada em favor de um festim coletivo. O sol do sertão enceta a morbidez da planície seca e faz o sertanejo enfrentar o inimigo na esperança de vencê-lo por mais um dia. A devoração afasta as memórias de cárcere colonizador (Colombo ou Soldado Amarelo), a liberdade da prisão tece andarilhos capazes de dançar a morte no rumor canibal. O festim canibal vai começar! “Corpos mutilados, cozidos ou assados, em festins comemorativos; expressões vorazes que se deleitam sobre a carne fresca e cobiçada de seu próximo ou irmão” (COSTA, 2008, p. 25) do seu próximo caminho. O corpo do outro começa a ser devorado: às mulheres as entranhas, carne da cabeça, órgãos genitais, miolos e línguas; aos homens as partes de “vigor físico e sabedoria” (COSTA, 2008, p. 41) e o que ainda pode ser devorado dê às crianças. A devoração está cumprida! É tempo de acolher e refutar as forças do outro e viver a vingança como transfiguração para continuar caminhando.

O sol iluminava a manhã e “fazia tempo que não viam sombra” (RAMOS, 2008, p. 4), mesmo sem sombra continuava a peregrinar no solo árido, a família ansiava uma lua nova, outra surpresa, a chuva! A chuva como possibilidade de viver no sertão, todavia enquanto a chuva não chegara ao sertão, caminhavam para longe da seca, seus “calcanhares, duros como cascos, gretavam-se e sangravam” (RAMOS, 2008, p. 4). A vida os provava duramente, a fome sempre companheira os movia em busca do novo, “num cotovelo do caminho avistou um canto de cerca, encheu-o a esperança de achar comida, sentiu desejo de cantar” (RAMOS, 2008, p. 4). O encontro gerou esperança no coração sertanejo, queria cantar a leveza da vida, agora não importara o peso das angústias. A vida do andarilho-sertanejo repousaria na devoração, por um instante.

A visão de Fabiano repousou em uma fazenda abandonada, longe de colonizar queria habitar aquela terra, mas não seria Fabiano dono de tal terra, fadado estava a cuidar o que era do outro. Os viajantes-colonizadores aportam em terra desconhecida, pois se perderam na força da água e foram arremessados ao novo mundo. O novo mundo começou a explorar na tentativa de exercer seu poder e dominação sobre o outro e sobre a terra do outro, encantados pela surpresa os canibais teceram aproximações. O contato com o viajante estrangeiro gerou estranhamento. O estranhamento do viajante

pautou-se na sua visão de dogma e no seu impulso civilizatório. O viajante enseja em seu pensamento: “Urge domesticá-los” (COSTA, 2008, p. 28) oferece-lhes o ideal do colonizar para apagar as “atrocidades” pagãs e ensina-lhes a esquecer seu instinto primitivo e seguir a ordem da “normalidade” estrangeira e assim para o colonizador: “Urge exorcizá-los” (COSTA, 2008, p. 28), retirar seus ritos no intuito de instituir uma nova ordem dominadora da cultura.

O viajante-colonizador vislumbra o canibalismo no impulso de sua fé. Urge salvá-los dos pecados e livrá-los do inferno. O pecado marca de culpa e castigo! Pensa o viajante: Não comerás teu próximo, uma vez que a ti pertence teu semelhante. Não comerás, marca o pudor à liberdade e aflige o interior do canibal o qual viajante apresentou a fogo e ferro as marcas de uma civilidade ilusória, isto é, “o canibal é apresentado sob a alegoria demoníaca da mutilação e do desejo inveterado pela carne humana” (COSTA, 2008, p. 25). O canibal é pintando negativamente no quadro, deleitado pelo colonizador e seus coparticipes, a pintura ameaça de morte ao canibal que povoa “além-mar das águas quentes e insulares” (COSTA, 2008, p. 25). O destino de guerra é travado e o desaparecimento do canibal institui a perda de suas crenças, danças e liberdade.

No mar os viajantes ensejam conquistas e glórias. Animados, vão com o sorriso da sua ciência e fé no rosto, lançaram-se ao mar em busca de um novo mundo, e o mundo novo encontraram, todavia, em seu peito batia um coração civilizado disposto a exorcizar qualquer tentativa de liberdade. Os viajantes avistaram a praia e sua certeza afirmou ter chegado à rota, ancoraram e partiram a explorar o novo mundo. E na exploração encontraram o povo que habitava e disseram: A crueldade é o semblante do selvagem: comer carne humana. O viajante em seus relatos de descobrimento profere tal afirmação sem julgar a importância ritualística da devoração, omite a devoração da carne como bravura guerreira imprescindível para obter proteção e poder do inimigo.

O ímpeto colonizador exorciza marcas de liberdade do canibal primitivo. O viajante civilizado impõe disciplina aos ritos primitivos na tentativa de domar os corpos e almas do canibal. A devoração promove força ao canibal, consoante a força é vivida pelo andarilho-sertanejo da devoração, força para viver mais um dia em sua caminhada. A morte do papagaio enceta a devoração: “resolvera de supetão aproveitá-lo como alimento e justificara-se declarando a si mesma que ele era mudo e inútil. Não podia deixar de ser mudo... Ordinariamente a família falava pouco” (RAMOS, 2008, p. 4). A devoração do companheiro alimentara mais um dia, a vida do andarilho-sertanejo

oferecia escolhas difíceis e resistir à jornada era preciso, até o dia em que o amanhã fosse um mundo novo.

No novo mundo antropofágico, a devoração cria um tom de liberdade a pensar a leitura por vir no liminar da devoração canibal-sertanejo – não uma dicotomia, mas uma junção de *rizomas* –, uma viagem pelo *meio*, por trajetos sem rotas, disposto a perder-se na aventura do livro ou da vida e não julgar o caminho (leitura por fé e ciência), pois, perdendo-se ele experimenta o desconhecido da leitura, com possibilidade de criar e continuar criando guiado pela liberdade.

O maldito canibal-sertanejo devora o chão que pisa experimentando o desconhecido, o por vir da leitura. O caminhar aquece o interior de quem se aventura, assim, o espaço e o tempo da leitura ou da vida efervescem as sereias, os dragões, os monstros, as serpentes gigantes... O imaginário da leitura oferece ao devorador um caminho profundamente desconhecido o qual reconhece em pequenos traços de jornadas anteriores. “A antropofagia está no ar” (COSTA, 2008, p. 12). A antropofagia da leitura se propaga no ar doce e leve, brisa de verão aquecendo o coração selvagem que habita o leitor por vir. É brisa de verão o vento quente que atiza a fogueira da devoração e enceta o gesto inicial, a seleção das formas a deglutir, tanto fazer se livro ou pessoa, é preciso devorar o que fortalece. O antropófago-sertanejo, leitor por vir, pertence a um espírito livre jovial que evacua os males da obra e acolhe as forças, devoração seletiva. A devoração seletiva da leitura por vir exala o aroma do desejo no ar, e faz o canibal-sertanejo, o leitor, caminhar por entre lutas pulsantes “como uma tempestade, um vendaval, ela nos arrasa e nos destitui de nossos antigos territórios de certeza acerca de nós mesmos”. (COSTA, 2008, p. 12). Uma antropofagia capaz de desterritorializar os conceitos subscritos às verdades impostas pela aridez da vida sem vislumbrar uma aurora ou amanhã.

Aos malditos urge um dia novo onde o brilho do sol emana calor que percorre as veias do leitor canibal-sertanejo. Um mundo cheio de preás onde pudesse debruçar na leitura em sua virtude devoradora, “e Fabiano queria viver” (RAMOS, 2008, p. 6), queria vencer as mazelas da vida e prosperar no sertão, “olhou o céu com resolução” (RAMOS, 2008, p. 6), a chuva cairia, e renasceria a vida no sertão. O sertão da leitura urge sentidos renascidos sem um tempo estrito de produção. O solo árido da leitura castiga o leitor canibal-sertanejo, um leitor de aventura que aprendeu na vivência do andarilho a caminhar, “esses movimentos eram inúteis, mas o vaqueiro, o pai do vaqueiro, o avô e outros antepassados mais antigos haviam-se acostumado a percorrer

veredas, afastando o mato com as mãos” (RAMOS, 2008, p. 8). O sertanejo aprendeu a desbravar o mundo em seus antepassados andarilhos sem medo do novo, resistiam à força mortal do sertão procurando sempre veredas novas para desbravar, tal sentimento pedido na leitura moderna onde se esqueceu de como adentrar a profundidade do texto.

O mundo (da leitura) anseia melodia de devoração! O canto primitivo da liberdade cria o outro por ressonâncias, e ao criar coloca no mundo um instinto canibal-sertanejo livre das amarras de uma razão ou dogma. O mundo exorcizado e domesticado a duras penas pelos massacres apagou o canibal-sertanejo do interior do leitor moderno. Hoje urge reconciliar-se com os ancestrais primitivos e desbravar o mundo (da leitura) no limiar da devoração e reter as forças e evacuar os males do livro – males da objetividade que ata o livro na realidade e não gera profundidade ou criação –. O mundo anseia vozes uníssonas de uma realidade solúvel, vozes capazes de reproduzir, apreender a realidade e reproduzi-la na latência da objetividade.

O mundo moderno (grifado na figura de leitor moderno) esquece como se dança na leveza do vento e brinca no redemoinho de folhas. A dança onde a unidade se transfigura em multiplicidade, onde as certezas desterritorializam os passos do caminho por vir. O andarilho abre a rota, livro, na tentativa de perder-se, a trajetória por vir, potência criadora da liberdade. O mundo moderno se transfigura no mundo por vir (da leitura) é na vivência da transfiguração que o leitor canibal-sertanejo fortifica – devore algo para fortificar – a alma, a partir do outro e no outro, mergulha embriagado nas rotas de criação e liberdade, pois, segues a criar teu caminho, leitor, embebido na glória do guerreiro e não retornes ao guia de sua história, cria teu próprio mundo na valentia de instaurar teus próprios valores e regras, todavia, não te prendas e continues a caminhar.

O mundo por vir (da leitura) anseia a um leitor disposto a caminhar na devoração com ímpeto destruidor dos mapas, tábuas ou sentidos, e no impulso de criar um simulacro. Isto posto, Deleuze lembra “não é a distinção do Modelo e da cópia, mas a das cópias e dos simulacros” (DELEUZE, 1974, p. 4). O andarilho, figura libertária de Nietzsche, enseja do leitor por vir a possibilidade de criar outros mundos em uma leitura por vir substancial. O livro é o mundo da profundidade que se abre como novo, mundo singular imaginário com traços da realidade e seus sentidos. O leitor por vir embebido na caminhada destrói seus valores pela devoração e nasce pela transfiguração do olhar do mundo.

O andarilho caminha no “puro devir, o ilimitado, é a matéria do simulacro” (DELEUZE, 1974, p. 4). O andarilho contesta a ação da reprodução e abraça a

subversão do simulacro, assim, “a cópia é uma imagem dotada de semelhança, o simulacro, uma imagem sem semelhança”. (DELEUZE, 1974, p. 138). A cópia pode ser a reprodução superficial sem profundidade do mundo (por vir da leitura). O andarilho foge da superficialidade, pois anseia cumes e profundidades em mar ou terra, tempo e espaços, quer assim, devorar o mundo em suas dissimilitudes, em razão de se constituir “sobre uma disparidade, sobre uma diferença” (DELEUZE, 1974, p. 138). O andarilho, o leitor por vir, desvencilhou de deus pelo gesto do pecado e perdeu sua semelhança, mas manteve a sua imagem. A semelhança do simulacro é a dessemelhança das diferenças, o outro modelo que destitui a reprodução e embebe o andarilho na improdutividade, delineada por ardil ou, como já dito, subversão.

O mundo moderno transfigura-se em mundo por vir, e o andarilho canibal-sertanejo caminha em diferentes direções de si e do mundo (por vir) cada movimento se transfigura em um simulacro. As mudanças subversivas colocaram o risco onde a verdade quer perpetuar. O mundo (por vir) devorou o corpo translúcido – na inexistência dos dogmas e prisões – e começa a vislumbrar a magia da noite tecida no nascer da lua nova que desperta o espírito livre do andarilho canibal-sertanejo, habita nele o sangue vibrante que não quer derramar sem glória, já que anseia fortificar a alma e dos demais pela devoração. O canto da devoração ressoa pelos tambores e o apetite está no ar como vento árido se amplia na vastidão do sertão, um convite a devorar o outro por suas lágrimas nuas, por suas caminhadas, por seu amor à dança, amor à aventura.

Cante o amanhã, andarilho, e crie o outro mundo no por vir da sua devoração. Anda, andarilho, nu pelo novo, do novo cansou, não havia o lugar, tudo era novo, as águas a desenhar o rio de aventura que o andarilho cruzou. A lua lá fora e o sol aqui dentro, o uivo dos lobos a marcar perigo e aviso: Há terreno a desterritorializar na leitura. Quem nos afastou do mundo, Andarilho? Desde que o mundo é mundo só nos resta devorar e poetizar. A poesia ecoa no coração do Andarilho e ouve a cantoria. “A cantoria mais parece uma saudação ancestral recém-chegada por todos os lados” (COSTA, 2008, p. 13). A batida do coração do andarilho se confunde com o despertar da cantoria e a potência da melodia irrompe nele um desejo profundo de liberdade e assim enseja ler o mundo por outra possibilidade.

Os tons selvagens arrepiam! A melodia é o impulso devorador. O tom livre da natureza que devora em ti o outro, e acolhe, em outra face nega, são as diversas faces que o acolhimento lança às diferenças. Na melodia pulsante “[...] *canto novo*. Queremos

uma antropofagia revigorada! (gritam as vozes em coro, ainda mais exaltadas). Fazer do pensamento alcance da arte, da arte alcance do pensamento” (COSTA, 2008, p. 19). Queremos uma devoração da leitura por transfiguração dos conceitos, das verdades, da leitura, dos leitores, dos autores, das culturas... Queremos uma devoração da leitura seletiva revigorada no instinto canibal-sertanejo do andarilho. Uma devoração da leitura no limiar da arte e do pensamento, a potência da criação, para isso então, é preciso ter farpas, em um mundo de dispersão e posicionamento, as defesas nos afastam do mundo e transbordam o limite, que o mundo moderno ama enfatizar.

O céu azul sem nuvens dá lugar à noite fria com ventos úmidos, Fabiano “Olhou o céu de novo. Os cirros acumulavam-se, a lua surgiu, grande e branca. Certamente ia chover” (RAMOS, 2008, p. 6). A chuva do sertão aos poucos apaziguava a seca, “a catinga ficaria verde” (RAMOS, 2008, p. 6) e a vida seria possível. O canibal habitava as praias insulares que brilham a brancura da descoberta e incerteza; ainda é possível observar no horizonte um arco-íris se formando com as gotículas de chuva a cair, a singularidade. O andarilho, frente ao mundo, observa tal fenômeno embriagado pelos pormenores, e ao olhar para horizonte de si reflete mundo por vir. Ao refletir o mundo por vir – desenho do voo e acalento do pouso – busca as transfigurações íntimas das profundezas e cumes. A melodia sedução revigora o desejo primitivo, o desejo primitivo “é o ímpeto devorador de uma vontade que nos eleva e nos revigora, corpo e espírito” (COSTA, 2008, pp. 12-13). O andarilho canibal-sertanejo revigora seu corpo e espírito e ruma: a antropofagia é um movimento das entranhas, da deglutição, do evacuar, e sobretudo, a vontade de criação que destrói as certezas e põe quem devora à caminhada de errância.

A devoração da leitura “é a vívida condição de uma força que nos move por inteiro, e por isso é condição de vida e criação” (COSTA, 2008, p. 13). A leitura antropofágica cria os sentidos e faz com que leitor devore o livro em lentidão e ruminação e recoloca a devoração como uma arte de criação que ecoa ritmos canibais. Fortifica a alma! E alimenta o espírito em leveza e alegria! O andarilho baila os ritmos de renovação. Chega de forma e razão utilitarista! Fizemos a magia tupiniquim aflorar. Chega de vozes uníssonas! Fizemos a alma se retorcer. Fizemos os instintos reagirem! Fizemos a carnavalização da rebeldia! Páginas amarelas? Volumes imóveis? Inércia do saber? Não, caro confrade, chega de comer e repetir! “Não comemos enlatados! Temos sangue quente correndo nas veias. Ímpeto devorador! Impossível vivermos sem esse desejo que nos sacode desde dentro” (COSTA, 2008, p. 14). Ímpeto íntimo do desejo!

Novos sabores, carne e sangue. O novo em forma de imaginação. Comer seletivo! Não comemos qualquer coisa! Comemos apenas o que fortifica a alma.

O sertão leva longe quem pretende desbravar. Entretanto, o sertão pede homens ousados, andarilho talvez? Homens que entendam o risco da morte e dispostos a pertencer aos abismos que se abrem nos desvios desconhecidos da caminhada. “Fabiano espiava a catinga amarela, onde as folhas secas se pulverizavam, trituradas pelos redemoinhos, e os garranchos se torciam, negros, torrados” (RAMOS, 2008, p. 65). O sertão da leitura é igualmente perigoso. Há que se caminhar em busca da descoberta, porém os caminhos são melódicos, traiçoeiros, falaciosos... Caminhos que se transmutam no ritmo da leitura... Tais transfigurações seguem a “devoração como desejo, apetite, ímpeto, rebeldia. Deglutição como gosto, sofisticação do paladar, transmutação do alimento em algo novo, suplemento necessário para a vida. (COSTA, 2008, p. 20). Potência do saber! Vontade de viver! É a devoração da leitura o impulso motor do *por vir*, a engrenagem que se engendra ao movimento de renovação. Um caminho paciente, lento e contaminante.

No sertão o andarilho segue o risco da aventura, do desejo, do apetite, da rebeldia. Na caminhada esquece o desejo de dominação e desbrava a aventura na leveza da descoberta, sem dogma, o andarilho adentra à aventura sem pré-julgar caminho, trajetória, sentido. Quer ser surpreendido a cada desvio, visto que enseja a leitura do mundo por vir “como exercício radical do desejo! (desejo de aprender, potência de saber)” (COSTA, 2008, p. 19). Uma leitura por vir como subversão e devoração! Uma pulsão do desejo que o andarilho devora: lê o que não se escreve, debruçado nas entrelinhas cria sentidos e caminhos outros da criação, lugar propulsor da invenção.

O andarilho-canibal deseja à mesa “corpos e desejos ardentes, uma arte que se faz com pureza e despudor” (COSTA, 2008, p. 14). O banquete profano penetra o corpo, e a cada devoração os tons invadem o interior da alma, ao penetrar a fruição transmuta os sentidos, e casto é o sentido da alma do andarilho. O corpo do inimigo convida a devorar os “seios e bocas, ventres e coxas ao sabor da tentação” (COSTA, 2008, p. 14). O corpo do inimigo é o sabor da tentação que ouriça o desejo, pelo corpo, em devorá-lo. O banquete está servido ao andarilho que se delicia no vigor das entranhas à carnavalescação. A carne está na mesa tupiniquim, anseia devoração dos espíritos leves, deglutição lenta e seletiva. Há que se comer “despidos ou cobertos, é impossível vê-los com alguma clareza, pois há um véu de ambiguidades que os recobrem. Puros ou depravados, selvagens ou domesticados, inocentes ou culpados.

Não importa. Eles, os antropófagos, são rebeldes por convicção” (COSTA, 2008, pp. 14-15). Os antropófagos leem o mundo (da leitura) por detrás do véu e vislumbram os infinitos e abraçam a rebeldia. O movimento da alma do antropófago (andarilho) exige leitores inocentes, puros, depravados, selvagens e não domesticado pela razão.

À lua nova aflora a rebeldia. O canibal-sertanejo necessita fugir do inimigo (a morte) que o devora lentamente, apesar de ser sertanejo devorador de forças, afasta-se do seu inimigo, pois não há como vencê-lo. A devoração é o movimento de reconhecer as forças e de saber como enfrentá-las, com sabedoria e coragem. A devoração da leitura produz o novo por transfiguração e potencializa as dimensões do *por vir*. Aqui, o lugar de coragem, o andarilho-sertanejo está para destruir qualquer tentáculo de dominação, porquanto, misturas improvisáveis podem nascer nesse *por vir* da rebeldia dos sentidos.

Quebra as velhas tábuas! O caminho se abre! É a possibilidade de um caminho à dispersão dos sentidos, desprendimento e libertação. “Abaixo às importações dos velhos manuais de sobrevivência acadêmica! Eles nos sufocam e nos engessam. Mais vale estourar os velhos “aprendimentos” que nada aprender” (COSTA, 2008, pp. 14-19). Abaixo às velhas direções! Abaixo às velhas tábuas! Abaixo à razão funcional! Abaixo ao pensamento apaziguado! Abaixo à superficialidade! Abaixo à moral! Abaixo às normas! Abaixo às gaiolas! Abaixo às verdades absolutas! Abaixo aos críticos e eruditos! Abaixo à linguagem habitual! Abaixo à mera leitura! Pois, “não queremos uma educação [leitura] que procede por apatia e fastio de aprender, ou que se refestela por “tudo” comer, tudo aprender, tudo saber nesse vasto e pesado universo do conhecimento” (COSTA, 2008, p. 19). Queremos uma leitura *por vir* que se desenhe pela devoração, um comer leve e seletivo. Uma leitura como dimensão criadora do novo! Sem regra ou moral já estabelecida! Tudo novo! Novas tábuas! Novo platô! Novas engrenagens! O caminho sem retorno à normalidade! Não apenas ingestão das formas reprodutoras, e sim, uma devoração que perpasse o canibalismo primitivo.

A leitura enquanto *devoração* anseia “uma educação como exercício radical do desejo! (desejo de aprender, potência de saber)” (COSTA, 2008, p. 19) Potência do desconhecer! Potência do estranhar! Potência do prazer! Potência de poetizar! Uma potência da leitura “como subversão! Atitude transgressora da vida que torna manifesta a luz do dia o desejo mais audacioso da condição humana – a devoração” (COSTA, 2008, p. 19). A condição do desejo devorador transgride os sentidos da superficialidade

e apresenta ao mundo uma carnavalização dos conceitos e verdades. E ao pertencer ao desejo, uma melodia nova e um estranho despertar ressonam no íntimo.

A devoração da leitura dança a leveza no desprendimento do corpo e do espírito, da morada e da certeza. Fabiano, o andarilho, observara o verde sertão desaparecer e “pouco a pouco os bichos se finavam, devorados pelo carrapato” (RAMOS, 2008, p. 65), a hora de caminhar se reiniciava. Nasce outro andarilho no simulacro de suas próprias dissimilitudes por devoração ao outro, destarte, sempre há de nascer outro de outro. O andarilho contraiu o rosto, um sorriso leve nasceu enquanto lia, era a leitura o abraço fraternal do livro ao seu espírito de liberdade. O livro era o banquete da devoração! Leia e devore! Na leitura sentiu que não era mais aquele que abriu o livro no enceto de sua caminhada, era outro andarilho, disposto a ter a leitura enquanto sobrevivência, sendo assim, capaz de afastar-se do sertão e reconhecer novas veredas.

Na caminhada que trilhou devorou a si mesmo? Ou se transfigurou no simulacro de suas devorações? O andarilho embriagado nos desvios da caminhada refletiu o caminho de devoração que enfrentou e se encontrou devorado por seu apetite, todavia, ainda sentia fome, uma latência pulsa em seu interior, algo que ainda não conseguiu ruminar, e espera, a ruminação continua, ao fim refutou a tendenciosa dominação que irrompeu da caminhada, e continuou a devorar, outros sentidos brotaram dos rizomas, conexões que o andarilho vai tecendo no limiar da devoração. Andarilho, continua pela leitura antropofágica, devora as possibilidades do caminho, e ruma as realidades em busca da leveza. Não há *devoração* rápida na leitura, e sim lentidão, pois o leitor *por vir* devora em inocência e esquecimento e segue a devorar a si mesmo e o outro. Assim não detém suas forças em leitura que não dê a pensar. Tendo em vista que tece os sentidos e sabores no vigor da devoração.

“A leitura reconhece seus sabores” (SKLIAR, 2004, p. 70). Ao devorar os sabores o andarilho acolhe as sensações a cada singularidade gustativa e revigora a alegria inocente de sua alma. O andarilho está em constante devir, um devir-criança que está em criar novos horizontes, singularidades, leveza e liberdade. A criação-alegre das formas, dos sentidos, da moral e do prazer. O corpo reage a cada deglutição em um prazer que explode de mordida a mordida, de página a página. Ao devorar, o andarilho-sertanejo cria sentidos, com alegria e esquecimento. “E não teremos experimentado o sabor de uma criação-alegre enquanto vivermos à sombra da atribuição de valores estabelecidos, enquanto não revigorarmos a educação (leitura) que se faz por desgosto, obrigação e apatia” (COSTA, 2008, p. 20). E não teremos apetite enquanto a leitura for

mera reprodução de um ideal comum. Nada de ler sem devoração! Nada de ler sem profundidade ou cumes, “enquanto não abdicarmos de uma “vontade que quer o nada” em favor de um desejo que nos faz viver”. (COSTA, 2008, p. 20). A leitura será um sepulcro fechado sem renovação, uma cópia do presente e presa à sua “autossuficiência”. Basta!

Segue tuas linhas de fuga e devora o mundo moderno, transfigure-o em por vir, e pelo mundo por vir saboreie as sensações em um paladar singular, devore e ame, pois a *devoração* é “nunca pedir! Nada de Lamúrias! Simplesmente pegar, sempre pegar” (NIETZSCHE, 2012, p. 25) é nesse pegar sempre duplo, dizer: sim e/ou não, ingestão seletiva. “A viagem parecia-lhe sem jeito, nem acreditava nela. Preparara-a lentamente, adiara-a, tornara a prepará-la, e só se resolvera a partir quando estava definitivamente perdido” (RAMOS, 2008, p. 65). O andarilho-sertanejo reconhece o inimigo que não pode vencê-lo, segue assim, a caminhar ao desconhecido. “A convivência entre poeta e leitor, só no silêncio da leitura, a sós. A sós os dois. Isto é, livro e leitor. Este não quer saber de terceiro, não quer que interpretem, [...]” (QUINTANA, 2012, p. 150), o leitor por vir, andarilho, ama em silêncio, acolhe e ruma. O leitor por vir não segue fixando o sentido, e sim, pluraliza e o retorce em castidade, obscuridade e dispersão. O silêncio o envolve no desconhecido, talvez cantem e dancem um poema, mas “o verdadeiro amante de poemas ama em silêncio...” (QUINTANA, 2012, p. 150).

O silêncio da ruminação provoca sensações, entorpece. Os movimentos do silêncio que nos tiram o desassossego e nos levam ao mundo a lugares que não se pode habitar, o silêncio é aqui não como ausência de movimento, mas o giro em torno de si, entre confusão e luta, uma luta que se trava no íntimo, a devoração. O movimento de ruminação; assim, ruminar, e ruminar é preciso, (e para a arte da ruminação, ter) “bons dentes e bom estômago – Eis que lhe desejo” (NIETZSCHE, 2012, p. 45). O andarilho (leitor) devora e recusa em desejo latente entre acolhimento e evacuação, entre saciedade e apetite. Todavia, não se prenda no ideal do “Erudito” de Tomás da Bolandreira, que lê em demasiado, doentio está pela produção e acúmulo, pois a criança brinca entre as rodas, os giros as levam sem rumo, não há caminho, não há apropriação, a criança lê e esquece, “[...] agora sim, creio que está são: Pois sadio é quem esquece” (NIETZSCHE, 2012, p.19). O andarilho então esquece a dominação, a rota, os sentidos e segue o caminho da criação! Segue a destruir todos os passos que acabou de trilhar. Destrua!

O andarilho-sertanejo reconhece o sinal da seca. Quando a chuva cessa no sertão é tempo de abandonar sua morada e seguir rumo ao desconhecido. O tambor começa a tocar e lua nova surgiu no céu, na brasa do fogo as lenhas estão a crepitar, chegou a hora da devoção! Traga o alimento! Na lembrança do andarilho, tal ritual é latente, agora andarilho é o devorador, todavia, logo será o inimigo (guerreiro da vingança), a morte não teme, uma vez que a partir dela abraçará a liberdade de sua criação. A melodia canibal-sertanejo toca o andarilho e em seu íntimo quer pousar na ruminação, o momento de acolher e refutar a caminhada. O inimigo acolheu a possibilidade de viver novamente na vingança do andarilho, o outro a saborear suas conquistas, seu passado, o presente e o seu caminho por vir e o sertanejo decidiu caminhar em busca do sul, “chegariam a uma terra distante, esqueceriam a catinga onde havia montes baixos, cascalhos, rios secos, espinho, urubus, bichos morrendo, gente morrendo” (RAMOS, 2008, p. 68), esqueceria o solo castigado e sairia a ler o mundo em sua surpresa, os meninos iriam à escola, Sinhá Vitória poderia ter cama tão sonhada, talvez tudo isso pudesse ser um sonho, mas a leitura por vir é um caminhar rumo ao desconhecido, em que tudo pode ser vivencia pela imaginação, assim sendo, andarilho-sertanejo, caminhe e devore. É hora de ler o mundo com devoração!

Melodias poéticas do aprender-ensinar

O espaço da leitura por vir fissa os sentidos nas travessias do tempo e destrói o premeditado ao inaugurar outro tempo em outro espaço, no limiar do por vir. A territorialidade não é marca de um espaço enquanto fixidez, e sim, a libertação das amarras ou ideia já postulada; o tempo não gera renovação dos espaços, e assim, o aprender-ensinar segue a se redesenhar na liberdade da criação do tempo e espaço, pois “a cada coisa que se diz “já sabia” lhe cabe um século menos” (SKLIAR, 2014b, p.151), a cada folha predita, a cada tempestade anunciada, a cada palavra já dita a criação se interrompe. Destarte, a leitura *por vir* é o caminho aos abismos desconhecidos de uma palavra poética como o mistério a cada contato com leitor e o livro, a leitura por vir.

A poesia profunda do livro irrompe das palavras e o espaço do livro é a liberdade que flui no corpo do leitor na pulsão da leitura. O tempo da poesia ensina à leitura uma dimensão *por vir* da água que torna o espaço do livro a liquidez dos rios, “o que não sabemos é por que se movem os rios, e que cores terão as pedras e o porvir dos segredos que nos mantêm vivos” (SKLIAR, 2014b, p.151). Todavia, o que não sabemos é o fluxo que o livro lança na leitura, assim, o leitor por vir segue o movimento livre da água e dele caminha por entre tempo e espaço, sem rumo ou cronologia, e ainda, sem saber uma profundidade anterior de suas histórias ou construções, pois segue o rio no intuito de continuar a criar e descobrir aventuras no desconhecido.

A força do tempo redescoberto da leitura dissolve o espaço e faz o leitor entregar-se a água liquefaz... Água faz os sentidos se perderem no fluxo *por vir* e esquecer a produção; segue o leitor ao limite misterioso da penumbra das montanhas, dos cumes, das verdades, dos sentidos, da leitura e revigora a força de destruição do tempo da produção e apresenta a dissolução dos véus e nasce, assim, a poética criadora das sensações singulares do mundo literário e seus espaços (simulacros da obra). A leitura por vir nasce pensada no berço do tempo-espaço, enviesada com a poesia, e na poesia estar a bailar na leveza das melodias dos sentidos e palavras. Leitor por vir, lança-te à poesia e se embriague na potência criadora das palavras e a subvertam as normalidades no limiar de instaurar sentido casto, outra linguagem e/ou significação casta de dominação.

O leitor por vir caminha na poesia como “labirinto da travessia” (SKLIAR, 2014b, p.167), tal a experiência de travessia segue longe da “incapacidade de traçar linhas retas ou utilitárias, o modo como expomos ao que percebemos”. (SKLIAR, 2014b, p.167). A poesia é a possibilidade de criação que não obedece à ordem estruturada, e assim vive a se recriar sem métrica ou forma, seu cerne é transfiguração, que ora se concretiza na realidade e a retorce no movimento seguinte, e coloca à prova o que parecia ser real, e nessa falsa realidade se perde na própria criação da poesia. Ao mergulhar na poesia a profundidade da palavra literária transporta o mergulhador a um universo sem tempo, sem amarras, ou prisões. A poesia é a liberdade dos voos infinitos entre águas escuras da leitura.

A poesia é o desconhecido da profundidade, águas escuras da incerteza, assim, “a poética oferece uma sensação mais de interrupção que de acaso” (SKLIAR, 2014b, p.167). A poesia interrompe o ritmo de produção e com força arrebatada a alma no impulso, ímpeto de mudança. Dizer não aos caminhos imutáveis e abraçar a possibilidade da poesia enquanto movimento *por vir* lança o homem (leitor) a um mundo literário em “[...] permanente movimento de encontro e desencontro com corpos e vozes de desconhecidos” (SKLIAR, 2014b, p.167). A poesia atravessa os territórios e sua força invade o coração do homem (leitor) livre, desterritorializado permanece nos encontros com as melodias e cantos pelo caminho, as melodias transfiguram o espírito e corpo do leitor, tal leitor inocente abraça a poesia em seu estado de vertigem e enigma. O homem por vir, leitor de poesia se transfigura em poeta, e a voz segue a dor da alma do livro por vir. O leitor por vir aprende a caminhar no mundo da poesia onde a melodia ensina os tons desconhecidos em uma poética que redesenha o tempo e espaço das sensações e sentidos, um tempo redescoberto ao qual o leitor por vir se encanta pela poesia.

O leitor por vir, diferente do leitor ordinário – este ensinado a ler e compreender objetivamente, é fechado à vertigem da poesia – aspira às singularidades dos abismos da poesia. A cada abismo o leitor por vir mergulha na dispersão de sentidos poéticos e seu contato com a leitura é travessia. A travessia poética expõe ao leitor a vertigem das profundezas, tal vertigem transfigura o leitor ainda desconhecido, desconhecedor de mundos e sentidos já insaturados objetivamente. O desconhecido invade a alma do leitor por vir e sua força vibratória uma poética pura da travessia. A poesia é o desconhecido e a leitura por vir enquanto poética anseia a pureza das sensações, assim uma “leitura poética supõe uma perda do controle, que as palavras façam sua travessia em mim”

(SKLIAR, 2014b, p. 168). Abandone a rota e siga para outros caminhos. Abandone caminhos e seja guiado pela possibilidade.

A travessia desterritorializa as sensações que invadem o corpo e transfigura a linguagem do corpo em poesia. O corpo reage a cada palavra, a cada desvio, a cada travessia, e o leitor e poeta se avizinham pelo desejo do frenesi. Ambos ensinam a poesia das singularidades... Gota a gota, palavra a palavra, sentido a sentido. É a singularidade morada, o caminho entre os rizomas, a pluralidade a exalar! No ar o alento é a mudança! Baile o vento em meio aos espíritos de transfiguração... O vento move as folhas e a duração do voo desvia as rotas...

O movimento do vento delineia pousos e recomeços e a duração é tecida pela natureza, livre e sem rumo, a leitura *por vir* então transpira e vive a duração do vento. Ao adentrar na rota do ar, os sentidos são vendavais profundos e avassaladores que arrebatam tudo que passa pela frente sem apego ou destinação... Tempestades que choram o lamento da superficialidade, pois tempestades ensinam vida e destruição. Ao destruir a realidade a tempestade dá outra chance de viver, outra chance que instaura novas construções.

É difícil perder o chão, o teto, a morada... É difícil negar a comodidade e se entregar à incerteza... É difícil ir além do instaurado e dizer não às regras doutrinárias, pois tudo que se apresenta desconhecido é um aviso covarde para não seguir em frente. A poética *por vir* exige coragem de arriscar-se e de negar os sentidos do mundo, pois no interior do leitor *por vir* habita um coração que vibra à mudança, de página a página, de vitória a vitória, de derrota a derrota, tendo em vista que não crer no sucesso como inviolável, porém almeja a mudança sem medir as consequências. Seria o leitor *por vir* o ímpeto liberto e desregrado da poesia? Talvez.

A leitura e a poesia são voos e pousos singulares sempre *por vir*, “sem estranhamento, sem perplexidade e, de certo modo, sem o desvanecimento do “eu” não se poderia pensar no poético”. (SKLIAR, 2014b, p. 168). O “eu” poético se desvanece entre as trilhas do labirinto e o fio da condução é tênue e a qualquer movimento pode se desfazer na liquidez da palavra. A vertigem singular transfigura o tempo e o espaço da leitura e pertence a uma palavra movediça que se entrelaça com a descoberta e abraça o “eu” poético, este sempre no devir das coisas. Destarte, a poesia está no limiar da palavra literária e na entrega do homem ao *por vir*, pois “para o homem medido e comedido, o quarto, o deserto e o mundo são lugares estritamente determinados” (BLANCHOT, 2013, p. 137), assim como a leitura.

O homem *por vir* caminha livre entre as territorialidades, o deserto, o mar, a montanha, e vulcões... É a irrupção das territorialidades o convite a desterritorializá-las e seguir os horizontes de leveza que o homem *por vir* enseja. Desta forma, seu caminhar transita por diferentes temporalidades e apresenta um “tempo puro, sem acontecimentos, vacância móvel, distância agitada, espaço interior em devir onde as estases do tempo se dispõem numa simultaneidade fascinante” (BLANCHOT, 2013, p. 17). O homem *por vir* se desloca no fascínio do tempo, mas o tempo sempre puro, móvel, agitado... O homem *por vir* nasce na estase do tempo onde o fluxo pouso na singularidade, o pouso apresenta uma liquidez do tempo administrado e para o fluxo da produção e faz o homem *por vir* mergulhar nas águas profundas de seus espíritos, como nasce nas águas de um tempo outro viaja pelas correntezas guiado pelo impulso do desejo de sedução, o gozo espuma da profundidade, pois pretende seduzir o mundo pelo prazer da sua memória, entretanto, sua estase dura um segundo ou para sempre.

O homem *por vir*, *homem desértico*, *homem labiríntico* são figuras que se assemelham pela vontade de seguir a errância da poesia *por vir* que se encontra no limiar do deslocamento, tendo em vista sua destinação “à errância de uma marcha necessariamente um pouco mais longa do que sua vida, o mesmo espaço será verdadeiramente infinito, mesmo que ele saiba que isso não é verdade, e ainda mais se ele o sabe” (BLANCHOT, 2013, p. 137). Assim o homem *por vir* segue o destino, que ora é abreviado pela eminência da chegada, ora é recolocado pelo desejo *por vir* de seguir em frente... Segue em frente submerso em sentidos que ruminam em lentidão, e segue novamente sem pretensão de chegada, pois enseja um caminhar enigmático. O homem *por vir* ouve a melodia do *por vir* e o tom é verdadeiramente infinito, o tom que se abre a um espaço de errância, é “a errância, o fato de estarmos a caminho sem poder jamais nos deter, transformam o finito em infinito” (BLANCHOT, 2013, p. 137). O errante abraça o homem *por vir* e suas almas encontram a similitude... A harmonia infinita do eterno caminhar...

A poesia se torna o espírito errante ao infinito da palavra literária, desta forma a leitura poética *por vir* acolhe a errância, e seu caminhar é o infinito pelo desconforto da errância e todo caminho desponta abismos... Abismo enquanto possibilidade de pouso. Destarte, a sensibilidade transmuta a emoção expressa pelas lágrimas consternadas do homem *por vir* que reage à simples vida (da leitura). A poesia do errante é o sentimento de embriaguez que consterna os olhos, enche-os de umidade e vida. A umidade saudosa das singularidades desperta sensibilidade da poesia que transfigura as palavras reais

submersas de umidade. A poesia é o sentimento úmido das memórias singularidades que irrompem uma infância que ama admirar o cair da chuva, a liberdade da imaginação, o pôr do sol... Talvez o corpo anseie saudosamente uma lágrima cai, em meio à poesia de outrora...

O cair da chuva, o cheiro dos temperos e das tempestades, o calor da tarde, tais sensações brotam do solo sensorial e invadem o coração selvagem de quem se possibilita lembrar. Há quem se esqueça da infância e suas reminiscências, pois despreza o passado em detrimento do futuro inalcançável. É a poesia o meio de transporte das sensações e o movimento de regresso interior à alma que nunca quer envelhecer. O leitor, o homem por vir, então se lança à poesia em sua embriaguez e esquecimento, e a mudança invade o mundo da poesia, tons de imaginação que levem o leitor a habitar outros mundos *fora* da palavra literária.

A leitura *por vir* e a poesia acrescentam traços singulares de aventura desconhecida, onde o leitor rouba o que é essencialmente fechado. O roubo faz o leitor aventurar-se nos riscos da leitura. A primeira aventura apareceu à roubadora de livros, o livro caiu no solo frio coberto de gelo, a menina abaixou-se sorrateiramente para roubá-lo. O primeiro livro foi roubado, a emoção do roubo ainda bradava em seu coração, “roubar é o contrário de plagiar, de copiar, de imitar ou de fazer como” (DELEUZE, 1998, p. 6), roubar, então, exige criatividade e imaginação à aventura, para que se roube o que não é seu, há que ter coragem, pois há sempre perigo: de ser descoberto no ato de seu roubo, todavia, se roubar algo e torná-lo seu, não será descoberto. A menina ansiava ler o livro roubado, todavia, não sabia ler.

O livro-roubado ensinou suas histórias à menina na leitura de seu pai, desta forma, a menina roubara a leitura do tempo, da atenção, das imagens, das palavras, e no fim, roubou do livro os sentidos de um aprender-ensinar a ler. Aprendeu a ler no anseio desconhecido de uma leitura que bradava no seu interior. A roubadora de livros viu na pilha de livros queimados outra possibilidade de leitura; esperou que todos saíssem e na rua deserta roubou mais um livro. O livro ainda queimava, e mesmo quente a menina colocou em seu peito o livro. Na aventura quente do desejo da leitura seguia a esconder o livro, ainda na coragem, carregava a aventura desconhecida, sem mais conseguir desfazer o roubo do livro, seu pai o fez cair, na queda do livro um segredo se selou. Nos dias seguintes a roubadora de livro seguiu a ler palavra por palavra e cada palavra roubada escrevia na parede.

Os dias seguiram, e a menina continuava a ler o livro roubado da fogueira. As histórias dos livros se encerravam, mas a menina as lia. A roubadora de livros conheceu a mulher do prefeito, na ocasião do roubo da fogueira, a trama se aproximou, a mulher do prefeito começou a emprestar livros, devolvia-os sempre na próxima remessa de roupa. A vida da roubadora de livros lançou-lhe outra surpresa, conheceu um franzino menino judeu, tinha à mão um livro, a curiosidade impulsionou-a saber do que se tratava o livro. A tentativa de tirá-lo da mão do menino judeu, que dormia, se abreviou pelo espasmo de seu corpo. O menino despertou e a menina tratou de logo perguntar sobre o livro, tratara o livro de um homem mau, o menino judeu disse. A roubadora de livro ganhou um presente do seu amigo Judeu, um livro, o qual apagava os traços da história do homem mau. Agora a menina que roubava livro poderia escrever uma palavra da vida, algo essencialmente singular, uma palavra na essência singular do vento, das folhas, dos animais... Essencialmente singular a palavra da vida gestaria olhos puros das coisas, uma palavra viva e plural.

A menina, na poesia singular das coisas, começa a ler o mundo nos pormenores. Em poesia conta ao menino judeu, preso no porão, sobre o tempo, sobre as aventuras que vivem e a cada nova palavra desenhava na parede de sua vida, sentido novo. O menino judeu adoecera e por um tempo ficou descordado, na travessia até o despertar a roubadora de livro ficou a (re)ler os livros, seguia mergulhada incansavelmente na leitura dos livros que já roubara... Depois de inúmeras vezes, reler, a menina decidiu visitar a biblioteca da mulher do prefeito, todavia não mais pela porta da frente, a roubadora adentrou pela janela, leitura após leitura, foi roubando os sentidos dos mais variados livros, sem produção e sem imitação, sem copiar as melodias poéticas escritas neles, tendo em vista que passa a viver no olhar singular da leitura em cada palavra devorada, assim apreendeu a ler na poesia dos ínfimos das coisas, sempre no anseio de aventura em sua devoração criadora de outras histórias.

A menina que roubava livros “se perguntaria exatamente quando os livros e as palavras haviam começado a significar não apenas alguma coisa, mas tudo” (ZUSAK, 2011, p. 29). A menina vivera a tormenta da palavra, sacudia as palavras para que outros sentidos fossem devorados na leitura do mundo (do livro). Apreendeu e ensinou à leitura sentidos novos criados, roubados no desejo de imaginar o mundo singular e sua leitura. O livro e a menina dançam uma poesia desviante dos sentidos na descoberta do mundo. A neve a cair desenha uma felicidade clandestina no coração da menina que brinca com os seus sorrisos... A neve, as folhas, o rio... dançam a poesia singular do

tempo redescoberto da leitura, onde a menina vive as melodias poéticas de um tempo vivido de sua aventura, aventuras quais não pode mais se desvencilhar, gravadas estão em seu coração inocente.

A menina achava nas tramas do roubo palavras ínfimas que descreviam a aventura que vivera a cada travessia. A menina devorou o roubo das palavras e agora escrevia melodias poéticas de história singular que outros ansiavam a ouvir, nos bombardeios o barulho da explosão era silenciado pelo contar das histórias, atenção das pessoas a fazia continuar a narrar as aventuras de seus anseios. A menina experimentava um “achar, encontrar, roubar, ao invés de regular, reconhecer” (DELEUZE, 1998, p. 7), o roubo, então, provocou outros sentidos desviantes à leitura, outra leitura nasceu no limiar da aventura do ínfimo que a menina vivenciara, de uma história nascida na tormenta da singularidade da melodia poética de um aprender-ensinar nas travessias vivenciadas pela menina na leitura dos roubos.

A poética que se tece no *por vir* é desviante. Os intermitentes sentidos jazem na obscuridade do véu, ao desnudar-se de qualquer vestimenta, o corpo reage mais verdadeiramente às mudanças de temperatura, ao se retrair apresenta o medo das extremidades, ao refrescar-se o medo desaparece e o frescor dissipa todo acúmulo diário de sujeira. É tempo de entregar-se a liquidez da água, e ser liberto da cotidianidade, e nos entregar ao lugar de extravio. “O lugar do extravio ignora a linha reta; nele, não se vai de um ponto a outro; não se sai daqui para chegar ali; nenhum ponto de partida e nenhum começo para a marcha” (BLANCHOT, 2013, p. 137). Nele se caminha à deriva, sem rota de emoção, ou seguridade do sentimento, sem começo, ou ponto de chegada, rizomas que seguem a vontade da dispersão dos sentidos.

O mundo marcha pela produção que “antes de ter começado, tudo já recomeça” (BLANCHOT, 2013, p. 137), antes de florescer começa a desabrochar, antes de ler os sentidos começam a ser preconcebidos, “antes de ter realizado, repetimos, e essa espécie de absurdo que consiste em voltar sempre sem nunca ter partido” (BLANCHOT, 2013, p. 137). Pensar então em uma poética por vir é abandonar a razão e se entregar à liberdade da poesia. A poesia liberta os sentidos reprodutivos de uma ideia comum e repetição do óbvio, ou seja, começa “para recomeçar, é o segredo da “má” eternidade, correspondente à “má” infinidade, que encerram, talvez, o sentido do devir” (BLANCHOT, 2013, p. 137). E assim é o tom da mesmice, a produção que encerra a poesia e põe a máquina da produção a rodar. A poesia morre na produção, visto que a máquina retira a vertigem singular das palavras.

É tempo de se entregar aos rizomas, sem início ou fim, sem meio ou começo, pois a palavra literária irrompe sensação de todos os lados. Não há linha reta, não há palavra objeto ou objeto palavra, tendo em vista que a leitura enquanto poesia transmuta os sentidos objetivos em leveza e liberdade. A poesia muda os ventos, muda as tempestades, muda a realidade, muda o objeto, muda o “eu”, muda palavra, muda a leitura, muda a linguagem, muda o nada, muda o infinito, muda o mundo.

O homem literário “está sempre pronto a compreender segundo o modo de compreensão que a literatura autoriza” (BLANCHOT, 2013, p. 137). O mundo é a palavra literária refletida no espelho do real, selado a má eternidade e má infinidade estágios transitórios que o homem literário experimenta, “até a gloriosa reviravolta que se chama o êxtase” (BLANCHOT, 2013, p. 137). As vertigens antecipam as vibrações da palavra literária e as vibrações do êxtase da alma literária, estas que nascem no contato íntimo com o livro. Se o mundo é o livro, e vice-versa, tais assertivas deveriam apaziguar o coração do homem literário, já que a ideia de realidade é o sossego da alma. “Mas, se o mundo é um livro, todo livro é o mundo, e, dessa inocente tautologia, resultam temíveis consequências” (BLANCHOT, 2013, p. 138).

“O mundo e o livro remetem um ao outro, eterna e infinitamente, suas imagens refletidas” (BLANCHOT, 2013, p. 138). Ao refletir o mundo, a poética que entrelaça o livro ao mundo é a vivência do fora, ao estabelecer-se fora, a realidade é a imagem da palavra literária, tendo em vista que a palavra literária não tenta imitar a realidade, ela é a própria realidade tecida nas dimensões do universo literário onde o real se espelha no mundo do fora, real espelhado pela palavra literária. “Esse poder infinito de espelhamento, essa multiplicação cintilante e ilimitada - que é o labirinto da luz, o que não é pouca coisa - será, então, tudo o que encontraremos, no fundo de nosso desejo de compreender” (BLANCHOT, 2013, p. 138). O poder infinito do espelhamento é a multiplicidade que cintila a luz escura do labirinto, ao cintilar reflete no desconhecido um desejo a se compreender.

O poeta é o criador de novas terras e o desbravar delas! O poeta educa a leveza e a sensibilidade. Somente um poeta é capaz de apreender a singularidade das coisas, e ensinar o valor de um sorriso, da mobilidade do mar, o valor da profundidade, da potência feroz do fogo, da devoração da tempestade, a beleza finita de um instante, e a mudança do tempo em um segundo. O poeta e leitor, o *por vir* e poesia são dualidades rompidas pelo interior da multiplicidade, ser múltiplo é pertencer ao universo da palavra literária e todas as singularidades que transformam a palavra literária em um momento de

transfiguração. E a transfiguração é a irrupção do silêncio sobre os sentidos ou sobre o som, o silêncio não enquanto ausência nula, e sim como fala múltipla.

“O poeta nasce pelo poema que cria” (BLANCHOT, 2012, p. 108), e o nascimento do poeta se confunde com o próprio nascimento da poesia, ambos, poeta e poesia, só nasceram a partir do poema. O poema é a liberdade do mundo que nasce e transfigura o poeta em criador. Ao criar, o poema não tem domínio sobre ele... Está no mundo e fixa seu lugar nele. Todavia, o leitor dá vida ao poema e leva do seu lugar a outro ainda indefinido. O leitor de poema indefine o tempo e espaço, pois o desassossego da leitura o leva à ruminação. Ao ruminar acolhe ou refuta o espaço e tempo em que o poema se estabelece e o transfigura em liberdade.

O leitor e o poeta “recebem dele (poema) a existência e são fortemente conscientes de depender, nessa existência, desse canto futuro, desse leitor futuro” (BLANCHOT, 2012, p. 108). O poema está aquém, além do leitor e do poeta, pois se estabelece na travessia, movimento de nascimento em meio à dispersão de sentidos e embriaguez, ainda está em constante travessia, implica em liberdade e ruminação, já que ambos não exigem do poema a compreensão e sim a vertigem. O leitor por vir que nasce na liberdade não impera dominação. O poema está no mundo e seus sentidos estão à espera da ruminação. O poema, obra, enseja um canto futuro, outra voz a ser ressonada ou leitor futuro, o que lerá os sentidos em sua vertigem e consternação, algo pouco quisto na contemporaneidade.

O poema é a obra, e sua vida se encontra na dispersão de sentidos, no aguardo do devir, desconforta o “leitor sabido ler, graças a absoluta confiança, o poeta que poderia dar a essa leitura o maior sentido e a maior dignidade” (BLANCHOT, 2012, p. 107). O poeta na criação do poema entrega a palavra ao leitor sem delinear os sentidos possíveis, o movimento do poeta à escrita nasce da livre emoção e consternação. O poeta fiel à sua alma desenha sentidos concretos feitos de abstrações. O leitor por vir perfura buracos na malha líquida das abstrações e sua embriaguez o guia a perscrutar outros sentidos.

O poema, matéria escrita do poeta, cria no leitor sentidos a cada verso lido. O leitor versa no “veloz passar das páginas plenas” (RILKE, 1994, p. 229) uma leitura profunda na qual o leitor esquece os traços de seu rosto, com o rosto virado para baixo no livro, lê as palavras singulares. Na leitura o leitor de poesia segue lendo até o ‘segundo ser’, mergulhado no desenho do poema, o leitor dança na leitura transfigurado no contato com o livro, e “nem sequer sua mãe estaria segura se ele é aquele que ali lê

algo” (RILKE, 1994, p.229), pois seus traços estavam alterados nos desvios da leitura. Na leitura o leitor despe-se dos traços do tempo ou da razão e vive a criar-se nas palavras do livro, outro leitor-poeta nasce no mundo-devoração dos sentidos, um poeta-leitor, escavado no mergulhado nas profundezas dos abismos das palavras versadas na liberdade das melodias do livro, o leitor caminha na criação de suas próprias melodias, uma melodia na sombra obscura da verdade experimentada pelo leitor na transfiguração.

O leitor mergulha na profundidade do livro onde as sombras transfiguram o poeta-leitor no movimento das páginas. O contato do leitor com a leitura é “mergulhado em sua sombra” (RILKE, 1994, p.229), onde vislumbra virtudes e/ou defeitos, sensações a escolher ou a refutar na leitura, destarte, as sombras das palavras que o poema oferece lançam outro olhar ao interior do leitor, um olhar profundamente para baixo, profundo, pois jamais olhou nos subterfúgios da alma. O leitor nascido na tormenta da profundidade do poema/livro esquece a duração do tempo e se delicia com olhos dadivosos nos sentidos olvidados por uma leitura funcional, a alma leve do leitor devora o mundo da leitura. Ao submergir do mergulho o leitor regressa a “um mundo pleno e pronto” (RILKE, 1994, p.229) da realidade, um mundo frio e funcional, o qual joga o peso da produção nos ombros do leitor. O leitor carrega a realidade no ombro, já que sua visão soberba o faz admirar a astúcia e os atalhos.

Ao contrário, o poeta-leitor muda seus traços constantemente, sem rosto, sem vontade produtora, sem dominação, abraça a aventura no impulso da sua devoração. Um leitor, poeta inocente, brinca “como crianças caladas que jogavam sozinhas”, a desfrutar um jogo do desejo puro do silêncio em que ninguém mais fala pelo outro, cada voz por si. O silêncio libertador dos sentidos profundos da alma e do livro. Liberto no silêncio, o leitor redesenha seus traços, “meus traços, que estavam ordenados, ficam alterados para sempre” (RILKE, 1994, p. 229). Os traços apaziguados no leitor se transfiguram na duração da leitura, os sentidos outrora construídos ao longo de outras caminhadas são devorados nos abismos do livro. O livro então lança sentidos profundos no silêncio da sua palavra, há que ser inocente para ouvi-lo.

Um leitor-poeta “sem paz, sem amor (aprisionador), sem teto, caminho pela vida afora” (RILKE, 2012, p. 100). No mundo afora o rosto ganha traços errantes de uma jornada transfiguradora a cada caminhar, o poeta caminha por ensejos desconhecidos do seu coração, nele a aventura pulsa na criação dos diferentes solos e espíritos. O poeta então pensa: “Tudo aquilo em que ponho afeto fica mais rico e me devora” (RILKE, 2012, p. 100), um afeto aprendiz o qual devora a poesia canibalesca do outro, uma

devoração na criação do outro transfigurado da leitura ou caminhada. Desta forma, o poeta desenha sentidos outros, na devoração da caminhada nasce o desejo latente da criação de si e do outro. O poeta cria o poema nos sentidos do mundo afora, fora das rotas ou razão estabelecida, e destarte, o poema nasce na tormenta das chamas e raios do sol. Solar é a audácia da poesia em criar seus versos potentes de transfiguração nas chamas a ofuscar a razão. O leitor meio cego balbucia poemas, “é justamente o papel do poema preparar, dar à luz aquele que o deve ler” (BLANCHOT, 2012, p. 108), dar à luz a quem pouco vê as singularidades do mundo da leitura. O poeta versa um poema gestado nas profundidades das obras poéticas, onde a matéria do poema cintila uma caminhada singular do poeta-leitor, o caminho, a emoção que o leitor lê a cada palavra.

“O poeta, a poesia, é uma voz que escuta” (SKLIAR, 2014a, p. 22). Ao escutar os ensejos do mundo e sua alma o poeta mergulha nas singularidades em busca de escrever uma sensação do mundo, ao tentar apreender o movimento do mundo, ouve as mais diversas sensações, e não as reproduz, as acolhe. Ao acolher a ruminação as sensações do interior do poeta vivem na dualidade indizível da palavra literária. O poeta é o semeador da comoção no mundo e ponto de inquietação, ao inquietar o mundo anseia leitores no devir da sensação e da criação, leitores capazes de flutuar pela realidade e espelhar em outro mundo o real da palavra literária, mundo este capaz de uma escuta plural.

A poesia baila a magia das palavras, magia que toca a alma e transforma o mundo no interior da palavra literária. Como ler sem sentir a verdade do olhar? Como ler sem imaginar a poesia que tece o mundo literário? Como seria ler o mundo de forma indiferente? O mundo está para ser lido, assim como os livros de uma biblioteca. É a estante a possibilidade diferente de surpresa. A cada surpresa a paixão vai se desenhando no interior singular do leitor. É o amor ao livro, o *por vir* que se abre à singularidade imaginativa.

A poética da leitura por vir é o convite a mergulhar na sensibilidade e consternação do poeta e leitor que vivem o *por vir*... E viver o por vir anseia vertigem, devoração, transfiguração e travessias. Os desejos os libertam das amarras que os colocam no chão ou privam das singularidades. As singularidades apresentam caminhos desviantes, onde o homem por vir recoloca e coloca as rotas no mundo, ao seguir as rotas veleja por diferentes territorialidades... As águas deslocam as memórias que transitam por mares revoltosos, ao transitar, o leitor busca a profundidade, e no mergulho a profundidade do tempo traz à tona reminiscências da imaginação... É hora

de recordar o contato íntimo com os livros, e ao lembrar, as histórias emanam a imaginação, destarte, acolher as transfigurações, a fim de que o contato íntimo perdure, pois “tudo o que gostaria um poeta (leitor) é que o instante durasse” (SKLIAR, 2014b, p. 172). A poesia ensina ao leitor o valor da duração da leitura, a duração salutar, a alma que transfigura o mundo real, na possibilidade da imaginação que cria a poesia de um aprender-ensinar diferente dos instaurados nas instituições formadoras na contemporaneidade, o ensinar a leitura enquanto poesia dança a criação e leveza de leitor outro, por vir, talvez!

O ensinar é um desconhecido que adentra ao mundo e seus objetos e/ou no mundo *fora* da experiência literária e sua imaginação. O ensinar, então, enquanto deleite que brota invisível entre o ensinar enquanto fruição estética que se avizinha com a poética *por vir* que se lança na aventura desconhecida dos mares. Explorar novos territórios exige imaginar “a árvore que ainda não existe, a trajetória invisível de um som até sua inesperada palavra, a rebelião de uma ideia e suas cinzas, o momento em que a chuva é posterior à sua pronúncia” (SKLIAR, 2014b, p. 154). Imaginação dos territórios que se desenham desconhecidos no horizonte da leitura, a fim de vislumbrar um espaço nunca antes habitado, virgem de uma morada ou preconceção. O espaço puro de tempo outro que nasce no imaginar e na leitura. O contato dos invisíveis que circundam o ensinar a ler, e o entorno, o lugar de dispersão de sentidos, tempo em que Proust redescobre as singularidades do espaço da leitura.

O leitor por vir “durante a leitura, executava incessantes movimentos de dentro para fora, em busca da verdade” (PROUST, 2011, p. 68). A leitura dura os movimentos travessia, uma vez que o leitor no movimento *fora* desenha imagens de outras verdades no simulacro da sua criação de leitura, os quais o leitor atravessa a profundidade dos livros, na profundidade encontra verdades leves capazes de dançar na lentidão da devoração. Na leitura (por vir) “vinham as emoções que proporcionavam a ação em que eu tomava parte” (PROUST, 2011, p. 68) nas emoções do livro o leitor desenha o ritmo de sua consciência e inconsciência de uma verdade desconhecida há pouco, e que agora começa a conhecer pelos acontecimentos do livro, “pois aquelas tardes eram mais povoadas de acontecimentos dramáticos do que, muitas vezes, uma vida inteira” (PROUST, 2011, p. 68). Os livros ensinam lições jamais desenhadas, tanto no campo real quando no imaginário... O leitor dança no desenho puro da criação do livro que devora nos ensejos de uma visão outra da leitura. Assim, na devoração dos acontecimentos dramáticos aprende sentidos desconhecidos da vida.

O livro ensina sentidos desconhecidos desenhados na profundidade dos livros onde o leitor cria o simulacro de uma realidade imaginária, aprende a inventar palavras poéticas leves, isto é, palavras na criação do estranhamento e do acolhimento dos acontecimentos do livro. “Esses acontecimentos eram os que sucediam no livro que eu lia; na verdade” (PROUST, 2011, p. 68). O leitor lê a leveza da verdade no livro quando refuta no interior as tendenciosas verdades da leitura. O livro está aí para ser lido na melodia de sua latência, isto é, nos sentidos profundos do livro, o leitor mergulha nos terrenos movediços da leitura e nesses solos encontra um aprender-ensinar das singularidades, o leitor aprende na dança com os personagens lições verdadeiras reais do mundo, de si e da leitura, mesmo que os “personagens a quem afetavam não eram “reais”” (PROUST, 2011, p. 68). Todavia, os desvios “reais” que os personagens nos faziam percorrer, afetavam as alegrias e infortúnios de sua jornada, e consequentemente, afetavam a caminhada do leitor.

Os personagens vivem verdades nas aventuras “reais” do livro. Desta forma, os personagens aventuram-se nos caminhos de suas emoções e vertigens, o leitor então caminha na aventura do personagem, e concomitante, devora as vertigens experimentadas na leitura do livro. “Um ser real, por mais profundamente que simpatizemos com ele” (PROUST, 2011, p. 68), a cada devoração aprendemos a sorrir na leveza de uma escolha ou a chorar na tristeza da sua morte prematura, são as vertigens a imagem real dos personagens que invade a realidade da vida do leitor, e enceta a criação sua história, livre, fora do livro; o leitor com os personagens criam sentidos para além da superfície do livro, destarte, o leitor dança a melodia da aventura do livro, a melodia ressona a liberdade dos sentidos submersos na profundidade do livro, onde os sentidos submersos que não estavam no aparente do livro e passam a existir no contato do leitor-personagem.

O personagem oferece ao leitor uma visão por vir de seus desejos e devorações, na visão de um por vir o leitor dança nas imagens e emoções criadas pelos personagens no livro, emoções de alegria e dor, “mas é uma dor que só conhecemos pela leitura, em imaginação”, dores as quais jamais o leitor passaria se não pela leitura e sua imaginação. A realidade da leitura choca o leitor que aprende com a dor a não repetir ações barbárie, fortifica-se, “porque na realidade o coração se nos transforma” (PROUST, 2011, p. 68). O coração do leitor pulsa selvagem na transfiguração dos sentidos do livro na devoração, devorados os sentidos novos anseiam novas moradas livres. Chega de enlatados! O coração do leitor suplica. Chega de cartilhas amareladas

que insistem em repetir! Queremos um aprender-ensinar por um devorar que anseia fogo e cinzas para poder ressurgir a travessia de morte sem medo de nela aprender lições duras, uma vez que a leitura no limiar *por vir* desenha por martelos e bisturis fissuras na certeza e lança o leitor na travessia de outro aprender-ensinar nas emoções incertas de um livro desconhecida onde os sentidos pulsam na liberdade da criação.

O ensinar se tornou mera repetição sem sentido, pois reproduz um jeito que nunca muda, as mesmas estratégias, os mesmos manuais envelhecidos pelo tempo, a mesma hierarquia, a mesma dominação... Assim julgam “as leituras fúteis tão prejudiciais como os bombons e os bolos” (PROUST, 2011, p. 44) para as crianças, todavia, esquecem a vivência perigosa da leitura entre riscos e desvios. Ao alocarem na leitura a futilidade não pensam que “os grandes sopros do gênio tivessem sobre o espírito, ainda que fosse o de uma criança, uma influência mais perigosa e menos vivificante do que, em seu corpo, o ar livre e o vento do largo” (PROUST, 2011, p. 44). Os sopros do gênio da leitura exercem uma força perigosa no corpo do leitor e vivificam as influências dispersas nos arredores. Força que não cessa de contagiar as singularidades do tempo e espaço entre as fissuras, fendas e erosão de uma unidade fixa ou de uma dominação (BLANCHOT, 2011).

O ensinar se faz por errâncias em terrenos movediços, perigos e desvios. Ao caminhar, o andarilho liberta-se do ponto de partida e anseia uma descoberta a cada fenda e fissura. Na jornada anda na desterritorialização dos sentidos guiado pelos desejos, pois a cada ponto de pouso, os sentidos habitam o instante na espera da duração transformadora da caminhada. Talvez o movimento *por vir* ensine a caminhar nas multiplicidades longe dos sentidos literais e sempre no limiar da libertação, fugir das gaiolas é preciso. A leitura por vir se abriga na duração do instante desmedido onde o tempo e espaço se liquidificam nas transfigurações da leitura, o leitor, então se lança ao instante transformador e aguarda duração, a palavra literária perdura o tempo fruição, segue indefinido.

O ensinar deveria acolher o mundo e partilhar vertigens transfiguradoras no interior do aluno-leitor. Ao perscrutar pelas vertigens as singularidades apareceriam. “A leitura de um romance ou de um jornal, ela se desabrocha, inclina-se, mesmo no coração daquele que, assassino na vida real, mantém sua ternura, enquanto leitor de folhetins, pelos fracos, pelos justos e perseguidos” (PROUST, 2004, p. 137). O leitor vive as vertigens que irrompem da obra. A similitude é a vertigem de identificação, movimento

que liga o leitor em sua virtude e semelhança, em contraponto, a oposição é a vertigem de afastamento, movimento que afasta os males e apazigua a alma do leitor.

O leitor no baile de similitude e oposição acolhe e refuta os acontecimentos do livro pelo seu estado de consternação e envolvimento. O leitor ora ama os personagens, ora odeia por outros motivos ou os mesmos que o fizeram amar. O ensinar deve apaziguar o tempo e o espaço nos horizontes indefinidos do pouso que o coração selvagem de ama ler e habitar no mundo literário. Todavia, o leitor por vir deve entender que a “variedade de defeitos não é menos admirável que a semelhança das virtudes” (PROUST, 2004, p.137). E a leitura por vir é esse ensinar a consternação e o horror, a fim de que as almas estejam preparadas para o clamor da leitura.

A água atravessa as pedras e rompe as barreiras, destrói muros e arrebatava embarcações. Quantas embarcações naufragaram na tentativa de vencer a força desconhecida da água? O rio está revoltoso, e o vento sopra contra a direção da maré, a embarcação empunha toda sua potência, entretanto é vencida pela imprevisibilidade da profundidade e da tempestade que lança outro movimento ao rio, a embarcação é engolida pelo canto da água, e é levada a habitar outra territorialidade, todavia, a profundidade ensina a travessia, pois exige coragem para atravessar a morte, somente quem tem coragem de sucumbir à morte está disposto à travessia. A morte lembra a fraqueza da resistência e ensina a força da entrega. A travessia fortalece a alma transgressora e a lança sem amarras a um *por vir* da liquidez sempre em movimento.

O aprender-ensinar *por vir* da leitura dissolve o tempo e não é mais a realidade das horas que habita aqui, e sim, a *metamorfose do tempo* que transfigura “primeiramente o presente em que ela parece ocorrer, atraindo-o para a profundidade indefinida onde o “presente” recomeça o “passado”, mas onde o passado se abre ao futuro que ele repete, para que aquilo que vem volte sempre, e novamente, de novo” (BLANCHOT, 2013. p. 23). O tempo *por vir* da leitura nasce da reminiscência do leitor a um lugar que não é propriamente físico, um lugar involuntário da memória que irrompe do contato do livro ao leitor, e vice-versa. Assim, a palavra literária está a flutuar na leitura rememorando um passado na figura do presente e futuro no passado ainda submerso na memória.

Tais ações se envolvem na leitura sem regras, sem horizonte, sem olhar fixo, sem prisão, sem direção, sem horas ou minutos, sem realidade palpável... Na palavra literária o tempo flutua pelo contato desmedido da vertigem da leitura – sensação do tempo, mas outro tempo, o tempo redescoberto da leitura – onde o *por vir* abraça o

tempo sem cronologia numérica e se lança na escuridão. Almas e tom da dispersão dos sentidos. “O tempo redescoberto é a história de uma vocação que deve tudo à duração, mas só lhe deve tudo por ter a ela escapado bruscamente, por um salto imprevisível, e ter encontrado o ponto em que a intimidade pura do tempo, tornada espaço imaginário” (BLANCHOT, 2013, p. 22). O tempo da duração escapa da organicidade das horas e segue o fluxo imprevisível da leitura, a imprevisibilidade é paixão do leitor em meio a tempo puro da imaginação. Talvez, o ensinar tenha esquecido as singularidades do tempo redescoberto. Algo que Proust não esqueceu:

Um homem que dorme mantém em círculo em torno de si o fio das horas, a ordem dos anos e dos mundos. Ao acordar consulta-os instintivamente e neles verifica em um segundo o ponto da terra em que se acha, o tempo que decorreu até despertar; essa ordenação, porém, pode-se confundir e romper. Se acaso pela madrugada, após uma insônia, vem o sono surpreendê-lo durante a leitura, em uma posição muito diversa daquela em que dorme habitualmente, basta seu braço erguido para deter e fazer recuar o sol, e, no primeiro minuto em que desperte, já não saberá da hora, e ficará pensando que acabou apenas de deitar-se. (PROUST, 2011, p. 8)

O ensinar não está fora do tempo, pelo contrário, está no tempo, todavia não é tempo que o homem instintivamente se reporta ao despertar nas horas, nos anos e no mundo. O tempo é a poética esquecida na alma, o sentimento que pode ser enganado pela vontade de devorar a lentidão dos ensinamentos da leitura. O ensinar necessita enquanto desejo adentrar à fruição para fazer recuar a cronologia das horas e se lançar no tempo sem dominação. Nessa tentativa de mergulho recuar o sol da razão, no intuito de esquecer a hora mensurada e experimentá-lo “como um *exterior*, sob a forma de um espaço, esse espaço imaginário onde a arte encontra e dispõe seus recursos” (BLANCHOT, 2013, p. 17). O espaço imaginário do tempo se constitui de imagens de uma memória involuntária sem cronologia e que está a brincar com presente e passado e retorce em um por vir liberto a renovação.

O aprender-ensinar *por vir* da leitura é “o educar com jeito de respirar: nada se aprende da asfixia” (SKLIAR, 2014b, p. 159), nada se aprende em gaiolas, nada se aprende preso na inércia do pensar, do tempo e do espaço, nada se aprende na repetição rotineira, nada se aprende sem liberdade, nada se aprende sem viver, nada se aprende sem experimentar. O ensinar é olhar as singularidades e experimentá-las nas vivências para além das amarras, assim, aprender o valor do pôr do sol, do movimento das cachoeiras, da força do vento, das tempestades, das melodias, das transfigurações, da chuva, do mar, do pensamento. “O educar como jeito de escapar: da apatia, da tirania,

da voz paralisante” (SKLIAR, 2014b, p. 154). O educar contra os regimes paralisantes, para escapar da tirania que se apresenta como um modelo limitado de educação.

Ensinar com um acolher a força da alma selvagem que emana a todo o momento da aventura, a nova jornada da devoração: a devoração é o ensinar-aprender em lentidão e ruminação, uma devoração do mundo na direção dos céus próximos, dos poemas do poeta, do desabrochar das flores, do caminho indeterminado do vento, da tormenta das águas ou das águas calmas, das profundezas do pensar, dos abismos submersos da leitura ou do ensinar, dos desertos movediços que mudam com a direção do vento, ao oceano das memórias, aos subterfúgios das tempestades, aos porões ainda esquecidos...

Ensinar para alçar voos. Aprender para alcançar cumes, céus... Ensinar para encontrar profundezas, abismos e perfurar buracos... Aprender para libertar-se das amarras de uma razão dominadora. O ensinar como regresso involuntário ao lugar ainda inexplorado. O regresso é a possibilidade de lançar outro olhar para o mesmo lugar, mesmo desconhecido... Destarte, estranhar o lugar óbvio e lançar o olhar diferente, ainda que distraído para depois colocar e deslocar sentido. O ensinar é o estranhar algo óbvio e propor outro movimento. Olhe em busca da profundidade a fim de vislumbrar nas entrelinhas um sentido novo ou outro sentido devorado por transfiguração. Olhe ao redor! e respire outra atmosfera, outros ventos e mergulhe no mesmo rio, porém nunca serão as mesmas águas, nem a mesma lição, nem o ensinar, talvez.

O aprender para nada e para nada ensinar, pois, a dispersão dos sentidos está a flutuar entre passado, presente e um *por vir* sem tempo ou espaço, sem dominação, flutua na espera de uma vertigem, o acolhimento. Nada se ensina, apenas aprende, todavia aprende a ensinar, mas esquece, pois insiste em sumarizar sentidos e “ensiná-los” a repetir, e repete cotidianamente as mesmas coisas. O ensinar deve se reconciliar com o movimento do vento, do mar, nas oscilações da terra, no movediço da alma, no fogo que aquece o coração, no deserto, no devir... Aprender então ao acaso, sem pretensão de dominar o mundo ou dominar na soberba. A parte de fogo que cobre o coração e a pulsação espalha nas veias a força do livro a penetrar na alma, e ao penetrar nas profundezas do corpo reage a este acaso que invade o *por vir*.

“O aprender como uma inutilidade para enganar o tempo” (SKLIAR, 2014b, p. 155). Ao enganar o tempo a rigidez da temporalidade se desfaz no ar. “O tempo é capaz de um truque mais estranho” (BLANCHOT, 2013, p. 16). Os truques pregam peças na rigidez de uma escolarização e os põem a brincar na malha do tempo. Esqueça o tempo cronológico, e viva “certo incidente insignificante, que ocorreu em dado momento,

outrora, esquecido, e não apenas esquecido, despercebido” (BLANCHOT, 2013, p. 16) eis o tempo a trazer de volta a lembrança doce de fato real algo “que acontece de novo, num novo momento do tempo (BLANCHOT, 2013, p. 16). O tempo é a liquidez do contato íntimo do livro, desmedido, a leitura apresenta ao ensinar a poética livre que liberta o leitor das amarras do tempo cronológico, ao se libertar do tempo cronológico vive nas páginas sensações inimagináveis no tempo próprio da narrativa.

Aprender sem tempo e espaço. O ensinar é a surpresa de um olhar distraído. O tempo perdido que ensina o olhar sobre as singulares. “Aprender durante a queda da folha, durante a queda da chuva, durante o descenso das costas” (SKLIAR, 2014b, p. 155), aprender durante o pôr do sol, durante a tempestade, durante a ventania, durante a travessia. A poética ensina sempre uma lição valiosa, um desvio mortal, um aprender a olhar. Aprender a olhar o horizonte das singularidades é lição por vir dos sentidos dispersos que experimentam a liberdade na tentativa de desenhar o mundo livre das amarras da razão.

O leitor observa distraído o movimento das nuvens, retorna ao livro, e com a imaginação está a aprender-ensinar lições de paciência, as nuvens de outrora dançam nas dissimilitudes dos simulacros da imaginação criadora que o leitor abraça no ensejo de sentidos da leitura. O leitor encontra mais sentidos dispersos no mundo e no livro. Aprender-ensinar ao modo de Manoel de Barros: “Aprendo com abelhas do que com aeroplanos” (BARROS, 2002, p.27), um aprender-ensinar no horizonte profundo das melodias ínfimas do vento, mar e do livro; melodias singulares das abelhas ao devorar o néctar das flores, a melodia da grama a crescer no tempo singular da natureza, uma melodia na profundidade do olhar ínfimo do poeta.

O olhar do poeta vislumbra a singularidade potente do mundo (da leitura), pois em seu olhar observa distraído um mundo fora da realidade funcional que cega o homem na produção e não o faz ver os sentidos profundos do mundo; diferente, o poeta e o leitor aprendem a observar o mundo no olho menor das coisas, “o olho vê, a lembrança revê, a imaginação transvê” (BARROS, 2001). O imaginário do poeta-leitor transvê os sentidos do livro na imaginação, ao imaginar outras visões transvistas, transgride a realidade e olha os pormenores das linhas, flores, abismos e formas. Um mundo (da leitura) transvisto oferece ao poeta-leitor melodias novas de um outro olhar, “é um olhar para o ser menor, para o insignificante” (BARROS, 2002, p.27). Um olhar menor atento à profundidade complexa do insignificante, um olhar aprendiz das coisas

menores do mundo ou do livro onde o leitor possa refutar a visão ampla de tudo e começa a olhar a alma do mundo e do livro na leveza poética da leitura.

Um leitor menor dança na melodia desconhecida do livro onde as vozes ainda não alçaram voos. No olhar menor, aprender a ver as coisas ainda desconhecidas do mundo ou do livro e ensinar o valor do cair das folhas, das direções dos girassóis, a profundidade do mar, a força do vento, o pulsar do coração, a liberdade do mundo e das palavras. “É preciso transver o mundo” (BARROS, 2001) na leveza da leitura e sua miudeza. “Ainda não entendi por que herdei esse olhar para baixo” (BARROS, 2002, p.27), um olhar para baixo enceta uma possibilidade de descoberta de si e do mundo, e ainda, olhar para baixo também oferece ao observador, a cada olhar, um horizonte sem soberba ou astúcia, um olhar para baixo inocente e sensível ao outro.

O poeta-leitor transvê o sorriso doce do personagem na sua alma, outrora lembra da passagem do livro pelo qual refletira a aventura com o outro, “fui criado no mato e aprendi a gostar das coisinhas do chão” (BARROS, 2002, p. 27). Ao lembrar o passado transvê seu caminho em uma possibilidade de saber de onde partiu, todavia, o ponto de partida já não importa, pois ao transver o passado coloca nele um por vir desconhecido como resposta, isto é, ao olhar o passado de baixo vê outras profundidades, o chão múltiplo. Aprendeu assim, o poeta-leitor, a tocar novas melodias em uma infância inocente e simples de um olhar menor as pessoas e livros vindos do solo menor de sua lembrança.

O poeta-leitor aprendeu a olhar o mundo desde o chão. No olhar o chão segue o rastro de passado humilde onde aprendeu a gostar das coisas dispostas ao caminho, coisas singularmente profundas. O olhar ainda rumo à alma do outro, desta forma, antes da soberba o seu olhar é livre, livre do mundo cheio de sentidos preditos por tentativas frustradas de apreender a essência das coisas em suas superficialidades. O poeta-leitor ensina aprender-ensinar uma melodia na profundidade do ser, no intuito de despir o mundo de si e da leitura do saber altaneiro de “aprendimentos” modelados por uma razão utilitarista, para que possa sentir a melodia poética da leitura na liberdade do corpo livre que, ao colocar os pés nus no chão, o poeta-leitor sente as oscilações das profundezas da leitura.

Um aprender-ensinar aprender “antes que das coisas celestiais” (BARROS, 2002, p. 27), antes que qualquer canto dogmático, antes que qualquer possessão. Uma melodia onde o poeta-leitor possa dançar no abandono de suas certezas e passar a comover pelas árias dos personagens do livro e suas melodias complexas. “Pessoas

pertencidas de abandono me comovem: tanto quanto as soberbas coisas ínfimas” (BARROS, 2002, p. 27). Talvez, a poesia tecida no voo leve ao cume das coisas ínfimas, transfigure o tempo e o desejo do leitor, transfigurado o poeta-leitor dança feliz com sorriso do personagem que tanto amará, e o leitor chora ao sentir a melodia triste de sua morte. O personagem, mesmo em sua morte, vive nas melodias poéticas uma potência criadora de universos diferentes, o por vir e seus simulacros.

O aprender fragiliza o tempo e liquefaz a consciência, os espaços e as memórias... A leitura agita as sensações e o “livro vai nos agitar como um sonho, mas um sonho mais claro do que aqueles que sonhamos a dormir e cuja lembrança vai durar mais tempo” (PROUST, 2011, p. 72). O tempo do livro desenha uma atmosfera de sonho que aquece o coração do leitor, ao aquecer o coração a lembrança das aventuras flutua na imaginação, a lembrança “assim muda nosso coração, na vida, e esta é a mais amarga das dores; mas é uma dor que só conhecemos pela leitura” (PROUST, 2011, p. 72). Aprender no desfazer do tempo, da cultura, da arrogância, da produção, das linhas retas, do ensinar como repetição. Aprender no movimento da poética do tempo que a leitura transfigura o espaço do livro e do mundo no voo livre das incertezas e dispersão dos sentidos... Uma poética do ensinar *por vir*... No limiar da brisa do sol, do cair das folhas, estradas de chão, do arco-íris a luzir no horizonte. Por um ensinar como lembrança de um tempo perdido salutar, da alma do leitor, que nasce pela leitura *por vir* no intuito de bailar a melodia nova de uma educação em direção às sensações e sentidos poéticos enviesados na fruição.

Pousos Por vir

O voo encontra o pouso na possibilidade. O leitor que outrora sobrevoa os sentidos observa a leitura chegar à sua pausa. No pouso repousa por uma possibilidade, na possibilidade devora os sentidos da leitura. Pausa e ruma. O leitor apaga a luz da razão e aos poucos os sentidos vão sendo acolhidos e refutados na devoração da leitura. O leitor já não sabe o que sucederá, mas suas sensações estão aqui transfiguradas por uma leitura que apresenta abismos, profundezas, criação, destruição de valores, a quebra da razão utilitarista. O leitor caminha sem possessão, sem ensejar ser atividade ou guia, a leitura está no acolhimento do leitor, assim, acolhe os sentidos que fortificam a alma. O livro assim dançou a grandiosidade da sua profundidade, e outros sentidos brotaram do livro ao leitor.

O tempo da produção transformou o livro, a sala cheia, em lugares vazios, frios e funcionais. A única voz que ecoa na leitura brada na reprodução, como melancólico labor de um tempo em que tudo se constrói sem ruminação, a leitura segue caminhos já preditos. Todavia, há que romper com o tempo da reprodução para que o leitor crie uma leitura sem espaço e tempo definido. Tal movimento livre da leitura revigora no leitor sensações singulares vivenciadas no livro por uma magia salutar a alma que aquece o coração de quem se entregou à produção, e até o leitor mais crítico ou erudito se rende à potência enigma da leitura e segue a desconhecê-la. O leitor desconhece um tempo ou espaço produzido, uma vez que caminha a criação de novos sentidos, lugares, destinos, rotas... A leitura assim voa na possibilidade de criação onde a leitura se transfigura no contato do livro-leitor.

O voo do leitor des-cria uma leitura e começa a construir um por vir. Assim, a leitura guarda os lugares onde a leitura do livro aconteceu... O lugar onde ele dedicou horas de empenho aos personagens do livro que tanto amava. O fim do livro anuncia um começo, o ciclo não veja enquanto o leitor não pousar no sentido devorado. O leitor esquece a multidão de sentidos e retorna do seu estado de submersão e embriaguez, viu o fim, não como término da sua dedicação, pelo contrário, como um habitar na plenitude de cada leitura em singularidade. O leitor por vir feliz está pela sua descoberta, se perdeu novamente no seu fluxo inconstante da leitura. O leitor lembrou

as reminiscências de outros tempos da leitura onde o educar se secundariza nos desvios poéticos da melodia do livro.

O leitor pausa na melodia do livro e as canções ensinam lições singulares de devoração, abismos, transfigurações... O leitor assim lê na embriaguez das singularidades, a cada página, desvios, a cada página um mundo imaginário. As páginas vão desenhando pousos da leitura, sentimentos ainda não devorados, o leitor então ruma os sentidos do pouso, acolhe e os refuta. O leitor vagou por linhas corporais diferentes das suas por terrenos íngremes desconhecidos, na verdade, nunca soube aonde estava indo, apenas continuava seguindo sem rumo até encontrar seu pouso. O pouso da leitura rompe com as horas, as razões, as verdades e coloca no solo possibilidades novas aos leitores e às leituras. O leitor daí tirava seu aprendizado, ventos e mares.

O leitor voa no mar por vir e ouve a encantadora melodia das Sereias, pausa o leitor na possibilidade mortal se entrega, e na morte encontra a libertação das amarras da razão, o leitor livre segue a criar na profundidade da leitura outros sentidos somente possíveis longe da razão. O pouso ao canto, o leitor liberta-se do fluxo de produção moderno na vida do leitor moderno tudo acontece tão rápido, começou a ganhar status onde não devia merecer, ganhou reconhecimento por vitórias da produção e reprodução – que não pareciam válidas ao leitor por vir –, o engano era pensar na reprodução da leitura como experiência de grandeza, pois leitor moderno em seu íntimo queria ser grande, mas a leitura por vir é menor, é singular, livre das melodias de produção da máquina magistral, é criadora de sentidos novos na profundidade do livro.

A vontade de grandeza acompanhou o leitor moderno, era grande de sentidos, soberba e dominação. Seu espírito estava preso no claustro da produção, repetia, na inconsciência desfredda na reprodução, se entregou a um sonho que não era dele, mas que reproduz como se fosse, no final, tudo foi reproduzido no rigor da produção que o leitor moderno nem reconhecia, do livro conseguiu o que mais queria abrindo mão dos seus desejos primários da leitura, assim, abriu mão da sua própria entrega para possuir a leitura sem renovação e criação. Voe, leitor, rumo ao por vir e pause na ruminação dos sentidos, e verá que a leitura ainda não acabou, pois há indícios de que os sentidos se desenham em meio à incerteza pelo caminho, talvez.

O leitor por vir segue seu caminho, sem grandeza, sem dominação e certezas. No caminho voa e encontra os abismos da leitura onde o movimento das tempestades por ventos fortes deixa os sentidos à deriva. A potência da tempestade fez o leitor perder o

chão e voltar à insegurança, embaixo dos seus pés agora habita um solo arenoso da leitura. O leitor por vir voa por terrenos movediços do livro, assim, lerá as páginas por sua transfiguração. Transfigure-se na leveza do mundo e nele pertença à devoração ou a outras melodias. Ande no mundo por muito tempo ou, o suficiente para que o contato com o livro transfigure o seu íntimo moderno, em um íntimo ainda por vir, e assim, é na devoração que o leitor transfigura seus sentidos de certezas e se lança a incerteza do livro, sentidos e palavras desconhecidas – dimensão profunda da leitura – o leitor por vir segue sem amarras e passa a instaurar novas tábuas no mundo que ele criou na leitura, todavia, sem legislar por qualquer razão dominadora, legisla o novo na criação de outro novo, sempre em movimento, que pode pousar no momento e em outro movimento se cria.

No pouso o leitor regressa da leitura, o leitor relembra a caminhada: À meia noite os sinos batem quebrando o silêncio, e as horas insistem em regressar à realidade. O silêncio envolve o leitor em amabilidade, e o faz seguir o barulho seguinte rumo ao labirinto do mundo *por vir*, e caminha, onde os sentidos são transgressores das objetividades, das verdades absolutas, dos caminhos frios e infrutíferos. O mundo *por vir* dos andarilhos, andou o andarilho para além do mundo, e pelo mundo, entre ensejos espirituais. Disse sim às verdades e às mentiras pelo caminho, pois queria ser aquele que iria devorá-las, em tal impulso caminhou na lentidão e ruminação, ao final da ruminação reflete: Qual sentido se pretende habitar se não for pela devoração dos sentidos que se des-criam na leitura? Os sentidos que outrora caminhou começam a ser devorados, assim, acolhe as pulsões das singularidades, as verdades leves, os sentidos livres, e refuta tudo lhe que prendia à razão. De tal maneira, o andarilho (leitor) devorou as incertezas na pulsão de deslocá-las nos desvios do caminho possível da leitura *por vir*. A leitura por vir é o caminho à criação de novos sentidos do livro que o leitor subverte as margens interpretativas, a fim de que a criação possa surgir da transfiguração e devoração dos sentidos profundos do livro.

Andarilho, velho sábio, jovem de barriga jovial, criança inocente, Dionísio. Andarilho, seu corpo de areia, de muitas facetas, plural e desviante; homem-linguagem, andarilho *por vir*. Nietzsche ressoa: Meu bom homem, por onde andaste? Que bagagens carregas pelo caminho? Que sentidos trazes? Ou perdido estás? Nobre confrade, de que terras vens? De que água hás de beber? Quais histórias subjazem no teu rosto cansado? Com quais adversários lutaste? Grandes feras? Ou monstros interiores? Meu bom homem deite, pois, mais jornada terás amanhã. Descanse a alma que essas cicatrizes

logo desaparecerão, serás um novo homem se aprender a esquecer, uma vez que, perdido sempre estarás enquanto regressares ao labirinto da leitura.

O andarilho percorreu solidão da leitura em lentidão, seu olhar se perdeu em meio às cores, e o sol que o aquecia o levou por todas as direções que iluminava... Segue a caminhar acolhendo os leves sentidos do caminhar na estrada rumo à devoração. O corpo do andarilho era envolvido lentamente pelos sentidos embriagantes da leitura. O leitor experimentou um sorriso afável dos personagens que mais gostara – doce era a leitura de amor –, todavia, sofria a cólera do leitor a morrer putrefato na soberba da sua escolha. No contato com livro, o leitor transfigura os sentidos da leitura em seus próprios sentidos revigorados por uma leitura em devoração, fortifica o seu espírito nos sentidos do livro. O leitor assim segue as tramas e os dramas de livro não terminado.

O leitor da profundidade abraçou a poesia do livro em sua alma. A poesia poetou novos sentidos de leveza à leitura, assim como, o aprender-ensinar. A leitura dança na pulsão poética da criação onde a poesia devora a objetividade da leitura e ensina o leitor a devorar os sentidos de liberdade. Voe no sentido da liberdade e poesia e adentre em um educar e aprender liberto no limiar da singularidade, no pouso, a singularidade transfigura os espaços e tempos da leitura... O mundo não era o real, e sim, o imaginário tecido nos simulacros do livro, outros mundos movediços onde a (re)produção e o leitor passa a criar melodias poéticas por uma leitura.

Os ensaios chegaram ao pouso e nossa tentativa agora se pauta em entrelaçar os fios que estão abertos para o conclusivo fim, todavia, não almejamos amarrar os fios na teia da razão, a teia apresentada se tece sem instaurar um fim enquanto ponto final, pelo contrário, é constante o caminhar e desenrolar dos fios, assim, caminhe a partir desse momento na liberdade de criação, e cria novas devorações. Ao caminhar pela leitura por vir a incerteza traceja o indefinido que não tentamos definir, apenas acolhemos em sua indefinição. Destarte, pousamos nosso pensar, no ensejo que a leitura como sua dimensão por vir apresenta uma desterritorialização das verdades totalizantes e descortina a leveza poética da leitura e da alma do leitor enquanto experiência salutar de outro ensinar e aprender (vida cotidiana e escolar) que reverbera um tempo e espaço outro apenas habitado pela leitura em seu estado por vir.

A ti, leitor, que dedicou tua atenção aos ensaios, deixamos a inquietude e o desassossego para agora ser aquele que criará novas tábuas à leitura. Assim, o fim caminhará no próprio por vir enquanto possibilidade de caminhar por novas melodias,

transfigurações, abismos, sentidos ou por outros sentidos submersos na profundidade da leitura... Caminhe nas veredas de uma *leitura por vir* para não se prender a uma razão, e, como leitor-poeta, abrace a vertigem do livro como morada nômade, o desassossego.

Tais ensaios foram nossas inquietações por ora, destarte, ensejamos o doce sabor da leitura e o agridoce da aventura, há que se aceitar o amargo para fortificar a alma, a leitura é feita de todos os sabores, é preciso devorá-los, para acolhê-los e refutá-los, a fim de que a devoração da leitura geste sentidos leves, flores efêmeras, todas são, inclusive nós. No intuito de perspectivar melodias da leitura emanadas no contato do texto-leitor, buscou-se pensar na leitura por vir e seus sentidos outros, por um tempo e espaço desenhados nas vertigens do abismo, nas melodias de devoração, sereias, canibais, andarilhos e transfigurações... Uma poética *por vir* da leitura tecida nas dimensões filosófica e literária onde as sensações poéticas do livro e do mundo caminham no contato do texto-leitor por sentidos corpóreos da leitura, canibais, ditos e não ditos, silêncios e ruminação da leitura e devoração, desta forma, ensejamos que o gesto da leitura gere renovações poéticas dos sentidos (sentidos educacionais e de vida cotidiana), onde nosso espírito possa ser preenchido por uma experiência salutar das singularidades da poesia por vir da leitura.

Enfim a alma deseja repousar e habitar uma experiência salutar da leitura, em busca do “tempo perdido”, em que os sentidos excitam o desejo e a devoração rumo a uma leitura desconhecida. Mas antes, é preciso nos perder para nos encontrarmos, despir-nos da nossa consciência, realidade, arrogância, cultura, história, sabedoria, referências, ideais e certezas, para que a vivência da leitura seja plena e leve, despida do já sabido para mergulharmos no *por vir* do desconhecido, sem medo da morte e sua travessia. Lança-te, leitor-poeta, na melodia por vir e verás no mundo novos cenários, ouvirás novas melodias, desbravarás novas terras, aprenderás com a pluralidade da vida. Voe na leitura sem medo de se perder nos contornos do texto-leitor, uma vez que os sentidos no pouso irão ser devorados, acolhidos e refutados, e assim, a criação se dará na potência revigorada de uma leitura por vir entre voos e pousos.

Letras & Poesia

ADORNO, Theodor W. Horkheimer, Max. **Dialética do esclarecimento**. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BARROS, Manoel de. **Retrato do artista quando coisa**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita**: ausência do livro. Tradução de João Moura Jr. São Paulo: Escuta, 2010.

_____. **A parte de fogo**. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

_____. **O espaço literário**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

_____. **O Livro Por vir**. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora WMG Martins Fontes, 2013.

CORAZZA, Sandra. **Artistagens**: filosofia da diferença e educação. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

COSTA, Gilcilene Dias da. No quarto com Proust; Nietzsche, Deleuze Notas sobre o desaparecimento do leitor na literatura. In: LEMOS, Flávia Cristina Silveira. GALINDO, Dolores. (orgs). **Criações Transversais com Gilles Deleuze**: Artes, saberes e política. Curitiba: CRV, 2016.

COSTA, Gilcilene Dias. **Trilogia antropofágica** [*a educação como devoração*]. (Tese de Doutorado). Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008, 190f.

COSTA, Gilcilene. CAMPOS, Jessé. **O Corpo Vivo da Leitura**: Sentidos e Experiências Formativas em Nietzsche e Proust. Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 27, n. 2, p. 19-33, mai./ago. 2016.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil platôs** - capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 3x4, 1995.

DURAS, Marguerite. **Chuva de Verão**. Lisboa: P.O.L. Editeur, 1991.

FOUCAULT, Michel. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. 2ª ed, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução de Christian Werner, São Paulo: Cosac Naify, 2014.

JARDIM, Joao. CARVALHO, Walter. **Janela da alma**. São Paulo: BR distribuidora, 2001.

KAFKA, Franz. **O silêncio das sereias**. Tradução de Sergio Tellaroli. In: HOMERO. Odisseia. Tradução de Christian Werner, São Paulo: Cosac Naify, 2014.

LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora**: Blanchot, Foucault e Deleuze. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Traduzido por Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio Janeiro: Rocco, 1999.

_____. **Felicidade Clandestina**: contos. Rio Janeiro: Rocco, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

_____. **Assim Falou Zaratustra**. Tradução de Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **Ecce homo**: como alguém se torna o que é. Tradução de Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Escritos sobre Educação**. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho, Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2003.

_____. “O eterno retorno”, In: Nietzsche – **Obras incompletas**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**: No Caminho do Swann. Tradução Mario Quintana, 3ª ed. São Paulo, Globo, 2011.

_____. **Em busca do tempo perdido**: À sombra das raparigas em flor. Tradução: Mario Quintana. São Paulo: Globo, 2012.

_____. **Em busca do tempo perdido**: O tempo redescoberto. Tradução de Lúcia Miguel Pereira. São Paulo: Globo, 2013.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

RILKE, Rainer Maria. **Nuevos poemas II**. Madrid: Hiperión, 1994.

_____. **Poemas**. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem**: educar. Tradução de Giane Lessa. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014a.

_____. **O ensinar enquanto travessia:** linguagens, leituras, escritas e alteridades para uma poética da educação. Tradutores Adail Sobral... [et al.]. Salvador: EDUFBA, 2014b.

QUINTANA, Mario. **A vaca e o hipogrifo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

ROSA, Guimarães João. **Grande Sertão:** Veredas. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 1994.

ROWLING, Joanne K. **Harry Potter e a câmara secreta.** Rio de Janeiro: Rocco, 2000a.

_____. **Harry Potter e as relíquias da morte.** Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

_____. **Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban.** Rio de Janeiro: Rocco, 2000b.

_____. **Harry Potter e o enigma do príncipe.** Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

ZUSAK, Markus. **A menina que roubava livros.** Editora Intrínseca, 2011.